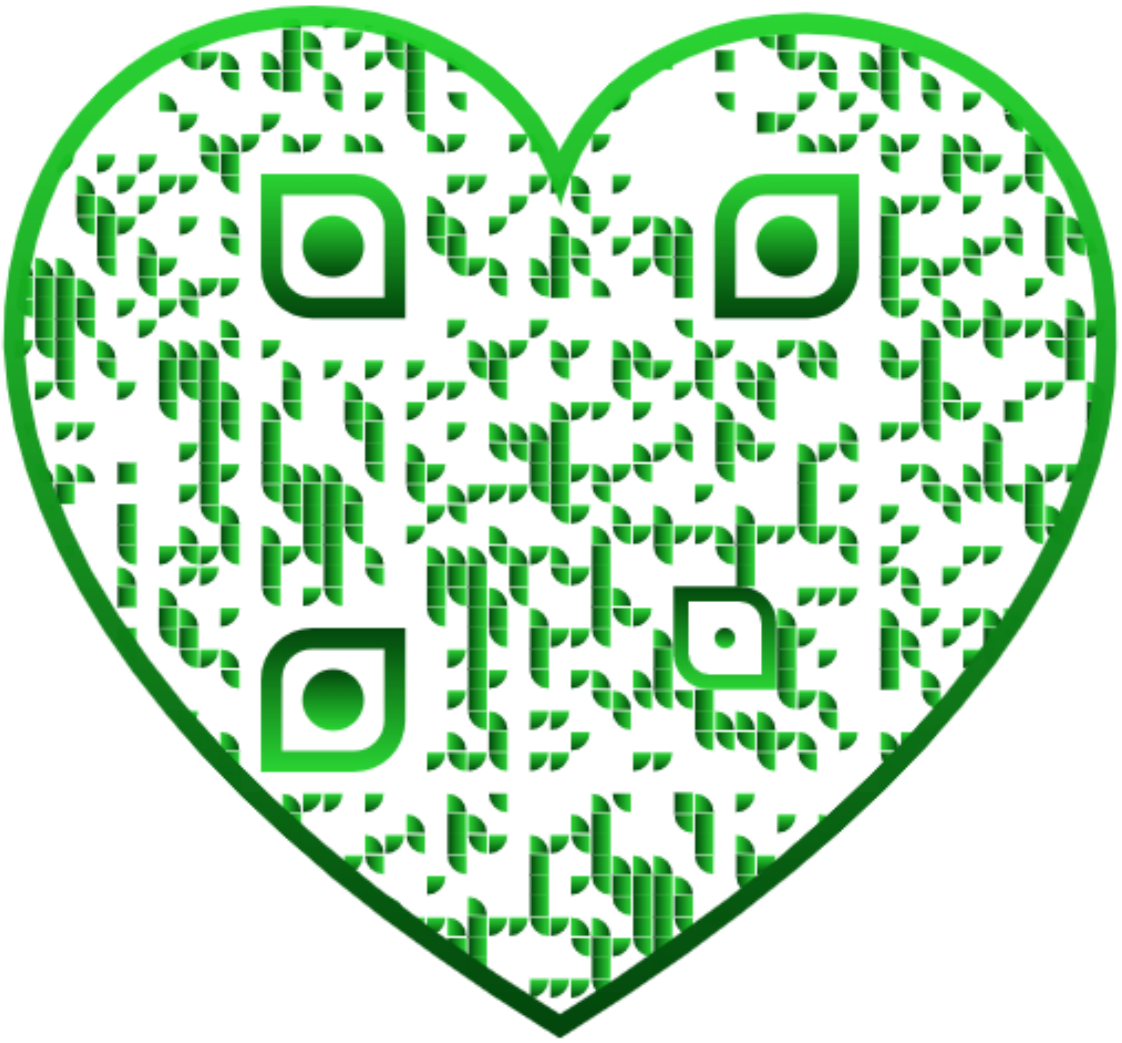
LOUD!

MENSAL
ANO XVIII
N.º 201
12/2017
€3.50
[CONT.]

WATAIN
WITCHERY
REDEMPTUS
DEF LEPPARD
HONEYMOON DISEASE
MALCOLM YOUNG | 1953-2017

CONVERGE

"A única coisa que queremos é escrever música honesta."



SWR Barroselas Metalfest 21

SUFFOCATION CARPATHIAN FOREST
NIFELHEIM COCK AND BALL TORTURE
FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM EVIL INVADERS
INTERMENT SOURVEIN PROCESS OF GUILT NEKROMANTHEON
DYSCARNATE HEXIS TEETHGRINDER ANDRALLS DÉPARTE

X-MAS PACK

ON SALE AT:
SWRFEST.BIGCARTEL.COM
LIMITED TO 350 UNITS

TICKET + T-SHIRT + CUP + 3 STEELS + BAG
AVAILABLE SOON AT YOUR LOCAL STORE !

27 - 29 April 2018 ← Barroselas - Portugal → www.swr-fest.com

SUPER BOCK · JACK DANIEL'S · WONDER WORKER · LOUD! · ARTE SONORA · ULTRAJE · NAAM · ipdj

IRON MAIDEN

LEGACY OF THE BEAST

EUROPEAN TOUR
2018

13 DE JULHO › ALTICE ARENA

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS

WWW.IRONMAIDEN.COM

Prime Artists

PEVENTERTAINMENT

M/G

JÁ NÃO HÁ HERÓIS?

À medida que os anos vão passando, e sobretudo de há uns tempos a esta parte, parece que cada vez há menos, de facto. Vivemos numa época em que já nos começámos a habituar às despedidas — o que, verdade seja dita, nunca é bom sinal. Parece que não há semana que passe sem dizermos adeus a um músico ou artista influente, daqueles que, por razões mais ou menos óbvias, nos tocaram no âmago. O Novembro de 2017 nem tinha sido um mau mês, mas infelizmente não conseguimos ver-lhe o fim sem que antes nos fosse roubado mais um dos nossos heróis. Estávamos na habitual azáfama de dar os últimos retoques em mais uma edição da nossa/vossa revista quando recebemos a notícia do falecimento de Malcolm Young, que caiu na redacção como uma bomba. A verdade é que, goste-se mais ou menos da música dos AC/DC, não há aqui quem se atreva sequer a não mostrar respeito por um dos bastiões do rock'n'roll proletário, "sem espinhas".

Um caso raro de consistência e inabalável vontade de vencer num universo em que, com mais frequência do que seria desejável, se acaba por dar mais importância ao factor inovação que ao que mais interessa, que é a qualidade das canções, os autores de hinos como «Let There Be Rock» ou «Highway To Hell» — para citar apenas dois dos mais famosos, já que a lista, convenhamos, é interminável — não só provaram que, ao contrário do que o poder instituído queria fazer crer nos anos 80, o rock é muito mais que apenas poluição sonora, como ainda mostraram que uma banda não tem propriamente de reinventar a roda a cada disco que grava. Os AC/DC, apoiados na sua forma de blues rock arruaceiro e carregado de ginga sensual, conseguiram manter-se sempre entusiasmantes ao longo dos anos, influenciando geração após geração. Muita dessa magia se devia ao talento de Malcolm como compositor e guitarrista rítmico, com o som inconfundível da Gretsch através de um Marshall a delinear a personalidade da banda. Apesar de o músico já estar afastado do grupo que formou com o irmão Angus, para quem as câmaras sempre estiveram mais apontadas, não há como não lamentar o desaparecimento de tão enorme prodígio.

Valha-nos, portanto, gente como o Jacob Bannon que, pese o facto de se mover num campeonato diferente e consideravelmente mais extremo, tem vindo a revelar génio suficiente para, daqui a uns anos, ser visto de forma semelhante. O paralelo até pode não ser o mais óbvio, o próprio músico iria com toda a certeza procurar um buraco para se meter se ouvisse alguém dizer-lhe isto, mas a verdade é que, por esta altura, tanto ele como os Converge são já uma referência para várias gerações de fãs de música extrema. Não é segredo nenhum que muitos de nós na equipa da LOUD! gostam dos Converge — há, inclusivamente, quem tenha iconografia associada ao grupo tatuada. Não será assim tão difícil perceber porquê. Desde 1990, o grupo de New England tem assinado alguns dos mais desafiantes discos de que há memória, empurrando consistentemente o género para paragens que ninguém poderia ter imaginado.

Com o «Petitioning The Empty Sky» e o «When Forever Comes Crashing», a banda já se tinha estabelecido no underground, mas foi com o icónico «Jane Doe», de 2001, que deu o verdadeiro tiro de partida para uma carreira sempre em crescendo, que atinge agora um novo patamar com o novíssimo «The Dusk In Us». Naquela altura o poder do heavy metal e do hardcore eram uma realidade mais que cimentada, mas foi com esse álbum — editado uma semana antes dos ataques do 11 de Setembro — que, por fim, encontrou sentimentos como a dor e a angústia, espelhados numa descarga sónica altamente emocional e sem precedentes. Imprevisível e elegante, até progressivo — de uma forma bem suja e D.I.Y. —, o «Jane Doe» canalizou aquela precisão thrash dos Slayer para capturar a raiva cáustica dos Black Flag. Desde então, nada mais ficou na mesma e, apoiados numa sequência de álbuns a que ninguém pode apontar o dedo, os Converge estão feitos numa das propostas mais gratificantes de que há memória no universo da música pesada em muito tempo.

LOUD!

N.º 201 / DEZEMBRO 2017

LOUD!
Rua Carlos Mardel, 32 - 3.º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 218075103

E-MAIL
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

COLABORADORES
Carlos Guimarães, Emanuel Ferreira, José Almeida Ribeiro, Luís Pires, Luís Rattus, Nelson Santos [ns@loudmagazine.net], Pedro Pedra, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Estefânia Silva, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque

DESIGN
Joaquim Pedro

ILUSTRAÇÕES
Bela Hilário, Stebba Ósk, Pedro Silva

DEPARTAMENTO FINANCEIRO
Bernardo Serralha [bernardo.serralha@loudmagazine.net], Pedro Oliveira [pedro.oliveira@loudmagazine.net]

DEPARTAMENTO MULTIMEDIA
Daniel Marujo
[daniel.marujo@loudmagazine.net]

WEBDEVELOPER
Marco Morais
[marco.morais@gmail.com]

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.

DISTRIBUIÇÃO
VASP

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE
#201

NOTÍCIAS 06

STUDIO REPORT
AXIA 08

BIOLENCE 10

MIDNIGHT 11

HONEYMOON DISEASE 12

DEF LEPPARD
HYSTERIA 14

ASSINATURAS 17

L! MIXTAPE **ZÉ PEDRO** 22

LOUD! DJ **LÂMINA** 24

REDEMPTUS 26

MALCOLM YOUNG | 1953-2017 28

WITCHERY 30

LABEL REPORT
HAERESIS NOVIOMAGI 32

CONVERGE 34

WATAIN 40

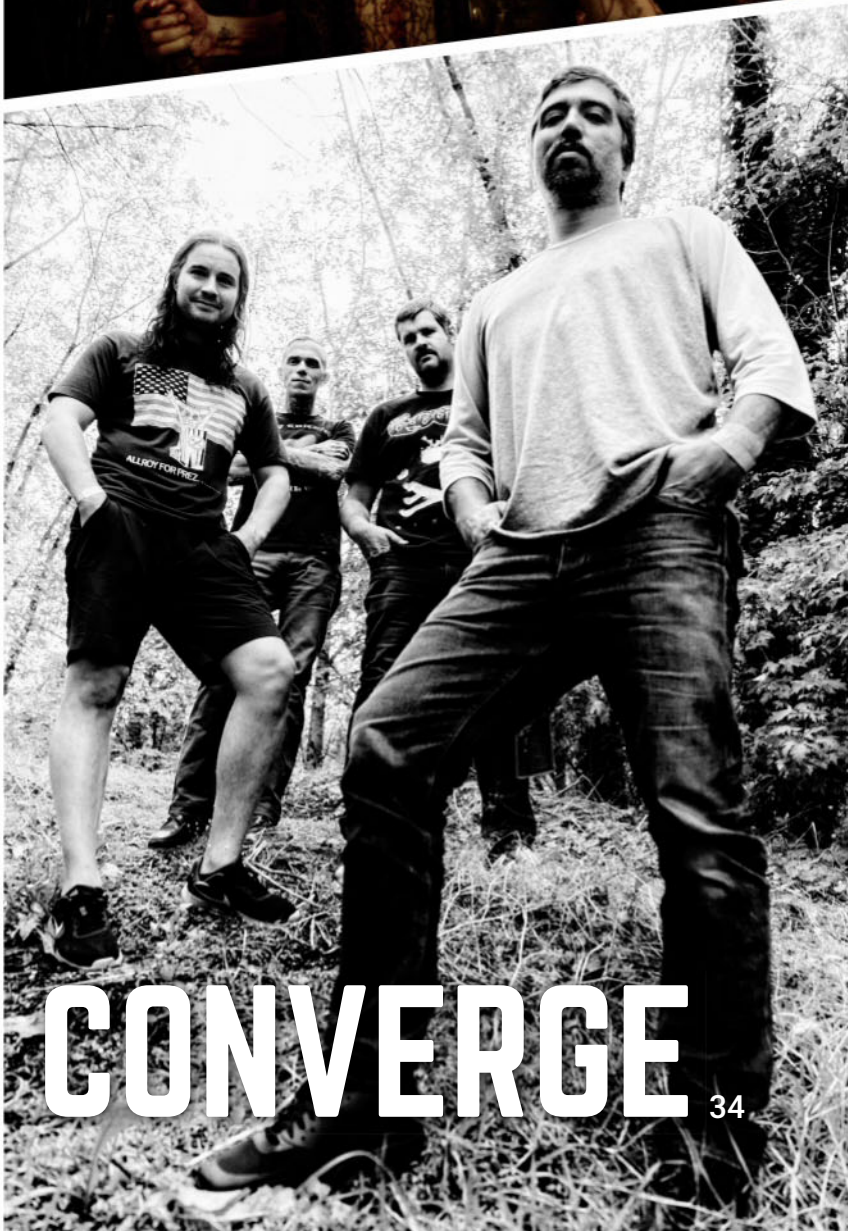
DISCOS 44

TESOURINHO PERTINENTE
KEELHAUL 55

BRUNO FERNANDES 56

LIVE & LOUD! 58

AGENDA 66



NOTÍCIAS
POR NELSON SANTOS

PERPETRATÖR

Um ano após a edição do trabalho conjunto dos **BLACK BOMBAIM** com Peter Brötzmann, o trio de Barcelos anuncia mais um projecto *fora da caixa*. Trata-se de um ciclo de residências artísticas com três músicos nacionais, "descontruindo o habitual processo de criação". O próximo disco, a lançar pela Lovers & Lollypops no segundo semestre de 2018 será o resultado da interacção exploratória entre a banda e Pedro Augusto (Live Low, Ghuna-X), Jonathan Saldanha (HHY) e Luis Fernandes (peixe : avião), em três sessões diferentes em espaços icónicos do Porto, a começar já este mês.

Os **CONCEALMENT** já trabalham na feitura de um futuro álbum, o sucessor de «Phenakism», que já data de 2011. Entretanto, o trio da linha de Sintra tem já pronto a lançar um *split* com os Starkweather, a editar pelas norte-americanas Translation Loss Records e Sky Valley Records. Os portugueses assinam o novo tema «Liminality», enquanto o sexteto de Filadélfia participa no disco com «Divided By Zero». O conceito artístico deste EP está a cargo de Alex Eckman Iawn. Formado em 1994, o trio mantém o duradouro *line-up* de Filipe Correia, David Jerónimo e Paulo Silva.

Projecto de um homem só, **HOOFMARK** reedita, no dia 8, a maqueta «Stoic Winds» de 2016, desta vez em CD. Black metal que tanto pode ir às raízes nórdicas do género, como inflectir para dissonâncias mais americanizadas, é a proposta criativa de Nuno Ramos, responsável por voz, guitarras e tamborim nos nove temas desta estreia. Com participação de Ricardo Martins dos Earth Electric na bateria e Diana Rosa dos 11th Dimension na voz, são 50 minutos com produção e mistura de Hugo Andremon. Já este ano, Hoofmark lançou também os singles «Come Flames» e «Chunks».

Os **PAINTED BLACK** assinaram com a italiana WormHoleDeath para o lançamento da edição física do novo álbum «Raging Light». Oito temas que ultrapassam uma hora de duração põem assim um ponto final no silêncio discográfico do grupo que já durava desde 2014, quando lançaram o EP «Quarto Vazio». O sexteto fundado nas Beiras e actualmente estabelecido em Lisboa continua a ter no doom metal a sua principal fonte de inspiração, mas hoje são várias as latitudes musicais incluídas no som final. «Dead Time» e «Chamber» são os dois temas antecipados em vídeo.

Após a excelente estreia que foi «Thermonuclear Epiphany», no início de 2014, os **PERPETRATÖR** estão de volta, quatro anos depois, para lançarem «Altered Beast». Com edição da Caverna Abismal prevista para 31 de Janeiro, são dez novos inéditos e a versão de «Black Sacristy», original de 1988 dos efémeros norte-americanos Pontius Prophet. Paulão, ex-guitarrista dos The Firstborn, é responsável pela música, enquanto o baixista/vocalista Rick dos F.N.I. e Ravensire assina as letras. A banda completa-se com o guitarrista Marouco e com o baterista de sessão, Ângelo Sexo.

Tendo lançado o EP «Into The Abyss» em 2006, os **THE CHAPTER** regressaram agora às edições através de «Angels & Demons», álbum publicado em nome próprio. São oito temas de doom/death/gothic produzidos por Bruno Mendes, ex-Mass Disorder, com participação de Micaela Cardoso, ex-Thee Orakle. O quinteto fundado há quase treze anos na zona de Lisboa inclui membros que já passaram por bandas como FullMoonChild ou Deadwitch, tendo apresentado o novo trabalho no passado dia 18 em Almada com os 11th Dimension.

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
CHELSEA WOLFE – Hiss Spun
CONVERGE – The Dusk In Us
NATVRE'S – Early Cvlts
TRIBULATION – Down Below
WATAIN – Trident Wolf Eclipse

JOSÉ CARLOS SANTOS
GODFLESH – Post-Self
KEELHAUL – Triumphant Return To Obscurity
AUTOPSY – Puncturing The Grotesque
HÄLLAS – Excerpts From A Future Past
Sevdaliza – Ison

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO
CONVERGE – The Dusk In Us
REDEMPTUS – Every Red Heart Fades to Black
SACRI MONTI – Sacri Monti
WATAIN – Trident Wolf Eclipse
ALL PIGS MUST DIE – Hostage Animal

JORGE BOTAS
MOONSPELL – 1755
WITCHERY – I Am Legion
JEFF SCOTT SOTO – Retribution
SONS OF APOLLO – Psychotic Symphony
EVERGREY – Solitude, Dominance, Tragedy

ESTEFÂNIA SILVA
FLEURETY – The White Death
ACID BATH – When The Kite String Pops
HÄLLAS – Excerpts From A Future Past
WEYES BLOOD – Front Row Seat To Earth
MIDNIGHT – Complete And Total Hell

PEDRO ROQUE
SCOTT WALKER – The Drift
AOSOTH – V: The Inside Scriptures
CIRCUIT DES YEUX – Reaching For Indigo
BAD BREEDING – Divide
PRIMITIVE MAN – Caustic

★★★OS TOPS DO★★★ JCS

10 MELHORES BANDAS ONDE TOCAM/TOCARAM OS MEMBROS DOS CONVERGE

01. DOOMRIDERS
02. OLD MAN GLOOM
03. ALL PIGS MUST DIE
04. MUTOID MAN
05. SUPERMACHINER
06. KID KILOWATT
07. WEAR YOUR WOUNDS
08. JESUIT
09. IRONS
10. THE HUGHENOTS

IRON MAIDEN

NIFELHEIM

MAIDEN, OZZY, Q.O.T.S.A., SWR

2018 FERVILHA COM NOVAS CONFIRMAÇÕES

O próximo ano afigura-se já bem preenchido em termos de peso ao vivo, tanto ao nível da quantidade, como de nomes gigantes. Os **Iron Maiden**, por exemplo, regressam ao nosso país a 13 de Julho para actuarem na Altice Arena em data da digressão mundial da *Legacy Of The Beast World Tour*. Os concertos são inspirados no jogo e livro de B.D. com o mesmo nome, esperando-se uma *setlist* transversal à carreira dos britânicos. Antes, a 2 de Julho, a mesma sala do Parque das Nações receberá **Ozzy Osbourne**, que assim se estreia em Portugal, depois de ter cancelado a sua presença no Ozzfest de 2002, no Estádio do Restelo. Com o vocalista dos Black Sabbath vêm o guitarrista Zakk Wylde e os **Judas Priest** na abertura, veteranos que estão nomeados para o Rock & Roll Hall Of Fame em 2018. Também a 13 de Julho teremos no NOS Alive, em Algés, os **Queens Of The Stone Age** e, a 27 de Junho, **Marilyn Manson** no Campo Pequeno, ambos com novos álbuns. Destaque também para o cartaz da 21ª edição do SWR Barroselas que, entre 27 e 29 de Abril, levará à "vila mais brutal do país" bandas como **Suffocation**, **Carpathian Forest**, **Nifelheim** ou **F.N.I.**, enquanto ao cartaz do Vagos Metal Fest se juntam os **Ensiferum**. Quanto a datas duplas no Porto e em Lisboa contem, respectivamente, com os **Rotting Christ** a 9 e 10 de Fevereiro, com os **August Burns Red** a 3 e 4 de Abril e com os **Insomnium** e **Tribulation** a 9 e 10 de Abril. Antes, entre 14 e 16 de Janeiro, os britânicos **While She Sleeps** passam pelo Porto, Faro e Loulé. Para todas as datas, consultar a *Agenda* na página 66.

AXIA

AXIA é um novo projecto nacional, que surge do mesmo ninho de onde já nasceram The Ominous Circle, Grunt ou Colosso, e onde já estavam os Holocausto Canibal. Sem concertos, muito discretamente, o disco de estreia foi gravado com elementos comuns às bandas referidas. Fomos ouvir o disco e conversar com alguns deles.

EMANUEL FERREIRA JOÃO FITAS

A melhor forma de dar a perceber o som dos AXIA é falar dos músicos que compõem o grupo e seu passado/presente. Alex Vale, conhecido pela sua presença nos Grunt, é o vocalista. Max Tomé, dos Colosso, nas guitarras, Zé Pedro, dos Grunt, Holocausto Canibal e The Ominous Circle, no baixo, e finalmente Marcelo Aires na bateria, membro ocasional dos Holocausto Canibal, também presente nos Colosso e The Ominous Circle, e como músico de sessão para diversos outros projectos. O Zé Pedro explica o nascimento de mais uma banda: *"Foi como que uma necessidade criativa de materializar ideias que não teriam enquadramento nas nossas restantes bandas,"* explica. *"Eu e o Max trocámos uns riffs de guitarra, como tem sido hábito há mais de quinze anos, e umas semanas depois percebemos que tínhamos composto um álbum de uma nova entidade."* Essa entidade chama-se então AXIA, e a sua estreia está marcada para breve, através do selo Selfmadegod Records, casa de nomes como Agathocles, Axis Of Despair, Dystrophy ou Incarnated. Longe de ser uma editora de primeira linha, é já uma proposta bem válida, para um grupo que ainda não deu o seu primeiro concerto e que se apresenta ao público já depois do contrato assinado. Mesmo assim, o baixista não hesita em garantir que isso vai acontecer: *"Somos um grupo de pessoas fanáticas pela performance de palco. Para nós, um concerto é a realização de todo o trabalho desenvolvido na produção de um álbum, portanto tocar ao vivo é uma etapa que está definitivamente inserida nos nossos planos."*

Somos um grupo de pessoas fanáticas pela performance de palco. É uma etapa que está definitivamente inserida nos nossos planos.

«Pulverized», assim se chama o disco, foi gravado no Sound Stone Studio e também no HNK Studio. Produção e mistura a cargo de Max Tomé e masterização na Suécia (nos Tailor Maid Studios de Estocolmo) a cargo de Peter In de Betou, conhecido por trabalhar com nomes como Arch Enemy, Amon Amarth, Meshuggah ou Hypocrisy. A presença de Max Tomé traz à conversa um outro grupo, os Colosso, que quase ao mesmo tempo que se escutava este trabalho, anunciavam o seu final... ou se calhar não. *"Colosso não foi encerrado, embora eu perceba o mal-entendido provocado pela mensagem que enviei,"* clarifica o músico. *"Apenas deixou de existir no formato banda/grupo, para passar a ser um projecto de estúdio, tal como era no iní-*

cio. Acaba por ser o melhor para mim, dado que os ex-membros queriam fazer um hiato. Quanto aos AXIA, foi coincidência, e não interferiu em nada com o rumo dos Colosso. No final de 2016 decidi começar a escrever um álbum de grindcore e, depois de mostrar os primeiros temas ao Alex, a ideia começou a crescer e a transformar-se em mais do que um projecto de estúdio."

Já que se fala de projectos paralelos, nada como voltar ao Zé Pedro, de todos os envolvidos, talvez o mais ocupado. O baixista assegura a continuidade das suas outras actividades. "*O reduto das restantes bandas onde estamos envolvidos manter-se-á intocável. Na verdade aquilo que acontece é que a música preenche cada vez mais as nossas vidas, o nosso empenho e dedicação crescentes permitem-nos conciliar todas as actividades de forma tranquila*," garante. E se a presença de Alex e Zé Pedro permitem associar AXIA ao grind, algo também reiterado pelo discurso de Max Tomé, o facto é que o trabalho não se esgota nisso, ao longo dos 33 minutos ocupados por 21 temas. Só por aqui se percebe como muitos deles são de curta duração, como faz parte da cartilha do grind. As letras possuem uma componente de crítica social, tornando este projecto mais interventivo e, porventura, mais politizado.

O disco arranca com um tema curto e rápido, em jeito de *intro*, «Mass Suicide». Segue-se «Fading Into Nothing», e é como se os dois temas fossem um só, uma característica que se repete ao longo da obra. É ao fim de um minuto que a faixa realmente se revela e introduz a chave para muitos dos restantes temas, guitarra e baixo entram num *groove* quase dançante que funciona muito bem. É com estes pequenos pormenores que os AXIA rompem a monotonia grind que em muitos outros grupos se torna num problema, e marcam aí a diferença. Segundo Max, "*a ideia é causar a sensação incontrolável de repetição, como a monotonia do dia-a-dia*."

Malhas como «In Shameful Skin» possuem pormenores de bateria que nos recordam ser Marcelo Aires um dos bateristas mais virtuosos da nova geração do metal nacional, razão para estar envolvido em tantos e diversos projectos. «Absence Of Light» é um tema soturno, bem poderia figurar como *intro* para um qualquer tema de Colosso, principalmente quando se chega perto dos dois minutos e se escuta aquela linha de guitarra. Já «Normative» termina com uns coros que lhe dão alguma curiosidade, novamente a receita de fazer algo diferente e romper a monotonia a funcionar, seguida logo de uma malha rápida, «Posthumous», talvez das melhores do disco.

O ataque sonoro continua com «Forward Leads Nowhere», um tema que chega rapidamente à demolição. Depois de um par de temas rápidos, a guitarra que percorre quase toda a totalidade dos 50 segundos de «From Here To Eternity» prende de novo toda a atenção e contribui para o enriquecer de um lado menos óbvio do disco. Já «Compulsive Lying Disorder» traz um Alex a lembrar Mike Patton num dos seus projectos mais extremos, revelando muito da capacidade do vocalista. «It Still Clicks (I Hope You Die)», se é bem explícito logo pelo seu título, não deixa de ter uma nota de humor, introduzida ao minuto e dez, por uma tentativa de reproduzir o ritmo de um banjo. «Means To An End…» não é, ao contrário do que o título indica, o último tema do disco, mas ganha o prémio de mais *outside the box*, com uma abordagem que lembra Tool, e onde pontua a versatilidade vocal de Alex, rapidamente fulminada pelos dois últimos malhões, «As Above So Below» e «Self-Inflicted Obsolescence».

Diferente do *in your face* de Grunt ou Holocausto Canibal, capturando algumas das subtilezas dos Colosso, AXIA é desde já um nome promissor no cenário grind nacional, eventualmente mais artístico do que algum público do *mosh* gostaria, e ainda haverá muito mais a dizer quando o quarteto começar a subir aos palcos.

"A música preenche cada vez mais as nossas vidas, o nosso empenho e dedicação crescentes permitem-nos conciliar todas as actividades de forma tranquila."

FOTO: SÉRGIO OLIVEIRA

BIOLENCE

Com treze anos de banda, parece uma boa altura para editar o álbum de estreia.

De facto, BIOLENCE não é de todo um nome novo na cena portuense, mas apenas agora viram editado o seu disco de estreia, «Violent Non Conformity», depois do EP «Melodic Thrashing Mayhem» ter aparecido em 2010. César, vocalista/guitarrista e membro fundador, justifica os anos de espera: *"Quisemos sempre fazer melhor,"* explica, com simplicidade. *"Promovemos o EP e começámos imediatamente a trabalhar no álbum. Para os músicos, é sempre diferente de quem escuta. Procuramos a perfeição, queremos tudo muito bem pensado e trabalhado. Também se criaram entretanto problemas de disponibilidade por parte de todos os membros."* São conhecidos os vários projectos a que os músicos estão associados. César integra ainda, juntamente com o guitarrista David, ex-Agonizing Terror, os Unfleshed, enquanto o baixista Marco integra The Ominous Circle, Dementia 13 e Pitch Black, esta última com o baterista Afonso Ribeiro. Interrogado sobre até que ponto esta actividade constante noutros projectos não terá contribuído para atrasar o disco, o músico não o nega, mas também não dá grande importância. *"Nem acho que tenha interferido muito,"* afirma. *"É fácil organizar tudo. A questão da disponibilidade foi mesmo no que diz respeito à produção, que foi feita por nós, e para isso é necessário tempo e dedicação. De resto, ao mesmo tempo continuámos a preparar o trabalho de estúdio com Unfleshed, e não foi preciso parar com uma coisa para começar com a outra."*

"Continuamos a insistir em fazer uma fusão de todos os estilos porque é isso de que gostamos, é algo que nos sai naturalmente na composição."

Quem já escutou o disco, deve ter reparado como cobre vários estilos do thrash. *"Em cada estilo de metal, tenho muitas bandas de que gosto,"* refere o César em relação a essa diversidade. *"Já pensámos em direccionar mais as coisas, mas continuamos a insistir em fazer uma fusão de todos os estilos porque é isso de que gostamos, é algo que nos sai naturalmente na composição. É o que nós queremos fazer."* Outra curiosidade do grupo é que guitarrista e baixista só o são mesmo nos Biolence, trocando de posições nos outros grupos que integram. Questionado sobre as dúvidas que poderão existir no momento da composição, o também vocalista arruma a questão: *"São bandas completamente distintas. Como sou baixista nos Unfleshed, tenho menos participação na composição e a linha deles é o death metal mais* old school*, logo não se cruza assim tanto com o thrash dos Biolence. O Marco é baixista nos Biolence, e o que compuser na guitarra, vai para as outras bandas. No baixo compõe para Biolence, por isso é fácil de gerir. Trocar de instrumentos não fazia qualquer tipo de sentido, sempre fui guitarrista nos Biolence e principal compositor até à entrada do David, com quem partilho a meias essa responsabilidade agora."* Curiosamente, a ideia até já passou pela cabeça do baixista Marco, que refere mesmo já ter proposto, na brincadeira, trocar de posição com o César. *"Eu nem me considero baixista,"* explica entre risos. *"Entrei em 2008 enquanto não arranjavam novo membro, e depois com o passar do tempo acabei por ficar nessa posição. Fui-me adaptando, mas sem nunca perder o estímulo da guitarra. Já muitas pessoas, que não sabiam que eu era de outras bandas, me vieram dizer depois dos concertos que eu era guitarrista pela forma que tocava baixo. De facto acho que não dá para enganar."* Em relação à actividade noutras bandas, o Marco também tem a sua forma de lidar com tudo. *"Não é obviamente fácil conseguir conciliar tudo, mas nem todos os projectos estão no activo ao mesmo tempo. Quando isso acontece, tenho que me desdobrar, e praticamente não tenho tempo para mais nada a nível pessoal, pois também tenho a minha actividade profissional. De qualquer forma, já ando nisto há uns anos valentes e pouco a pouco fui também aprendendo a gerir as coisas de uma forma mais eficiente. Nunca é fácil, mas quando se gosta de algo a sério, o tempo aparece."* **[E.F.]**

MIDNIGHT

A inspiração do speed, black e thrash é simples: o que ocorre a Athenar a cada momento.

Parece mentira, mas o bom do Athenar, único membro permanente dos MIDNIGHT, já anda a lançar discos há mais de vinte anos. Depois de um período como baixista de uma série de bandas, o norte-americano pegou na guitarra, assumiu a composição total e as vozes, e nasceram os Midnight, que para o ano celebram quinze anos de deliciosa podridão no campo do speed metal. O mais recente disco da banda, «Sweet Death And Ecstasy», já está pronto há algum tempo, como explica o músico: *"Depois de o gravar em Janeiro de 2015, aconteceram umas coisas pessoais que tornaram todo o resto da minha vida irrelevante e o álbum ficou em banho-maria."* Quando as coisas se resolveram, a opção não recaiu num novo lançamento mas numa nova gravação. *"Gravei o EP de quatro malhas «Shox Of Violence» no final de 2015 só para ter algo fresco, sórdido e porco. Estes discos estão fora de ordem em termos de gravação e lançamento, mas como diz a música, «Who Gives A Fuck?»* [NR: segunda malha do «Shox Of Violence»]*"* Tal reordenamento significa que «Sweet Death And Ecstasy» é realmente o primeiro disco de Midnight a ser misturado e masterizado pelo Joel Grind dos Toxic Holocaust. A gravação, como é habitual, foi feita pelo Dave Johnson. *"Sinto-me muito confortável a gravar com o Dave Johnson, mas achei que um novo par de orelhas acrescentaria algo à gravação e acho que foi isso que aconteceu,"* explica. *"O Joel misturou tudo essencialmente como eu imaginava que devia ser misturado e ainda surgiu com coisas próprias porreiras que, em termos gerais, acrescentaram um sabor gostoso."* O resultado é um disco que, pese facilmente identificável como Midnight, tem um ênfase reforçado nos *leads* de guitarra

"Não me interessa o que as pessoas esperam de mim, nem sequer estou nas redes sociais."

e, curiosamente, tem as duas malhas mais longas da carreira da banda: a primeira, «Crushed By Demons», e a última, «Before My Time In Hell». Aspectos planeados? Diz que não. *"Não forço mesmo nada em particular, o que faço é o que sai na altura."* Certo; às tantas é só o acumular de anos de guitarra na mão que se começam a manifestar num maior conforto com o instrumento, apesar de Athenar não ter bem a certeza: *"Não sei, às vezes sinto que estou a regredir. É certo que não pratico, dou só uns toques aqui e ali pela casa. Se tenho uma ideia, gravo-a e é tudo."* Pese a descrença na sua habilidade enquanto guitarrista, admite que evoluiu na voz, em particular, *"nos ganhos vocais. Gostava mesmo de conseguir que cada palavra, verso e refrão se destacasse e tivesse um impacto em vez de arrotar umas merdas por cima de um acorde de lá. Apesar de alguma da minha música preferida ser isso mesmo, arrotar por cima de lá ou mi ou fá sustenido."*

Como bónus, decidiram incluir no álbum um ensaio de 2015 gravado por Commandor Vanik, guitarrista ao vivo da banda. *"De uma forma ou de outra, temos tido sempre um disco bónus nos CDs anteriores pelo que mais vale continuar a tradição,"* refere Athenor. *"Eu nem sequer sabia que o Commandor Vanik grava todos os nossos ensaios até ele me ter dado esta merda toda e dito 'toma, gravei isto tudo.' Nem sabia que estava a ser gravado, de certeza que há vários comentários incriminatórios entre malhas!"* A actual preferência da banda pelos longa-duração é recente; entre 2003 e 2011 lançaram exclusivamente *splits*, EPs e *demos*. *"Já tinha feito todos os formatos, 7", 10",* splits*, porque não tentar um LP?"* Realmente, faz sentido. *"Gostei do formato porque me parece que as pessoas prestam mais atenção às canções, mas às vezes é bom lançar um* single *inesperado, portanto que se foda."* Foi aliás o que fizeram quando gravaram uma *cover* da «I Don't Need Society» dos D.R.I. com as vendas a reverterem para as vítimas do furacão Harvey. *"Nem pensei no impacto que ia ter, não sei se teve algum ou se recolheu fundos que realmente ajudaram. Tem tudo a ver com o sentimento a cada momento e naquela altura quis fazer algo pelas vítimas. Tenho muitos amigos do Texas e são grandes pessoas, havendo um mínimo de ajuda que pudesse dar, foi o que fiz."* Não sendo os Midnight a banda que se pensaria associar a um gesto destes, o Athenor não está propriamente preocupado. *"Não me interessa o que as pessoas esperam de mim, nem sequer estou nas redes sociais. Talvez daqui a uns anos esteja, se tudo correr bem ainda estarei vivo nessa altura."* Até lá, podemos contar com novos discos: *"Estou agora a acabar as vozes para outro longa-duração que será lançado quando me parecer bem, mas o plano para já é só viver, respirar e aproveitar a vida. Sei que soa sentimental e* cheesy*, mas é mesmo o meu plano."* **[L.P.]**

UM ROCK BESTIAL

Basta pôr a cabeça no ângulo certo para perceber exactamente de onde provêm os HONEYMOON DISEASE com o segundo longa-duração, intitulado «Part Human, Mostly Beast». Numa destas tardes frias de Outono, Jenna e Acid, que partilham as guitarras e, ocasionalmente, linhas vocais, ligaram-nos via Skype de um animado *pub* na cidade de Gotemburgo.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

A banda juntou-se há quatro anos, foi isso?
Acid: Há quase quatro anos, sim... Basicamente, eu e aqui a Jenna começámos por tocar juntas numa outra banda chamada Three Warriors. Na verdade, eles eram o grupo dela e eu juntei-me para fazer um concerto. Às tantas percebemos que aquilo não estava a ir a lado nenhum e que a motivação já não estava lá, por isso decidimos partir para outra. Pouco depois, voltámos a juntar-nos. Tínhamos criado uma ligação forte, porque temos uma química fantástica quando tocamos juntas.
Jenna: Queríamos continuar juntas, sim. Foi aí que lhe sugeri fazermos uma banda de rock'n'roll. A cena do rock aqui em Gotemburgo estava muito apagada e achei que, naquela altura, fazia todo o sentido recuperarmos esse tipo de onda – o objectivo, no início, era só mesmo dar continuidade à tradição estabelecida pelos The Hellacopters e outras bandas que surgiram depois deles.

A sério?! Sentiram que, na Suécia, estavam a faltar bandas de rock'n'roll?
Jenna: Sei que parece estranho, porque somos de um país que tem muita tradição nesse género, mas em 2014 as coisas estavam mesmo muito mornas no que ao rock'n'roll dizia respeito... Acima de tudo em Gotemburgo. Havia algum pessoal, claro, mas nunca conseguiram sair da cena local e nós queríamos dar um empurrão à "cena". Por aqui haverá sempre muitas bandas de death metal e som extremo, mas o rock estava na mó de baixo.
Acid: Agora estamos em 2017 e toda a gente quer tocar rock'n'roll. Surgiram uma série de grupos novos e tudo, o que é óptimo. É pretensioso dizermos que fomos responsáveis por isto tudo, mas – de certa forma – até acho que fomos.

Que tipo de música tocavam antes de formarem os Honeymoon Disease?
Jenna: A cena dos Three Warriors era mais heavy metal. Cenas *old school*, Judas Priest e assim. A Acid até tocou numas bandas de thrash.
Acid: Sim! Eu cresci em Uppsala, rodeada de bandas de thrash, death e black metal. Sou grande amiga do pessoal dos In Solitude e dos Watain. Apesar de adorar os The Hellacopters desde sempre, nunca tinha tocado numa banda de rock'n'roll.

As coisas aconteceram muito depressa. Nem um ano depois de terem formado a banda já tinham editado um 7" e, no ano seguinte, lançaram a estreia «The Transcendence».
Acid: É engraçado porque, quando formámos os Honeymoon Disease, não tínhamos planos além de querermos ser a melhor banda possível. Disse à Jenna que, se íamos fazer uma cena nova, as coisas tinham de ser diferentes. Tínhamos de nos dedicar de corpo e alma. Não porque já tivéssemos algum plano de conquista mundial na manga, mas porque queria fazer a melhor música possível.
Jenna: A partir do momento em que começámos a trabalhar com o Jimi na bateria e o Anders, que foi o nosso primeiro baixista, aconteceu tudo muito depressa. Gravámos o «Fast Love» logo em 2014 e, no ano seguinte, o «The Transcendence» foi editado pela Napalm Records.

Uma banda jovem, num catálogo com tantos nomes estabelecidos. Foi golpe de sorte?
Acid: Bem, no início éramos só nós e o Anders. E, os três, decidimos que íamos fazer o melhor disco de sempre. Queríamos trabalhar com uma editora grande, ter um orçamento decente e fazer o álbum com que sempre sonhámos. Pouco tempo depois começámos a tocar então com o Jimi e ele já tinha contacto com o pessoal da Napalm Records, por isso entrámos em contacto com eles e explicámos que éramos uma banda fresca e disposta a dar tudo. E eles acreditaram em nós.

Foram bastante convincentes, portanto.
Acid: Se queres fazer alguma coisa de jeito no mundo da música, não tens outra opção senão ser convincente. Acreditar e seguir em frente, de cabeça erguida. Não podes ficar sentado no sofá, à espera que alguém trabalhe por ti ou que as coisas te caiam no colo. Isso não vai acontecer.

"Se queres fazer alguma coisa de jeito no mundo da música, não tens outra opção senão ser convincente."

E depois? Fizeram-se à estrada, não foi?
Acid: Sim. As reacções ao disco foram fantásticas, ultrapassaram tudo o que pudéssemos esperar na altura. Sendo uma banda tão nova, nunca pensámos que nos fossem dar tanta atenção.
Jenna: Por outro lado, trabalhámos tanto para fazer o melhor disco possível que qualquer coisa menos que isso seria injusto. Nós arriscámos tudo para fazer o «The Transcendence», por isso merecia uma resposta à altura. E foi fantástico. A primeira digressão que fizemos foi logo num *tour bus* e correu muito, muito bem. Tivemos oportunidade de tocar com músicos que respeitamos muito.

Do primeiro *single* para este novo álbum nota-se uma enorme evolução do vosso lado. É como se se tivessem aberto as portas da percepção, por assim dizer.
Acid: Sim, sim... Este disco novo é muito mais soul rock que propriamente garage ou o que quer que lhe queiram chamar. Quando começámos, estávamos mais nessa onda. A «Fast Love» é uma canção puramente garage rock, tem muito a vibração dos The Hellacopters nos primeiros álbuns. Nós queríamos, no entanto, ir um pouco mais além.
Jenna: Acho que o leque de influências também se tornou mais abrangente.

A experiência *on the road* influenciou o «Part Human, Mostly Beast»?
Jenna: Muito. Este disco é ainda mais representativo do que são os Honeymoon Disease.
Acid: E numa versão menos polida. O disco foi gravado num estúdio, mas ao vivo. Tocámos todos ao mesmo tempo, e depois só fizemos alguns *overdubs*. E a ideia de o fazermos assim surgiu durante uma das *tours.* OK, um concerto vai ser sempre diferente de um disco, mas falámos com imensa gente que nos disse que as actuações tinham o dobro da energia do álbum... Isso deixou-nos a pensar. Falámos com o Ola [Ersfjord, produtor], com quem tínhamos gravado o disco anterior, e ele incentivou-nos a gravar ao vivo para tentarmos aproximar-nos ao máximo do que somos em palco. É claro que continua a ser uma energia...
Jenna: Diferente! Sabermos que está tudo a ser gravado, por si só, faz uma diferença enorme.
Acid: Sim, não tem tanto a ver com urgência, com o momento. Foi mais estarmos a alimentar-nos da energia um dos outros, para substituir a do público, que era só o Ola. [risos]
Jenna: Dê lá por onde der, o rock'n'roll não deve soar perfeito. Eu ainda continuo a gostar muito do primeiro álbum, mas este é menos humano e mais "besta", se é que me faço entender.

«Hysteria» 1987-2017

Continuamos na senda dos grandes discos aniversariantes – desta vez, cabe aos DEF LEPPARD celebrarem os 30 anos do emblemático «Hysteria», um disco que demorou quatro anos a ser escrito e gravado e teve ainda pelo meio uma tragédia, sob a forma do acidente do baterista Rick Allen, que fez com que perdesse um braço. Nada disto, no entanto, parou a banda de perseguir o seu objectivo: fazer a versão rock do «Thriller»! Estivemos à conversa com o guitarrista Phil Collen, que nos contou tudo o que foi possível contar sobre este clássico, que teve uma peça absolutamente essencial – o produtor Robert John "Mutt" Lange.

JORGE BOTAS

Vamos directos ao assunto: 30 anos de «Hysteria». Foi o disco que me fez ouvir Def Leppard e passado estes anos todos, continua a soar actual.
Sim... e o crédito tem de ir todo para o "Mutt" Lange [produtor]. Foi ele que disse que ou podíamos fazer um álbum "normal", que soasse bem, ou então fazer um disco excelente, onde todas as músicas fossem espectaculares. Só tínhamos de ter mais tempo e aplicarmo-nos um pouco mais. E foi isso que fizemos. Ele disse na altura que, ao fazer isso, passados vinte anos, ainda estaríamos a ouvi-lo. E cá estamos nós, passados 30... ainda a ouvir o disco! [risos] Foi inspirador estar com ele. Não foi só trabalhar no duro, ele já vinha com grandes ideias e para além disso também é um grande cantor. Cantou connosco em estúdio, e foi um enorme prazer poder trabalhar com ele a todos os níveis.

No entanto, durante a pré-produção do disco o Mutt saiu e vocês trabalharam primeiro com o Jim Steinman e depois com o Nigel Green... qual foi a razão da saída dele nessa altura?
Teve de fazer o disco dos The Cars. Já tinha assumido o compromisso de fazer esse álbum e quando começámos a compor, ele disse-nos logo que tinha de sair, porque estava contratado para fazer o tal disco («Heartbeat City»), portanto já sabíamos então que só o íamos ter por pouco tempo. Com o Jim Steinman as coisas pura e simplesmente não resultaram. Ele não percebeu o conceito, a ideia que era toda do Mutt, por isso não havia forma de ele implementar aquilo e de a concretizar. Já com o Nigel Green foi espectacular... era o engenheiro de som do Mutt e acabou por continuar a trabalhar connosco depois dele ter terminado o trabalho no disco dos The Cars.

Os anos que levaram a compor este disco estão bem documentados, e a tragédia que aconteceu com o Rick Allen [baterista] durante este processo. Houve nessa altura algum momento em que pensaram que seria o fim?
Não! Deixámos essa decisão para o Rick. Nós gravamos sempre a bateria em último lugar, por isso foi algo louco aquilo que nos aconteceu. Nunca tínhamos ouvido um caso de um baterista que tivesse perdido o braço e tivesse voltado a tocar. A decisão estava do lado dele e nós perguntámos-lhe o que queria fazer. E ele respondeu-nos que queria voltar a tocar bateria. Mais uma vez, o Mutt foi ao hospital, e disse ao Rick que podia continuar a tocar se abordasse algumas coisas de forma diferente, como usar o pé em vez da mão. Estas palavras acabaram por inspirá-lo, e com a tecnologia que já existia naquela altura, ele teve a confiança para se poder empenhar e trabalhar nesse sentido. Nunca é demais lembrar a importância que o Mutt Lange teve em inspirar o Rick a trabalhar e a voltar a ser um baterista. É espectacular.

Depois do acidente e da forma como ele teve de se adaptar a tocar bateria, usando nova tecnologia, vocês acabaram por aproveitar todo esse desenvolvimento tecnológico para criar uma sonoridade única, que resultou no «Hysteria». Isso acabou por assustar muitas pessoas que vos viam como uma banda de hard rock/heavy metal...
Nunca tive medo da tecnologia nem nunca tive uma aliança com o heavy metal. Eu sou um artista e a banda é também um artista. Queremos fazer a melhor música possível e não queremos ser considerados um tipo de música que alguém acha que devemos ser. Por isso, a tecnologia não nos assustou de todo. Nunca quisemos soar como outra banda qualquer ou fazer a música que outras bandas fazem. Se te queres inspirar e usar a imaginação, temos que arriscar, e foi isso que fizemos. Não nos chateou que outras bandas não o quisessem fazer, muito pelo contrário, porque fez com que nos sentíssemos ainda melhor, para ser muito honesto. Queria dizer que estávamos a fazer algo certo, e os outros nem por isso. [risos]

É um disco com muitos efeitos, várias partes electrónicas mas, mesmo assim, continua ter muita guitarra. Não descuraste aquilo que é a tua essência.

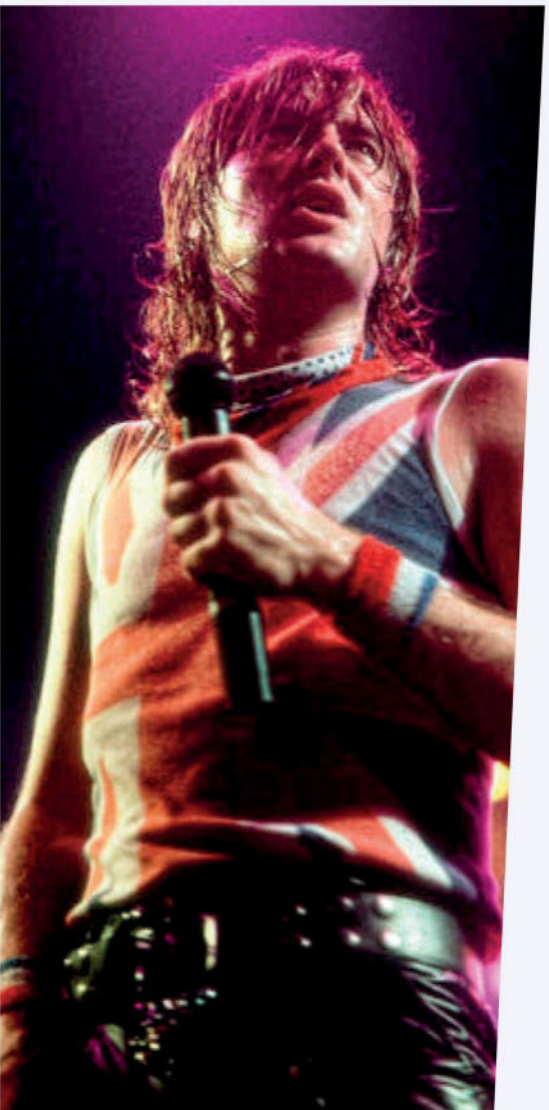
"Nunca tive medo da tecnologia nem nunca tive uma aliança com o heavy metal. (...) Não queremos ser considerados um tipo de música que alguém acha que devemos ser."

Concordo... e muito obrigado pelas palavras. Nunca houve problemas de egos nesta banda. O Mutt disse que tínhamos de fazer o melhor disco possível, e foi só nisso que nos focámos. Sei que muitas bandas e guitarristas nunca na vida iriam tocar com um sintetizador ou uma caixa de ritmos, porque os egos acabam por interferir. Mas nós não permitimos que nada se pusesse no caminho de fazermos o melhor disco possível. Não queres ficar restrito pelo teu ego, por isso estivemos abertos a todas as ideias... mesmo quando o Mutt dizia: "*este refrão não é forte o suficiente*" ou "*isto está OK, mas precisamos de outra parte aqui,*" soubemos ouvi-lo sem ficarmos defensivos. Ele acabou por escrever as canções todas connosco na mesma, mas a forma como as abordou foi mesmo não havendo espaço para egos. Há muitas bandas de rock que têm esse problema, nós nunca tivemos e isso acabou por ajudar-nos imenso a fazer algo especial. O importante é a canção e esse tem de ser o foco principal.

Se abordares as coisas de outra maneira, e pensares que és primeiro um guitarrista, não vais conseguir tirar o melhor de ti. Por exemplo, o riff inicial da canção «Hysteria», foi o Rick Savage que tocou essa parte. Foi ele que escreveu, foi ele que tocou e, sem dúvida, melhor que eu ou o Steve Clarke o faríamos, por isso dissemos que ele a devia tocar. Não interessa se o Joe não consegue cantar uma parte de uma canção de certa forma, se a minha voz soasse melhor nessa parte, então eu cantaria. O que interessa é a banda, não são os indivíduos.

Uma das frases determinantes acerca do «Hysteria» foi vocês terem dito que queriam fazer o «Thriller» do rock. Foi esse o vosso objectivo desde o primeiro momento que entraram em estúdio?
Mais uma vez, o Mutt foi o responsável por isso. Ele disse que não iríamos fazer o «Pyromania» parte dois, porque todas as outras bandas no mundo estavam a tentar fazê-lo ao copiar o som de bateria, a voz, as guitarras. Ele disse logo, "*não vamos fazer isso! Vamos antes fazer a versão rock do «Thriller».*" Foi uma das primeiras coisas que ele nos disse, e esse tornou-se o nosso objectivo.

O Joe [Elliott, vocalista] disse que vocês definiram os anos 80. É uma frase um pouco ousada… vocês todos concordam com isso?
O que ele quer dizer com isso é que nós não tínhamos medo disso. Havia muitas bandas que diziam que isto ou aquilo soava muito a anos 80 e nós abraçámos os anos 80 porque achámos que não havia nada de errado com isso. Houve grande música feita nessa altura, os estilos tinham mudado… Nós acabamos por fazer parte desse som, não necessariamente como uma banda de rock, mas inventámos o novo som do rock, se preferires! E não me refiro aos Guns N' Roses, porque eles criaram um outro tipo de som, que é mais agressivo e um pouco diferente. Mas nós seguimos um caminho completamente diferente e inventámos algo musical, baseado no rock. Quando ouvias a rádio aparecia o Prince, a Chaka Khan, os Frankie Goes To Hollywood, os Duran Duran… bandas que tinham todos estes elementos que nós usámos, a própria Madonna também. Quando ouvias os INXS, eles soavam bem diferente dos seus inícios, usavam muita electrónica e era um som muito típico dos anos 80.



Se tivesses de escolher um tema que define o «Hysteria», qual seria esse tema?
Eu gosto da «Rocket», porque acho que é uma canção que representa a própria banda. Tem percussão africana, grandes vozes, grandes guitarras, riffs e tudo mais… incluindo alguns efeitos estranhos. Mas, ouvindo o álbum de uma ponta à outra, o tema «Hysteria» acaba por definir o disco.

Com o «Pyromania» vocês já tinham alcançado um grande sucesso. Com a gravação do «Hysteria» foi um processo moroso, em alguma altura tiveram receio que as pessoas já não se lembrassem de vocês?
Nem por isso… isso só aconteceu quando editámos o disco e começámos a tocar para arenas com meia casa ou menos! Por exemplo, tocámos num sitio no Kentucky com capacidade para 23.000 pessoas e só lá estavam 3.000. Só quando lançámos o *single* «Pour Some Sugar On Me» é que começámos a lotar arenas, com gente a ficar do lado de fora sem bilhete. Mas nunca pensámos em nada disto até andarmos em digressão, estávamos tão ocupados em fazer o melhor disco possível que nem nos passava nada disso pela cabeça. A prova foi o dinheiro que gastámos a fazer o disco, endividámo-nos tanto para alcançar algo com substância, que durasse muito tempo, que fosse espectacular e especial, que nos esquecemos de tudo o resto. A única pressão que havia para nós era a de fazer algo extraordinário, e não ouvimos mais ninguém.

E por falar em dívidas… quando olharam para a conta o que é sobressaiu mais? Ficaram assustados?
Sim, completamente! Quando li os detalhes, estava numa *coffee shop* na Holanda, perto do estúdio Wisseloord e eram páginas e páginas. Eram preços de expedição de material, de aluguer de equipamento – sempre que vais a um estúdio e usas equipamento, tens de pagar por isso –, cafés, sandes… pagámos umas 20.000 libras só em sandes! [risos] E a lista continuava, era interminável! Lembro-me de ter lágrimas nos olhos a olhar para essa lista e pensar: "*Não há maneira nenhuma de nós conseguirmos pagar isto.*" Era tanta coisa que achei que seria impossível. Foi assustador… um choque completo! Tínhamos gasto tanta energia e tempo a fazer aquele disco, que não nos tínhamos preocupado com o custo. Só se tornou uma preocupação quando começámos a digressão e, felizmente, o «Pour Some Sugar On Me» foi editado e a partir daí todos os *singles* foram Top 10. Tudo acabou por se resolver. [risos]

"Endividámo-nos tanto para alcançar algo com substância, que durasse muito tempo, que nos esquecemos de tudo o resto."

ASSINA A LOUD!

E VAI À BORLA VER

STEVEN WILSON

Se optares pela subscrição **LOUD! PREMIUM**
VAIS – **SEM QUALQUER SORTEIO!** –
A ESTE CONCERTO

Para tal, basta que efectues a tua transferência e nos envies o respectivo comprovativo para assinaturas@loudmagazine.net, a partir das 12:00 do dia 7 de Dezembro. Os novos assinantes têm direito a uma entrada para este concerto dentro do limite do ***stock*** existente. Sejam rápidos!

Se, por acaso, os deuses estiverem loucos e não quiseres ir a este concerto, com chancela de qualidade Prime Artists; não desesperes!

Podes também escolher como prémio de assinatura o disco de estreia dos portugueses **SON OF CAIN**, «LOWLIFE 69», um lançamento HALF BEAST RECORDS.

LOUD! BASIC
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL
36€ (DESCONTO DE 14%)

LOUD! PREMIUM
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL E DIGITAL
45€ (DESCONTO DE 32%)

ASSINA JÁ!

O pagamento pode ser feito por cheque ou vale postal em nome de Pessoal do 13 - Publicações, LDA. e remetido para a nossa morada ou, mais simples ainda, por transferência bancária (num multibanco não existem quaisquer comissões de transferência) para o seguinte NIB: 0036 0027 99100151466 59.

Essencial é também o envio do nome completo, número de BI, morada, contacto telefónico e e-mail, assim como o comprovativo da transferência, para o endereço assinaturas@loudmagazine.net

Se resides no estrangeiro, a LOUD! pode chegar a ti pelo correio na mesma. Envia e-mail para o endereço referido acima a pedir informações.

SE ASSINARES

- Poupas dinheiro, porque compras a LOUD! ao preço antigo
- Recebes a LOUD! no conforto do lar sem o mínimo esforço adicional
- Podes começar a ler a LOUD! antes de chegar às bancas

⁎ Atenção! Não adianta enviarem o comprovativo antes das 12:00 do dia 7/12, porque a promoção só é mesmo válida a partir dessa hora.

CAIXAS NEGRAS NO DESERTO

A tonelagem subiu no tom dos LOW TORQUE e, com ela, um conceito mais pesado. «Chapter III: Songs From The Vault», o terceiro álbum da banda portuguesa, mantém a ambição do quinteto fundado pelo guitarrista André Teixeira em alta. Desta vez, falámos com David Pais, o novo vocalista já perfeitamente integrado e pronto para deixar marcas de uma civilização de guitarras distorcidas, num qualquer deserto...

NELSON SANTOS

Lembro-me que, na apresentação do anterior álbum «Croatoan», foste um dos convidados a subir ao palco do RCA Club, em Lisboa. Hoje... és o vocalista dos Low Torque.
Sim, participei como convidado na «Headstone». E foi uma confluência de factores para estar hoje na banda. Na altura, o Marco estava doente, os Low Torque tinham uma *tour* em Espanha e o Arlindo [Cardoso, baterista] convidou-me, também por recomendação do próprio Marco. Eu fui naquela de ajudar, mas nunca com a intenção de ficar, porque era só temporário.

Mas estás para ficar e já lá vão dois anos. Que balanço fazes desta viagem com Low Torque até ao momento?
Tem sido uma viagem muito, muito fixe, mesmo. Em todos os aspectos. Tem-me preenchido criativamente com o novo álbum, mas também tem sido uma viagem desafiante por substituir o Marco, que canta muito bem, e o trabalho que fez tanto no «Croatoan» como no álbum de estreia é algo que me deixava um pouco intimidado em termos técnicos, por ser muito forte. Mas, ao longo destes dois anos, tenho sentido um apoio gigante por parte dos elementos da banda e também por parte dos fãs. Temos dado bastantes concertos e todos eles são únicos porque há uma energia muito singular nesta banda.

Falando agora de dentro para fora, mas tentando imaginares-te ainda como ouvinte de Low Torque, o que achas que este «Chapter III: Songs From The Vault» tem de diferente em relação aos discos anteriores? O que tentaram integrar a mais?
Primeiro, tentámos ficar um pouco mais libertos do termo stoner. Tentámos fugir um bocadinho à ambiência stoner, tendo-a, ainda assim, como elo de ligação. Quisemos dar um passo em frente, abordando uma sonoridade um pouco mais melódica; por outro lado, demos mais ênfase ao peso. Tentámos criar um pouco mais de dinâmica, ou seja, o que é pesado, é realmente pesado. Eu tenho uma boa costela de metal e o André [Teixeira, guitarrista], claro, gosta de muitas coisas de metal, assim como o Arlindo, tendo sido baterista de W.A.K.O.. Juntou-se a fome à vontade de comer e fomos um pouco mais arrojados.

As tuas inspirações musicais devem ser vastas porque são muito variados os projectos em que te envolves, mas penso que a tua base é o metal. O stoner é algo de que também já gostavas à séria?
Eu gosto muito de stoner. Adoro Kyuss, Down, até mesmo Queens Of The Stone Age, que é aquele stoner assim um bocadinho mais *light*, bandas como Orange Goblin, Puta Volcano… gosto muito do género por ter um ambiente pesado, algo psicadélico, sempre com aquela sensação de deserto, de liberdade. Mas sim, claro, o meu *background* vem do metal. Comecei a ouvir música mais pesada com Sepultura, Pantera, Korn, Dream Theater.

Ao vivo, tocam algum material "antigo". Sendo tu um vocalista versátil, foi-te fácil a adaptação às músicas originalmente gravadas pelo Marco Resende?
Mais ou menos. [risos] Há aqui alguns pormenores técnicos que o Marco fez que são difíceis de alcançar, pelo alcance que ele tem na voz. A escola de rock e de blues que ele tinha nas malhas de Low Torque não é assim tão fácil de replicar. Eu tenho um estilo de cantar completamente distinto. Como sabes, também integro os Ashes, já cantei em One Hundred Steps e é um registo mais limpo, mais melódico, e a adaptação para os temas do Marco foi – e continua a ser – desafiante. Embora eu tenha tentado criar uma identidade própria, mantenho também um respeito muito grande pelo legado que o Marco deixou, cantando de forma a emular o que já foi feito, mas adicionando coisas minhas, para que as pessoas não fiquem com a ideia que eu estou a tentar imitá-lo a 100%. Com este álbum já cantei à vontade, "à minha maneira", mas continua a ser desafiante porque o André está constantemente a puxar por mim.

"Se não nos destruirmos com armas nucleares ou com armas biológicas, certamente que já nos estamos a destruir com o ambiente."

Mais uma vez, não só na música, mas também no *artwork* e na temática lírica, a banda esmerou-se, havendo muita ficção enigmática ao longo destes temas. Queres elaborar sobre um ou dois deles?
Escrever para este disco foi muito divertido, precisamente por não ser matéria pessoal, por ter de inventar histórias. Eu e o André descobrimos que temos muitas coisas em comum, sejam filmes, jogos e por aí fora, em direcção a um conceito pós-apocalíptico. Falávamos sempre muito sobre o final da humanidade, da continuação da espécie sem tecnologia. Ele deu-me umas ideias, mas tive toda a liberdade criativa, ao ponto de escrever, literalmente, uma história naquele que, para mim, é o tema que define o álbum – «A Gunslinger Named Hush». É um título muito *western*, com o ambiente da música quase consegues sentir aquele Clint *Eastwoodzinho* ali no meio e achei que, entre todos os temas, poderia haver um que se focasse apenas num personagem em particular. No caso do *gunslinger*, é uma história um pouco dramática, com mortes tristes, mas ele acaba por sair por cima como justiceiro; vingança típica do Oeste! Tirando talvez o tema «Lone Rider», todos os outros são descrições de personagens ou acontecimentos, como a «Wasteland», por exemplo, que retrata a guerra e, a «Scorch The Sky», no final do disco, onde essa tensão se sente mais.

Tensão pós-apocalíptica, como referias há pouco. São coisas que vocês creem poder acontecer ou é *só* ficção? Estamos numa fase assim um pouco complexa para o planeta Terra, há quem diga que já entrámos no ponto de viragem descendente para a humanidade com as alterações climáticas e tudo o mais, achas que o futuro continua garantido para esta espécie, ou nem por isso?
Sinceramente, não sei. Estou muito desconfiado com estes acontecimentos entre os Estados Unidos e a Coreia do Norte. Temos um choque de personalidades bastante peculiares em que, se não houver acção imediata por parte de terceiros, para o bem, a coisa pode mesmo descambar. E eu não gosto nada de ser alarmista, atenção. Penso sempre no melhor cenário possível, embora seja uma pessoa realista e saiba que pode eventualmente acontecer. Espero muito bem que não, mas acho que, pela primeira vez na História, estamos um pouco mais perto da 13ª hora. A questão ambiental é outro problema grave. Lembro-me que, quando andava na escola, falava-se muito no buraco na camada do ozono. Ao longo dos anos, fui vendo que algumas medidas foram tomadas como a reciclagem e as sanções internacionais para que se reduzisse a poluição mas, por outro lado, também vejo outra coisa acontecer que contribui para a "desevolução" da humanidade: o tempo está a mudar, as secas são maiores, o descongelamento de ambos os pólos aumenta o perigo de subida do nível das águas, o que altera completamente a estrutura climática do nosso planeta… Ou seja, se não nos destruirmos com armas nucleares ou com armas biológicas, certamente que já nos estamos a destruir com o ambiente. Para ser muito sincero, um futuro destes, pós-apocalíptico, não creio que seja assim tão implausível.

UM CAMINHO SÓ DELES

Desde Viana do Castelo, os VIRCATOR têm vindo a percorrer um caminho muito próprio, com uma personalidade vincada que se percebe ainda mais ao testemunhar a rara cumplicidade e à-vontade que exibem em palco. A propósito do novo «Sar-I-Sang», conversámos com o mentor do grupo, o guitarrista Pedro Carvalho.

EMANUEL FERREIRA

Qual o vosso percurso até este segundo longa-duração?
Fizemos a digressão com os The Black Wizards, tentámos perceber o que tinha resultado no disco e do que as pessoas tinham gostado. Recebemos um bom *feedback* e percebemos que havia opções para fazer um segundo álbum, necessitando de trabalhar mais. Conhecemos o Daniel Makosch [NR: da Ragingplanet], que se interessou por lançar o disco, e fizemos o segundo trabalho com intuito de chegar a mais gente e até fora do país. Não conseguimos estar muito tempo com o mesmo álbum, sentimos que temos de dar mais às pessoas.

Os vossos discos e concertos são praticamente instrumentais…
No primeiro álbum não tivemos nenhuma voz, já neste, temos um amigo nosso, cá de Viana, o Paulo Renato, que canta no tema «Omega». Sentimos que era necessário colocar vozes numa música, não só para ver a reacção, mas também porque sentíamos necessidade de colocar um apontamento desse género num ou noutro tema.

Mas falamos de vozes que nem se aproximam da intervenção convencional.
Sim, gostamos de fazer algum experimentalismo, e o pessoal tem reagido bem às vozes da «Omega». Não somos influenciados por um artista específico, fazemos os discos da melhor forma que os sentimos e achamos que os aspectos a melhorar têm de partir de nós, não de outro tipo de influências.

Há um lado muito orgânico na vossa estrutura musical. Alguém joga a malha e depois os outros entram no improviso, quase como numa abordagem jazzística. Como organizam tudo isso?
Os temas são construídos com base de guitarra, gravada na casa do Gustavo, depois metemos uma melodia básica,

"Não somos influenciados por um artista específico, fazemos os discos da melhor forma que os sentimos."

cantarolando para o telemóvel. No ensaio usamos isso e deixamos que cada um insira o seu instrumento mediante o que ache encaixar melhor, trabalhando a partir daí. Geralmente ficamos pela primeira versão, não gostamos de mexer muito. Somos autodidactas e não temos a mesma capacidade de compor de um músico com formação. Penso que estamos conectados musicalmente, é como uma "conversa" em que vamos colocando o que falta.

Usam títulos para as músicas com origens muito diferentes. Há lá termos nipónicos, hindus, mediterrânicos.
«Prussian Blue» é o nome de um tipo de azul, o primeiro pigmento sintético, e «Kanagawa», a faixa que se segue, é de um antigo quadro japonês, muito popular, que foi pintado com esse azul, o chamado azul verdadeiro. «Sar-I-Sang» é a terra em que foi descoberto o primeiro cristal de Prussian Blue, conhecido como lápis lazúli. Gostámos de criar uma história à volta do álbum, porque temos gosto pelo esotérico e o misterioso.

E as outras músicas, também estão ligadas a essa ideia?
Tudo se relaciona com o lápis lazúli, ou pinturas que foram feitas, deuses da antiguidade associados a ele, coisas assim. No primeiro disco também fizemos algo do estilo, pelo nosso gosto pelo esoterismo e teorias de conspiração. Pensamos muito *outside the box*.

Esse primeiro disco passou um pouco ao lado de muita gente, achas que é por estarem numa ponta de Portugal?
Exactamente, é mais fácil tocar no estrangeiro do que pelo nosso país... Não por não gostarmos, mas porque o circuito é pequeno e só temos meia dúzia de sítios para tocar ao nosso alcance.

Ao assinarem com a Ragingplanet, obtiveram outro reconhecimento. Ajudará também a divulgar esse primeiro trabalho?
Sim, depois de termos conhecido o Daniel, começámos a ver a possibilidade de fazer uma segunda edição do disco, umas 200/300 cópias, para vendermos em conjunto com o novo. É verdade que passou um pouco ao lado, mas também não é um estilo musical que esteja em voga por cá. O que tocamos é um pouco experimental, não aquilo que é habitual em Portugal. Custa um bocado chegar ao público, mas depois ouvem e gostam, é essa a verdade. Primeiro estranha-se, depois entranha-se, como se diz.

Com os Sulfur Giant, vocês constituem um par de nomes do Alto Minho que estão a passar ao lado do público nacional em geral...
Não sei que te diga sobre isso, mas é verdade. Há neste momento uma onda de muito consumismo de stoner. Festivais, e casas, apostam nesse estilo e nas bandas que o pessoal vai ouvindo e acabam a ser esses que aparecem. Neste momento temos agenda até ao final do ano e estamos a preparar uma *tour*, mas o pessoal tem de trabalhar, insistir e fazer sempre melhor.

Ambos os discos possuem uma primeira faixa com título semelhante, «41.89505-8.81056» no primeiro e «41.84647-8.80133» no segundo. O que é isso?
São coordenadas GPS dos locais onde gravámos o disco, da nave onde trabalhámos. Paranóias nossas. [risos]

Já te demarcaste do movimento stoner, como definirias então o vosso som?
Há quem diga que é post metal, ou post rock... Nunca dei um rótulo porque isto sai de nós sem nos colarmos a um estilo, mas para mim pode ser um deles. É por aí, e é aí que temos a dificuldade, pois não conheço muitas bandas deste género em Portugal. Nós também só começámos a ter alguma projecção com o primeiro álbum, antes não tínhamos relevo nenhum. Com este segundo lançamento houve muita gente a dar-nos os parabéns e a ficar surpreendida, por isso espero que nos abra muitas portas novas, se bem que também não penso muito nisso dessa forma.

ZÉ PEDRO

[HOLOCAUSTO CANIBAL, GRUNT, DEMENTIA 13, AXIA]

Tape trading, *compilações que eram verdadeiras maratonas sónicas (em cassetes de ferro de 90 minutos), selos com cola, questionar se o remetente arranjava mais temas da quinta banda que vinha no lado B e rebobinar no fim com uma caneta Bic... Eram situações habituais nos inícios de 90. E tudo isso contribuiu para propagar alguns álbuns e elevá-los ao estatuto de culto. Hoje, embora tudo se processe de maneira diferente, grande parte do mecanismo/finalidade é o mesmo e qualquer* playlist do *YouTube, sugestão Spotify,* post *no Facebook*, DJ set *num bar, ou mera dica de um amigo, podem contribuir para a descoberta de determinado artista, álbum, discografia e levar-nos a marcar presença no espectáculo seguinte. Se algum tema desta* mixtape *propiciar isso, está o objectivo cumprido!*

LADO A

Necrophagia

«Unearthed»

[Harvest Ritual, 2005]

Foram dos primeiros a incorporar *samples* de série B nos seus temas, e isso só por si é assinalável, mas continuaram a carecer de um álbum que me saciasse por completo, o qual só chegaria cerca de duas décadas depois. Segui sempre o trabalho do Mirai Kawashima nos Sigh (daí o convite para o «Codex Bizarre» dos Grunt) que assina aqui uma das mais inspiradas prestações de sempre. O Killjoy é um *case study* da arte persuasiva, a julgar pelas dezenas de músicos míticos que já figuraram nos seus *line-ups* (nem me referia à Jenna Jameson).

Carcass

«Corporal Jigsore Quandary»

[Necroticism – Descanting The Insalubrious, 1991]

Muitas discografias bifurcam em fases distintas, poucas nos causam a dúvida de qual fase nos cativa mais. Se me marcaram os primórdios e todo o cariz pioneiro assente numa diversidade de aspectos (morbidez lírica, imagética forte, sonoridade inovadora) que atingiram o seu pico neste álbum, adoro em igual medida toda a fase iniciada pelo «Heartwork» que, a meu ver, é musicalmente magnífico e foi igualmente revolucionário na forma como incorporou riffs mais melódicos no death metal.

Sadistic Intent

«Dark Predictions»

[Resurrection, 1994]

Maldade impiedosa, solos badalhocos, aura asfixiante e mudanças de ritmo abruptas, são tópicos cruciais que o death metal mais nefasto deve ter para me fidelizar à primeira audição. Muitos outros pares poderiam ser citados, mas já estou em estágio para o Netherlands Death Fest 2018.

Mayhem

«In The Lies Where Upon You Lay»

[Grand Declaration Of War, 2000]

Estava longe de supor que este ano iria presenciar sete vezes o «De Mysteriis Dom Sathanas» na íntegra. Talvez por isso, as saudades acrescidas de ouvir o meu álbum preferido deles. Não se trata de hierarquizar um em detrimento de outro, pois são incomparáveis e absolutamente distintos, mas continuo rendido a certos momentos experimentais de pura genialidade aqui contidos.

LADO B

Bohren & Der Club Of Gore

«Midnight Walker»

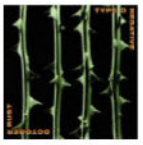
[Sunset Mission, 2000]

O álbum de excelência para ouvir numa solitária deambulação pedestre nocturna, quando perdido na imensidão de uma grande cidade. Adequado também após picos de adrenalina, quando o objectivo é suavizar estados de espírito mais oscilantes e revoltos.

Type O Negative

«Love You To Death»

[October Rust, 1996]



Ocupam o pedestral do meu pódio imaginário. Imune a qualquer saturação ou desvanecimento temporal de brilhantismo, a simples ousadia de adjectivar o álbum, ainda que de forma positiva, constitui a meu ver uma violação da obra. Evitando ser ambíguo ou redutor, o único comentário que entendo ser pertinente é que este tema será o miradouro perfeito para contemplar uma obra vasta e obrigatória.

Depeche Mode

«Enjoy The Silence»

[Violator, 1990]

Para mim é simplesmente inconcebível, uma viagem sem o recurso a Depeche Mode a dada altura do itinerário. Dezenas de temas poderiam ser eleitos, mas tinha de referir o «Violator», que transporta em si o equilíbrio perfeito entre luz/escuridão e uma introspecção sombria profunda. A primeira prova relevante que não ficariam confinados nos 80s.

Diamanda Galás

«My World Is Empty Without You»

[La Serpenta Canta, 2003]

Por vezes somos sugados por um abismo espiral negro, mas acedemos a coabitar voluntariamente com ele, até porque muitas vezes a negatividade consegue ser tão prolífera em instintos de autodestruição como em momentos criativos. Uma banda-sonora adequada poderá converter uma passagem amargurada numa fatalidade glorificada, especialmente se contiver uma voz que nos trespassa a alma afagando-nos depois com as suas dissonâncias.

Lord Diabolus Throne

Fifth studio album of Flagellum Dei marks the highest point in the band's music evolution in twenty years career. Without breaking or loosing their old foundations, the new album delivers an atmosphere of evil riffs and demonic vocals, crushing drums and pounding bass lines.
With an utterly powerfull production the 36min long album is a compromise with the best black death metal known from Europe's southern lands.
Clear and dynamic sound like never featured on any previous Flagellum Dei album.

Available worldwide on:
DECEMBER 1st 2017
in CD | LP | DOWNLOAD

Flagellum Dei

Morta Skuld

Available worldwide on:
DECEMBER 22nd 2017
in DIGI | Limited LP

Wisconsin death metallers Morta Skuld have been bear down in the underground ever since their beginning.
Surface was their fourth full length at the very peak of their career.
Playing their midtempo death metal with a bit thrashy roots,
rich song structures with quite some tempo changes
riff-based songwriting with solid riffs, moves and variations yet no gimmicks,
short and relatively simple solos,
all resumed into eight tracks with no meandering or filler.
Audio carefully mastered by John Hall at Full Sail Studios, the 34 min album is presented for the first time on vinyl record in a worldwide limitation of 500 hand numbered copies.

LUSITANIAN MUSIC

STORE.LUSITANIANMUSIC.COM

www.lusitanianmusic.com sales@lusitanianmusic.com lusitanianmusic.bandcamp.com
/lusitanianmusic /LusitanianMusic Lusitanian Music Lda /LusitanianMusic

LÂMINA

"Quebra ritmos, muda regras, corta pulsos, perfura corações, vai ao âmago," disse o nosso José Almeida Ribeiro, com a sensibilidade poética que lhe reconhecemos, ao descrever o disco de estreia dos LÂMINA, «Lilith», na edição #197. Passados vários meses, ainda damos por nós a regressar frequentemente à potente mistura de estilos que a banda lisboeta debita, pelo que decidimos convidá-los para o grande desafio do LOUD! DJ. O vocalista/guitarrista Vasco Duarte e a baterista Katari responderam ao chamado!

BLACK SABBATH

«N.I.B.»

Do álbum «Black Sabbath» [1970]

O último tema do lado A do mítico disco de estreia dos Black Sabbath parece uma abertura perfeita para a sessão. Não só há muito de Sabbath no som dos Lâmina, como há muito de Sabbath em todo o lado. E estamos entusiasmados por receber finalmente a visita do Sr. Osbourne em Portugal, por isso vamos lá ouvir o homem a cantar um bocadinho.

***Vasco*:** [imediatamente] É Black Sabbath, claro.

Começámos de forma tranquila. É para motivar.

***Vasco*:** É a «N.I.B.», é sempre a música que faço quando vou ao Multibanco. [risos]

Adivinhar a banda, o tema, e ainda com um apontamento humorístico. É assim que se faz! Os Black Sabbath são importantes para vocês, enquanto banda?

***Vasco*:** Sim, muito importantes. Não só para nós como para meio mundo, da malta que anda nestas

andanças sonoras, não é? Da minha parte Black Sabbath e Led Zeppelin, também me influenciam muito, e vêm da parte do meu pai. Os Stones também, o Hendrix… e a banda preferida do meu pai eram os AC/DC, que também estão guardados numa boa gaveta.

***Katari*:** A minha história também é parecida, também foi o legado do meu pai. Ele também se dividia entre Black Sabbath e Led Zeppelin, e passou-me as influências de forma apaixonada.

***Vasco*:** Eram jovens do PCP… [risos] Embora o meu pai contasse uma história engraçada sobre os Black Sabbath – ele esteve na Guiné entre 1970 e 72, e dizia-me que havia duas bandas que, antes de irem para combate, quando as ouviam não iam muito bem dispostos. Eram os Sabbath e os Doors. Tudo o resto era agradável, mas com essas, eram levados para um campo psicológico que não era tão bom.

ELECTRIC WIZARD

«Funeralopolis»

Do álbum «Dopethrone» [2000]

Passamos então para os Sabbath do séc. XXI? Pronto, se calhar é um exagero, mas que o «Dopethrone» já adquiriu estatuto de clássico contemporâneo, lá isso já. E que detectamos umas *vibes* de Electric Wizard ou Uncle Acid nos Lâmina, lá isso também.

***Vasco*:** [imediatamente outra vez, durante o *feedback* ainda] Esta são os Electric Wizard. «Funeralopolis», não é?

Temos que endurecer isto, já se viu.

***Vasco*:** Já lambemos muito o chão a ouvir esta música… [risos]

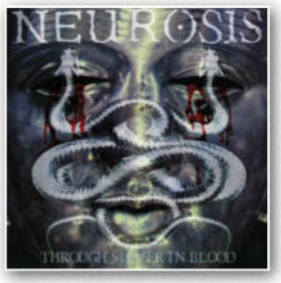
***Katari*:** Lembro-me do concerto no Reverence, tivemos uma experiência colectiva meio transcendente.

***Vasco*:** Estávamos meio ébrios!

***Katari*:** Sim sim, mas é uma história gira. Foi aí que metemos na cabeça… Já tínhamos a Lâmina, e dissemos todos "temos que vir cá tocar a este festival!" E depois aconteceu. Foi uma cena quase mágica

***Vasco*:** E fomos também ao último, mas só ver. Deu para ver aquela grande banda, os Amenra.

***Katari*:** Que grande cena! Não os conhecia, só de nome, e fiquei atravessada com aquilo. Uma onda de energia brutal.



NEUROSIS

«Locust Star»

Do álbum «Through Silver In Blood» [1996]

Neurosis faz sempre sentido tocar, seja a quem for. E mesmo que não adivinhem, sempre ficamos a ver o vídeo da «Locust Star», que é das melhores coisas alguma vez gravadas pelo ser humano.

***Katari*:** Parece Tool, mas não é…

***Vasco*:** Não, isto são os…

***Katari*:** Então, tens aí conhecimento ou não?

***Vasco*:** Tenho, mas está-me a fugir.

***Katari*:** Russian Circles, não?

Não! [e entra a voz de repente, como que a negar mesmo essa hipótese]

***Katari*:** Mas tem aqui um toque de desespero. É Neurosis?

É sim senhora.

***Vasco*:** Tenho pena de não ter acertado! Gosto tanto. Não os ouço muito, mas são fantásticos.

***Katari*:** É como eu, não ouço muito muito, mas gosto e faz parte do meu "património". Aquele álbum com a ilustração do lobo, que não me lembro como é que se chama [«Times Of Grace»] é muito bom.

MINISTRY

«Lay Lady Lay»

Do álbum «Filth Pig» [1996]

Agitemos a questão. Um belo tema do Bob Dylan, original de 1969, deliciosamente violado pelos Ministry no seu tenebroso «Filth Pig» 27 anos depois, que tal? Ninguém prometeu que isto ia ser sempre fácil.

***Katari*:** Espera aí! Eu conheço…

***Vasco*:** Na verdade este baixo parece Suzanne Vega, diga-se. [risos]

***Katari*:** Não tenham pressa!

Nenhuma! Tens quase seis minutos para adivinhar. E no fim se for preciso tocamos outra.

***Vasco*:** A voz às vezes parece… não, ia dizer aqui um disparate.

Oh, diz lá. Os disparates são a melhor coisa do LOUD! DJ.

***Vasco*:** Não, é que não é mesmo o que estava a pensar, é muito rouca a voz. Tem alguns laivos de Jane's Addiction, era o que estava a pensar.

Até são contemporâneos, vês? Não é um disparate assim tão grande.

***Vasco*:** Rob Zombie? Não, não é. Mas é muito louca, esta música.

***Katari*:** É uma *cover*, não é? Não é de Bauhaus? A voz parece Filter, também.

Não, mas esse palpite dá-vos direito a ouvir o original [pomos o original de Bob Dylan a tocar].

***Vasco*:** Ah, isto é Dylan! Claro.

***Katari*:** Aquilo era Ministry! Foda-se! [risos]

Custou mas foi!

***Katari*:** Estava aqui engasgado! Até transpirei. Faz parte das minhas inspirações, adoro industrial.

***Vasco*:** Foi por isso que te trouxe! [risos] E eu que gosto tanto de Ministry, ainda por cima. Quando o meu irmão me mostrou Ministry pela primeira vez, foi a «Jesus Built My Hotrod», ainda eu era puto, virei-me para ele e perguntei-lhe: "*tu andas metido em drogas?*" [risos]

GRAVEYARD

«Too Much Is Not Enough»

Do álbum «Innocence & Decadence» [2015]

Uns Graveyard para apelar à costela mais rock e mais stoner dos Lâmina, que tal? Mas damos uma voltinha maior, e oferecemos o lado mais *bluesy* e mais sensível dos suecos, com esta malhinha deliciosa do disco mais recente.

***Katari*:** Então, pois claro. Mas estamos a brincar ou quê?

Estamos? Digam vocês! [risos]

***Katari*:** Então mas isto não é o Jeff Buckley?

Não, mas as semelhancias são de facto evidentes nesta parte.

***Katari*:** Mas eu sei perfeitamente o que isto é! Vamos lá prestar atenção.

***Vasco*:** É bué Buckley! E também não é o pai dele, o Tim… Eu tenho que admitir que não conheço. Mas é óptimo! Depois quero saber o que é!

***Katari*:** Eu sei mas não chego lá. Isto às vezes é uma questão de não conseguir chegar aos "ficheiros".

Nós damos uma ajuda. [pomos a tocar a «Uncomfortably Numb», do «Hisingen Blues»]

***Vasco*:** [imediatamente] Então, isto é Graveyard! Não parecia a voz do gajo! Repara, a voz aqui está bem diferente. Ouvindo agora, nota-se que é o mesmo tipo, mas o registo é muito diferente.

***Katari*:** É do último, aquela primeira que ouvimos? O gajo está mesmo com uma ginga à Buckley. Filho da mãe. [risos]

Gostam de umas coisas mais *retro*? Acham válido?

***Katari*:** Acho que é válido, numa de homenagem. Mas quando é algo muito colado e não se avança… Há um limite, quando é muito bem feito e assumidamente uma homenagem. Mais do que isso, acho demais.

MÃO MORTA

«Bófia»

Do álbum «O.D., Rainha Do Rock & Crawl» [1991]

Não terminamos a sessão sem passar um tema de produção nacional, e poucos melhores haverá para terminar algo do que este clássico dos Mão Morta. Chave de ouro para todos!

***Vasco*:** São os Mão Morta. Percebe-se só pelas guitarras.

***Katari*:** Boa, boa! A guitarrinha do Vasco.

***Vasco*:** Adoro…

***Katari*:** É uma banda brutal em qualquer parte do mundo. Nunca vi um concerto mau. Nunca!

***Vasco*:** Não existe nenhuma banda como eles.

É um grande desgosto que isto não seja muito fácil de "explicar" ao público estrangeiro. E eles próprios também nunca tentaram verdadeiramente uma internacionalização.

***Vasco*:** Eu até vou dizer uma coisa os Mão Morta, esta voz, podem ser considerados para a cena "negra" como o Leonard Cohen. É denso, esta parte lírica, percebes? A música que mais gosto, porque acho que tem o melhor final de rock'n'roll de sempre, é a «Lisboa». "*Táxi! Casal Ventoso, por favor!*" [risos] Tivemos um desgosto muito grande eles foram dar dois concertos ao Sabotage e convidaram os Lâmina para fazer a primeira parte, mas o nosso guitarrista não estava cá e não pudemos aceitar.

CORAÇÕES AO ALTO

«Every Red Heart Fades To Black» é o novo trabalho dos REDEMPTUS, trio em clara ascensão no meio nacional. Quase em simultâneo, o novo trabalho de estúdio era antecipado por um *split* com os brasileiros Basalt. Tudo motivo para conversar com o vocalista e baixista Paulo Rui.

EMANUEL FERREIRA

Achas que podes mudar o coração das pessoas?
Acho que sim, posso, e tento fazê-lo todos os dias. Somos todos um bocadinho influenciáveis e é isso que tento fazer, nos concertos, na música. Acho que consegues mudar o coração das pessoas, mas se não tiveres o "bom" dentro de ti, é como o nome do disco, «Every Red Heart Fades To Black», ou seja, se aquilo não estiver dentro de ti, mais cedo ou mais tarde, o teu real ser vai voltar à tona e distinguir quem é bom e quem é mau.

Neste disco, como no anterior, há uma grande consciência social. Ela tem sido aumentada, pela experiência de viagem, pela vida na estrada enquanto músico?
Também. A experiência da estrada, a profissão, o ter de lidar com pessoas no dia-a-dia. E a idade a passar faz-te ver coisas que, se calhar, antes vias de forma mais leviana, e hoje já encaras de forma diferente. Talvez tenhas de ir ao âmago da pessoa para a conheceres bem, e isso reflecte a idade a passar.

Reflecte-se nas tuas letras, alguém zangado.
As letras passam muito por falar sobre sentimentos, momentos, afectos... Sempre tentando ser o mais consciente possível sobre o que nos rodeia e quem nos rodeia. Não poderia deixar de estar "zangado" nas letras, pois infelizmente a nossa sociedade continua muito focada na competição, no "eu", e com isso vem essa amargura e desilusão para com essa atitude. Daí, bate ainda mais forte a vontade de ser positivo e influenciar as pessoas em teu redor... Costumo dizer que não deves tratar as pessoas como realmente são, isso não vai trazer nada de novo a ela ou a ti, mas se as tratares pelo que elas deveriam ser, isso irá promover nelas aquilo que elas poderiam ser. Temos tendência a dar menos e mostrar menos do que deveríamos, e essa forma poderá trazer sempre o mais positivo de cada um. É como o exemplo dos

pilotos de avião... Quando tens vento, para chegares de ponto A a ponto B, não podes simplesmente voar numa linha recta... Os pilotos voam sempre mais para norte para aterrar nesse ponto B, pois se fossem em linha recta esse vento faria com que a aterragem fosse num ponto C, que seria muito mais a sul do que suposto.

Mas o passar da idade também leva as pessoas a ficarem mais confortáveis, menos activas. Tu fazes o contrário.
Sim, é o caminho que um gajo deve seguir, não se deixar acomodar, não se sentar no sofá a não fazer nada. Isto acaba por ser tudo curto, e com a idade a passar, se te acostumas a muita coisa, acabas por não ir a lado nenhum. No meu ponto de vista, quanto mais a tua idade avança, se não fores atrás do que te interessa, e lutares por mais coisas, acabas a ficar velho ainda mais rápido.

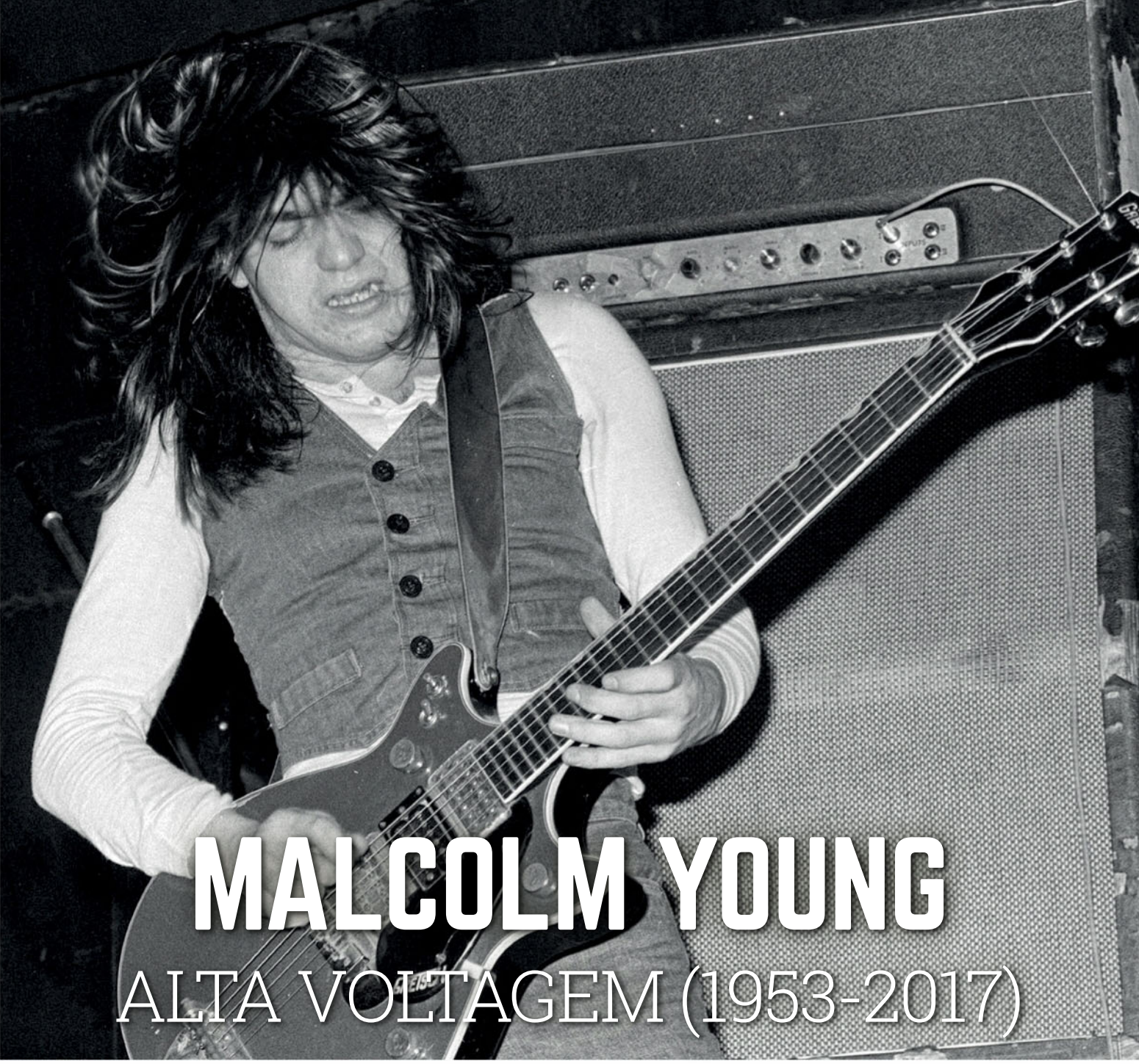
Este não acomodar lembra-me uma frase tua, na altura do Studio Report, onde referias ter aprendido a tocar baixo umas semanas antes dos Redemptus se terem formado. O que te levou a isso?
É uma história engraçada. Nunca tinha pensado em tocar baixo. Ainda em E.A.K., o nosso baixista, Hélder Ferreira, foi para a Holanda trabalhar e pediu-me para guardar o material dele, na minha sala de ensaios. Disse-lhe que se ficasse com isso, ainda formava uma banda e começava a tocar baixo. Tens aí tudo à porta, faz-te à estrada, disse ele. E assim foi, quando o grupo terminou, olhei para a sala de ensaio e vi as coisas do Hélder, lembrei-me da aventura que o Miguel me tinha proposto e disse-lhe logo para formar a banda, que eu ia tocar baixo. Três, quatro meses depois de começar a tocar, já estava no estúdio a gravar um disco. Aprendi sozinho, só de ouvido, muitas vezes pediam-me para tocar coisas e eu dizia: não me expliques isso em notas, explica a tocar para ver como fazes com os teus dedos, e ia um bocadinho a tocar atrás deles. Hoje em dia já é um bocado diferente, já são quatro anos de banda, já dá um pouquinho mais de arcaboiço, mas no princípio assim foi, a tocar de ouvido, tudo de *feeling*. Quando achava que o tom era bonito, era o que eu fazia.

Semanas antes do lançamento do álbum, saiu o «Atlântico», entre Redemptus e Basalt, um oceano entre Portugal e Brasil. Isto vai resultar em concertos?
A ideia vem mesmo com uma troca completa. Primeiro a intenção de mostrar em Portugal o que se faz no Brasil, dentro do mesmo género de música, e vice-versa. Depois são tudo pessoas amigas, que conheci na minha passagem no Brasil, com Besta, e que depois todos conhecemos com a vinda deles a Portugal, para assistirem aos Amplifest do ano passado e de há dois anos. Muito desta ideia do *split* e de se poder fazer algo juntos, já existe desde aí. Bem como a intenção dos Redemptus irem fazer uma tournée ao Brasil e os Basalt virem cá fazer alguma coisa. Já se pensava fazer algo este último Setembro, mas houve algumas complicações e acabámos por adiar. Em 2018, ou Basalt em Portugal, ou Redemptus no Brasil, será algo para acontecer.

Para lá disso, e tomando o exemplo da digressão brasileira dos Besta, ou a europeia dos Sinistro, como vão ser os Redemptus em 2018?
Não te consigo apontar para aí, mas o que te posso dizer é que Redemptus já está com uma *tour* apontada para a Europa, em Março de 2018, será a primeira experiência extensa da banda fora de Portugal. Já fomos algumas vezes lá fora, mas sempre poucas datas, enquanto desta vez vamos fazer umas dezasseis datas na Europa, passando por Espanha, França, Bélgica, talvez Holanda, com certeza Alemanha. Isto vai ser depois de, no início do ano, ter ido com Besta para uma digressão brasileira, e depois com Verdun para a Rússia. Chego da Rússia e parto para a *tour* europeia com os Redemptus. Tudo isto no primeiro trimestre do ano, se depois correr bem, no segundo trimestre, vamos pensar numa nova *tour*. Tocar em Portugal, festivais, tudo vai depender da aceitação do álbum, mas pelas *reviews* que já temos tido, penso estar encaminhado. E fico hiper-mega-contente de ter elementos de bandas com outros grupos que começam a dar passos gigantescos lá fora. Quando vejo os Sinistro a realizarem uma digressão de 30 datas lá fora, é nada mais do que felicidade, ao ver aqueles caramelos a tocar por aí.

E maior felicidade se fossem vocês a seguir fazer o mesmo…
Sim, mas como nunca iremos ver isto como "eu melhor do que tu, tu melhor do que eu", resta-me fazer o meu trabalho bem feito e esperar que por mérito próprio as coisas apareçam. Se aparecerem muito bem, se não, é continuar a trabalhar, que foi o que os Sinistro fizeram durante muito tempo. Fico muito contente com eles.

"Não poderia deixar de estar 'zangado' nas letras, pois infelizmente a nossa sociedade continua muito focada na competição, no 'eu' e com isso vem essa amargura e desilusão para com essa atitude."



MALCOLM YOUNG

ALTA VOLTAGEM (1953-2017)

Não era o *show-man* dos AC/DC. Era o *riff-man*. A ele se deve muita da influência exercida sobre inúmeros guitarristas de hard rock e metal que depois dele vieram. A clássica figura do ritmista gerador de *air guitar* sem fim pelo mundo fora nasceu com MALCOLM YOUNG, a 6 de Janeiro de 1953. O músico não chegou a completar 65 anos de idade porque morreu no passado dia 18 de Novembro. Sofria de demência há cerca de dez anos. Em 2014 foi obrigado a deixar a banda que construiu com o irmão Angus, uma banda que, só por si, é um estilo musical. *"Com enorme dedicação e empenho, ele era a força motriz por trás do grupo,"* admitiram os AC/DC no comunicado que deu conta da triste notícia. Porque a família Young também é sinónimo de rock'n'roll, celebremos o legado de um dos grandes.

NELSON SANTOS

A TODOS QUANTOS SÃO PELO ROCK (NÓS SAUDAMO-VOS)

Quando, em Abril de 2014, Malcolm Mitchell Young foi obrigado a ausentar-se das actividades do grupo por questões de saúde, que ainda não eram conhecidas, foi o próprio que convenceu os restantes companheiros a prosseguirem sem ele. Humildade que vai ao encontro da sua personalidade *low profile*, sem ter de se pôr em bicos dos pés para fazer o que mais gostava. Deixou que Angus Young fosse a "imagem de marca" dos AC/DC ao longo de mais de 40 anos, não mostrando qualquer inveja ou competição pelo estrelato que, cedo se percebeu, estava mais receptivo às extraordinárias habilidades colegiais e solistas do irmão mais novo, ou para a rebeldia sensual de um vocalista como Bon Scott. Apesar de todos saberem – menos o público, mas quem se importava com isso? – que Malcolm era o grande estratega por trás da maioria daqueles riffs e daqueles passagens que ecoavam por cidades boémias em auto-rádios desgovernados.

ROCK 'N' ROLL NÃO É POLUIÇÃO SONORA

«TNT», «Highway To Hell», «Back In Black», «You Shook Me All Night Long» ou «Riff Raff» são apenas alguns exemplos de altruísmo musical, do abdicar do ego em prol do bem final da banda; de uma simplicidade aparente, diz quem tenta aprender guitarra com estes riffs e descobre que há ali muita classe encoberta. Músicos de géneros bem mais pesados como James Hetfield, Dave Mustaine ou Scott Ian nunca esconderam a primordial idolatria que sentem por Malcolm Young, ao ponto de nos perguntarmos se o thrash metal chegaria, sequer, a ser gerado, sem a mestria palhetada deste ilustre escocês, tornado australiano. Nas muitas palavras de homenagem que se seguiram à morte do guitarrista, lemos, por exemplo, um sempre esclarecido Alex Skolnick a não poupar elogios a quem deles é digno – *"O Malcolm não tinha vestimentas distintivas. Não tinha moves próprios em palco. Não precisava deles. Tinha os riffs e fê-los melhor do que quase toda a gente. Quem mais, no rock pesado, podia tocar uma Gretsch White Falcon – uma guitarra mais associada ao rockabilly – e brilhar? Os seus riffs para os AC/DC vão ficar na história ao lado dos de Jimmy Page para os Led Zeppelin ou de Tony Iommi para os Black Sabbath."* E era só aquele rapaz pacato, à direita do vocalista, a abanar a cabeça em compassos tão certeiros quanto a sua precisão rítmica, quase sem mexer os pés.

AUTO-ESTRADA PARA O INFERNO

Foi em 2008, quando ainda gravavam o álbum «Black Ice», que Malcolm e Angus perceberam que algo de errado se passava. Normalmente organizado e com uma disciplina metódica completamente antagónica ao caos de trabalho admitido pelo irmão mais novo, Malcolm sofria agora com lapsos de memória. Estava confuso e desorganizado, o que era novidade para o seu fraternal comparsa de uma vida. "*Ele tinha de ensaiar todos os dias, antes de um concerto, músicas que tocamos há 30 anos, só para não as esquecer,*" disse na altura da *Black Ice World Tour* um ainda bem sadio Angus Young, como tivemos oportunidade de testemunhar na incrível prestação que fizera aquando da passagem por Lisboa, no Estádio de Alvalade. Mais tarde, antes da gravação do álbum subsequente, «Rock Or Bust», Malcolm foi mesmo obrigado a arrumar a guitarra no estojo. A 24 de Setembro de 2014, o *management* dos AC/DC anunciou que o músico não voltaria ao grupo. O seu substituto na *tour* de 2015 seria o sobrinho Stevie Young, filho do irmão mais velho Stephen Young, que também viajou de Glasgow para Sydney, quando a família emigrou em 1963. Stevie já havia feito as vezes de Malcolm em 1988, quando o tio teve de perder a maioria das datas relativas à *Blow up Your Video World Tour* para tratar problemas com a bebida.

DURO COMO UMA PEDRA

Demência e álcool não foram os únicos problemas com que Malcolm Young se debateu ao longo da vida. Após a digressão mundial para o álbum «Black Ice», o *rocker* cinquentão foi diagnosticado com cancro pulmonar. A doença fora descoberta nos seus estágios iniciais, daí que a cirurgia tenha sido bem sucedida e o problema removido. Pouco depois, também percebeu que tinha um problema de coração. Vale a pena recordar aqui as palavras do vocalista Brian Johnson quando soube da notícia pelo próprio – *"Malcolm típico… pega-me na mão e começa a bater no peito: 'Pacemaker. Fucking good, mate.' Assustou-nos a todos! E ainda me piscou o olho. Era como se nos estivesse a mostrar uma nova caixa de efeitos."* Fisicamente, foi tudo tratado e, enquanto pôde, Malcolm Young continuou a compor e a tocar ao vivo. Angus chegou a garantir que o irmão esteve em cena até poder. Até à última. Até já não se lembrar das músicas. O cancro e o coração estavam resolvidos. Mentalmente, é que as coisas se deterioraram. Malcolm estava a ficar cada vez mais desconcentrado e esquecido, chegando a admitir – "*Já não dá mais. Já não consigo.*"

BEBAM UMA POR MIM

O desaparecimento físico deste que ficará para sempre como um dos expoentes da guitarra ritmo no rock pesado sucede a uma lista de infortúnios que têm assolado os AC/DC nos últimos tempos, desde logo com a recente partida de George Young, irmão mais velho e produtor dos seis primeiros álbuns do grupo. O quinto de oito irmãos morreu a 22 de Outubro, contava 70 anos. Fez sucesso na Austrália dos anos 60 com os seus The Easybeats, ainda antes dos manos guitarristas, vindo a participar nos álbuns «High Voltage» e «Dirty Deeds Done Dirt Cheap», além de tocar baixo nos AC/DC em várias ocasiões ao vivo entre 1974 e 75. As quatro cordas, que são outra contrariedade recente para o carisma do grupo, uma vez que Cliff Williams, baixista de longa data (1977), decidiu retirar-se há pouco mais de um ano por sentir que os AC/DC são hoje "um animal mudado", justamente devido às saídas de vários elementos chave. Malcolm Young já estava fora, Brian Johnson também teve de se afastar devido aos seus problemas de audição e até o baterista Phil Rudd, que passou quase 30 anos na banda em dois períodos diferentes, viu-se longe dela em 2015, a contas com a justiça, devido a posse de droga e ameaças de morte. Recorde-se que a tragédia começou por assolar os AC/DC bem cedo, a 19 de Fevereiro de 1980, quando Bon Scott sucumbira com apenas 33 anos de idade. Nessa altura, Malcolm, Angus, Cliff e Phil chegaram a considerar terminar por ali a banda, mas a família de Bon disse-lhes que ele teria desejado que continuassem. «Back In Black» foi o genial álbum de tributo a um génio bebedolas que, quatro dias antes de morrer, estava a ensaiar (na bateria!) «Have A Drink On Me» com Malcolm e Angus. *Cheers* a todos eles!

"O Malcolm não tinha vestimentas distintivas. Não tinha moves próprios em palco. Não precisava deles. Tinha os riffs e fê-los melhor que quase toda a gente."
(Alex Skolnick)

À PROCURA DO PERIGO

Entre 2002 e 2016, os WITCHERY lançaram apenas dois discos. O último, intitulado «In His Infernal Majesty's Service», foi tão bem recebido que surpreendeu a própria banda. Embalados por esse inesperado entusiasmo, não perderam tempo e, onze meses depois, apresentam ao mundo «I Am Legion», um sétimo longa-duração que comprova o excelente momento de forma que atravessam. Falámos com o guitarrista Patrik Jensen.

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO

A recepção ao vosso álbum anterior foi muito boa e sei que vos surpreendeu. Isso elevou as expectativas em relação a este novo disco, que surge menos de um ano depois?
Fizemos o disco anterior para comemorar os vinte anos dos Witchery. Eu nem sequer tinha a certeza se alguém ainda se lembrava dos Witchery, ou se alguém queria saber, mas não podia deixar passar essa data em branco, porque para todos os efeitos continuávamos no activo. Compusemos o disco e foi então que descobrimos que o Emperor Magus Caligula, vocalista dos Dark Funeral que ia gravar o álbum, tinha um problema de saúde relacionado com o ouvido, que o obrigou a deixar a música. Dois meses antes de entrarmos em estúdio. Tivemos a sorte de encontrar o Angus Norder, o nosso actual vocalista, muito rapidamente. Além disso tínhamos ensaiado tudo com o Martin Axenrot, dos Opeth, mas ele também estava muito ocupado e acabou por nos pedir para acharmos outro baterista. Portanto, gravámos um disco com dois membros acabados de chegar à banda, e a reacção acabou por ser melhor do que aos dois ou três discos anteriores. Ficámos agradavelmente surpreendidos com tanta gente a elogiar o álbum e aguardámos por convites para tocarmos ao vivo, porque finalmente temos uma banda com essa disponibilidade, mas a verdade é que os convites não apareceram. Foi então que percebemos que as pessoas achavam que éramos uma

daquelas bandas que grava um disco e desaparece logo a seguir e, por isso, quisemos compor e gravar outro álbum logo de seguida, para provar o contrário. E começámos do nada, porque não tínhamos material nenhum além do que gravámos para o disco anterior. A verdade é que a estratégia funcionou. Dois álbuns em onze meses e as ofertas para tocarmos ao vivo continuam a chegar. Já agora, queremos muito tocar em Portugal, por isso deixo aqui o apelo aos promotores do vosso país!

Este é um disco ainda mais diverso e que faz muito bem a ponte entre o vosso lado mais tradicional e obscuro e o *groove* e o peso do último álbum. Achas que é uma mistura perfeita desses dois mundos?
Acho que é e acho que é isso que torna os Witchery únicos e que faz a nossa sonoridade ser diferente das outras bandas. Temos muito thrash metal e muito black metal, mas também temos heavy metal e rock, tantas coisas diferentes e que, na minha opinião – mas eu sou suspeito [risos] – fundimos com muita naturalidade. Um tema como «Of Blackened Wing», que é um dos meus favoritos, tem um riff super pesado logo de início, mas depois evolui para algo muito diferente e perigoso. Acho que a música pesada tem de ser perigosa. Quando se toca thrash metal tens de ser sempre muito preciso, muito sólido, e eu gosto disso, mas esse tema tem qualquer coisa de punk que o torna mais cru e descontrolado. É como Motörhead, nunca sabes quando é que o comboio vai descarrilar, mas parece sempre que pode ser a qualquer momento. É disso que sinto falta e foi isso que procurámos fazer neste disco. Talvez por isso acho que os Witchery estão longe de ser uma banda convencional de thrash metal.

Achas que há limites para a experimentação no thrash metal?
Acho que esta quinta ou sexta vaga de thrash metal soa exactamente como as bandas dos anos 80, com o mesmo tipo de visual, de *artwork*, de artista que faz o *artwork*, enfim, por mais qualidade que tenham – e muitas têm – falta criarem algo realmente seu. Com o black metal acho que há mais por onde te expandires. Por exemplo, Myrkur ou Oranssi Pazuzu são bandas completamente diferentes, mas as pessoas continuam a classificá-las como black metal. Já o thrash metal precisa de ser de uma determinada maneira, ou então não é thrash.

Tendem a dizer que há muito de Slayer nos teus riffs, mas eu ouço mais Dark Angel. Em que é que ficamos? [risos]
Eu diria que tenho muito de Motörhead [risos], pelo menos nos Witchery. Não escrevo para esta banda para ser progressivo ou técnico, quero ser massivo, quero causar impacto, quero tirar o pó dos livros que tiveres nas tuas estantes.

"A música pesada tem de ser perigosa, como os Motörhead, nunca sabes quando é que o comboio vai descarrilar, mas parece sempre que pode ser a qualquer momento."

Sei que nos últimos anos deixaste de ser um músico a tempo inteiro, voltaste à universidade e agora tens um trabalho e tocas nos tempos livros. Foi uma transição difícil?
Sou muito agradecido por ter vivido tantos anos da música. Gosto do que faço agora, mas não é o que mais gosto de fazer. O que mais gosto de fazer é tocar, é de música. Mas agora que não o faço sempre e que tenho menos tempo para a minha guitarra, valorizo ainda mais esses momentos e consigo estar muito mais focado. Ou seja, é tudo uma questão de perspectiva. Antes tinha oito horas por dia para estar com a guitarra, agora tenho três. Isso tornou-me mais disciplinado. Mas lá está, nada me dá mais gozo do que chegar a casa, vestir a minha *t-shirt* dos Dark Angel – sim, estavas certo, sou um grande fã! [risos] – e começar a tocar. Agora tenho saudades de tocar e anseio fazê-lo. É a maior vantagem desta mudança.

O humor irónico que usavam nos primeiros discos deu lugar a uma abordagem mais séria ao longo dos anos. Porquê? Sentias que não vos levavam a sério?
És o primeiro a fazer-me essa pergunta e fico feliz que alguém tenha reparado nesse pormenor. Mudámos isso, porque muita gente achava que os Witchery eram uma *joke band*, coisa que nunca fomos nem nunca quisemos ser. Por outro lado, cada vez mais álbuns parecem tocados por robôs e, para mim, os Witchery ganharam uma importância ainda maior como uma resposta a essa tendência e à minha vontade de ouvir música orgânica e verdadeiramente raivosa e "perigosa", por mais idiota que essa palavra possa soar neste contexto. Talvez por isso, achei que se quase ninguém entendia o nosso humor, não valia a pena seguir por esse caminho, e mais valia optar por uma abordagem lírica mais condizente com este sentimento que foi crescendo em mim.

HAERESIS NOVIOMAGI

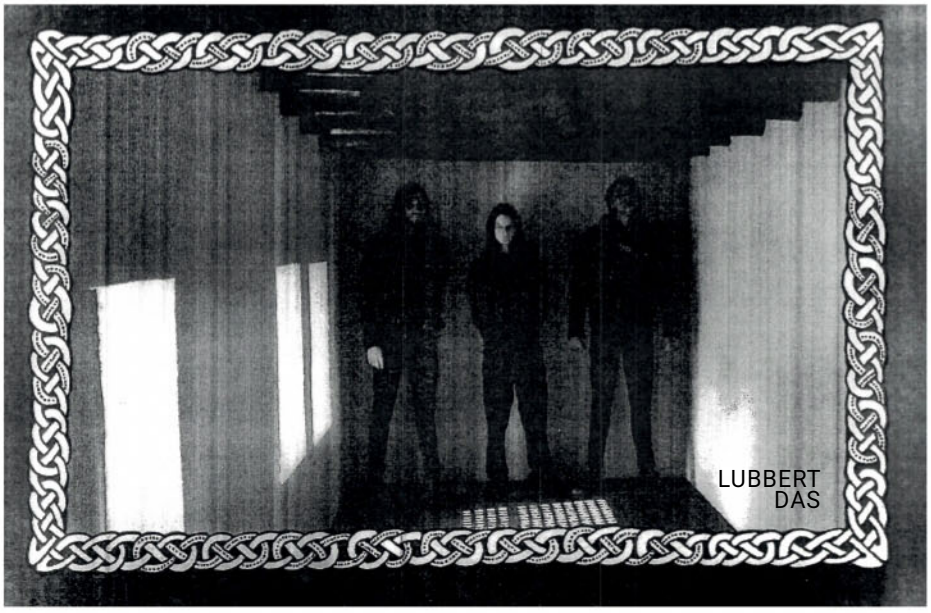
Alguns dos mais fascinantes lançamentos recentes de black metal surgem num contexto de colectivo artístico com raiz nas infames Les Légions Noires do início dos anos 90. O facto de a ideia não ser nova não belisca a belíssima música editada por conjuntos como os norte-americanos Crepúsculo Negro e Vrasubatlat – o recente anúncio de que os primeiros vêm à Europa no início de 2018 estará seguramente a deixar muito gente com água na boca – e nomes como a Kuunpalvelus da Finlândia e a Haeresis Noviomagi dos Países Baixos. Após um ano em que a sua exposição cresceu ao ponto de terem marcado presença no Roadburn, falámos com o colectivo holandês de forma a descortinar o que os define enquanto tal.

LUÍS PIRES

Formada em 2015, a Haeresis Noviomagi inclui actualmente Iskandr, Lubbert Das, Paean, Solar Temple e Turia no seu catálogo. Com membros comuns em todos os projectos, sendo a editora gerida pelos mesmos, podia-se pensar que esta se define exclusivamente pelo pessoal envolvido. No entanto, não é bem assim. "*O O. está envolvido numa banda chamada Galg cujo trabalho se insere num campo da música pesada que é tematicamente distinto da Haeresis Noviomagi,*" explicam-nos e usamos aqui o plural, já que as respostas e comentários foram feitos sem individualizar personalidades. Imagine-se uma Haeresis antropomorfizada a falar como uma entidade, se isso ajudar. Seja como for, há portanto um enquadramento artístico subjacente à editora. "*O nosso objectivo é criar arte séria, contemplativa, e negra; maioritariamente através do black metal, mas também noutros géneros relacionados,*" esclarecem. O mais recente lançamento consiste na *demo* de estreia dos Solar Temple, uma única malha de black metal lo-fi que consegue misturar uma orgânica e ébria atmosfera com uma faceta de contemplação cósmica. A história começa no entanto com os Lubbert Das, que em 2014 editam a *demo* «Keye» em formato de cassete. "*Quando fizemos esse lançamento, percebemos o potencial para este tipo de projecto. Podes dizer que apesar do «Keye» não ser parte do catálogo da*

TURIA

Haeresis Noviomagi, é a semente a partir da qual se desenvolveu a ideia." O primeiro lançamento efectivamente com o selo da editora surge em 2015 com «Deluge», também dos Lubbert Das, onde à visceralidade e raiva de «Keyes» acrescentaram uma densa componente atmosférica. *"A música dos Lubbert Das nasce de uma profunda raiva e luxúria por narrativas poderosas. É parte de uma resposta ao que entendemos como a modernização do black metal, que nos parece afastá-lo do centro do que esta música deve ser. Não somos no entanto contra nenhuma banda ou músico em particular e não escrevemos meramente como uma reacção a essas modas; tal seria uma base francamente medíocre para criar arte."* No fundo, trata-se apenas de uma identificação temporal de princípios que procuram destilar: *"O nosso objectivo é caminhar em direcção ao núcleo dessa visão artística, que está definitivamente mais presente no passado. Acabamos por nos inspirar mais nesse passado do que num futuro qualquer."* Confirmam-nos ainda estar a trabalhar no antecipado primeiro longa-duração da banda, que dizem seguir o caminho básico delineado no «Deluge». *"Se bem que o caracterizaríamos como menos atmosférico e mais focado na componente física,"* adicionam. *"A música em si é definitivamente mais agressiva. Pode-se dizer que combina a sonoridade do «Deluge» com o estilo de riffs do «Keye»."*



"Encontramos inspiração na austeridade minimalista presente em diversas formas de arte, literatura, e filosofia."

Na mesma altura em que «Deluge» é lançado, os Turia mostram-se com «Dor», cujo título é referência ao termo holandês para árido. Ao contrário dos Lubbert Das, os riffs são mais evocativos do que agressivos, sugerindo vastas e estéreis expansões geológicas, enquanto que as vocalizações de T. trocam a raiva pela melancolia. Estas características viram-se melhoradas em «Dede Kondre», editado no início deste ano e de resto apresentado em Portugal no North Dissonant Voices. A ligação ao nosso país estende-se ainda às edições de vinil e CD dos Turia, que têm o selo de qualidade da Altare. O segundo ano de vida da editora é marcado pelos primeiros dois álbuns de Iskandr, projecto a solo de O. que partilha algumas características com Turia, em particular o lado catártico das composições. No entanto, ao passo que em Turia esta catarse se dá em relação com o exterior, em Iskandr é consideravelmente mais pessoal. *"Iskandr, sendo um projecto a solo, será sempre mais reflectivo e pessoal. As letras lidam quase sempre com assuntos na primeira pessoa. Em contraste, as letras de Turia focam-se em temáticas históricas ligadas com lutas pessoais ou colectivas. Podemos levar a distinção mais longe e afirmar que Turia se inclina mais para uma perspectiva filosófica enquanto Iskandr é de certa forma mais psicológico. No entanto, ambos os projectos lidam com conceitos históricos e com uma saudade melancólica dos tempos pré-modernos"*. Ainda em 2016 editam o primeiro álbum de Paean, «Bloemfontein», o primeiro a explorar regiões externas ao black metal, nomeadamente o drone. Tal abandono não será caso isolado no futuro do colectivo. *"Temos material novo a ser preparado que de certa forma vai para além das fronteiras musicais da editora, mas sempre de acordo com as características que delineámos,"* é-nos revelado.

Se olharmos para a Vrasubatlat ou mesmo para o catálogo extra-Prurient do Dominick Fernow, há uma intercepção fértil entre o black metal, drone, noise, e power electronics onde encontramos um certo pendor para a desconstrução. Os holandeses reconhecem essa faceta mas negam ter qualquer intenção de a explorar. *"Esse aspecto é realmente algo que pode ser identificado no trabalho desses artistas. Não é no entanto algo que caracterize a nossa abordagem, até porque não nos focamos no noise e power electronics como eles fazem, mas sim no lado mais tradicional do black metal. No caso dos projectos relacionados com dark ambient, eles focam-se sobretudo no lado ritualista e drone desse nicho musical. A identificar um traço comum, somos inspirados pela importância dada à unidade entre música e presentação visual, a que é dada uma função primordial em muito do power electronics. Não obstante, não recorremos a imagens chocantes, temas politicamente carregados e afins. A nossa arte é escapista, não confrontacional."* Aproveitámos naturalmente a deixa para os instigar a elaborar sobre a elaboração de *artwork*, algo que é feito pelos próprios músicos em todos os lançamentos da editora, com excepção do recentemente anunciado *split* com Vilkacis, projecto a solo de M. Rekevics, baterista dos Fell Voices e Yellow Eyes. *"A nossa música é igualmente atmosférica e reflectiva, apostamos num formato longo e num som de baixa fidelidade cuidadosamente escolhido de forma a realçar os sentimentos que pretende evocar. O aspecto visual, é importante que se refira, é uma componente integral deste processo. Preocupamo-nos em ter boa arte a acompanhar a música, porque esta tem um impacto na forma como se compreende e aprecia a música em si. Queremos que o* artwork *mantenha esta baixa fidelidade, se foque em visualizações abstractas e num imaginário espaçoso."* Esta preocupação está ligada à escolha da cassete como formato preferencial para os lançamentos. *"Escolhemos o formato como ferramenta para criar manifestações físicas da música porque nos permite, de certa forma, criar um talismã. Assim, o* artwork*, a música e a apresentação geral devem formar um todo coerente, tanto dentro da visão do projecto particular como na visão da editora."*

O foco noutras formas de expressão para além da meramente musical é algo que se aplica ainda às fontes de inspiração, conforme nos é dito. *"Procuramos inspiração sobre a natureza da arte nas artes visuais, filme e literatura; a ideia de remover o desnecessário e caminhar em direcção ao núcleo do que queres atingir. Sem entrar demasiado nos particulares, há muita arte e música que se tenta ramificar e expandir, trazer demasiadas influências diferentes ao que é feito. Encontramos inspiração precisamente no oposto, isto é, na austeridade minimalista presente em diversas formas de arte, literatura, e filosofia."*

CONVERGE
CULTO IMUTÁVEL

Durante as mais de duas décadas que já passaram desde que deram os primeiros passos, os CONVERGE têm sabido exactamente como manter o seu inegável *status* como uma das bandas de maior culto no cenário da música extrema actual. Pelo caminho, o quarteto oriundo de Boston – criado pelo vocalista, letrista e artista visual Jacob Bannon e pelo talentoso guitarrista e produtor Kurt Ballou quando ainda eram adolescentes – afirmou-se como um dos nomes mais relevantes e respeitados da sua geração, construindo um percurso incrivelmente sólido, apoiado na sequência de álbuns de qualidade inegável que atingiu nesta recta final de 2017 a entrada #9 num fundo de catálogo sem mácula. Denotando uma clara falta de cinismo em torno do seu ilustre legado, «The Dusk In Us» afirma-se como mais um assalto sonoro do mais alto calibre, que combina beleza e brutalidade com a classe a que estes músicos de excepção já nos habituaram.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

Muita água passou debaixo da ponte desde que, em 1994, os Converge se estrearam com o «Halo In A Haystack» e, mais de vinte anos depois, Jacob Bannon ocupa um lugar de merecido destaque no espectro do metal e do hardcore. Com o seu registo vocal abrasivo e suas letras pessoais – que desde sempre favoreceram o abstracto sobre o melodramático – a revelarem-se incomensuravelmente influentes para toda uma geração apostada em derrubar barreiras de género no que ao peso sónico diz respeito, o músico hoje com 41 anos é daqueles artistas de excepção que conseguem desempenhar um papel proeminente a todos níveis. Mesmo fora da banda que o tornou popular, seja com uma carreira muito bem sucedida como artista visual ou como principal responsável pela Deathwish Inc., uma das mais reverenciadas editoras independentes de que há memória no novo milénio, não há como negar a sua influência. Apesar de tudo isso, Bannon continua a permanecer imerso na subcultura underground que lhe despertou o pendor para a criação no início dos 90s e, ao ouvi-lo falar sobre a novidade «The Dusk In Us», torna-se óbvio que continua tão, ou talvez ainda mais, introspectivo, mas ainda assim opinativo e sábio, em relação a tudo o que o apaixona.

Estás dividido entre a promoção ao novo álbum dos Converge e uma exposição de arte que vai estar patente durante o mês de Dezembro, no Volcom Garden, em Austin. Correcto?

Exactamente. Fiz agora uma pausa nas montagens, porque a exposição é inaugurada hoje à noite [NR: 9/11] e os últimos dias têm sido uma verdadeira loucura. Recebi este convite simpático da Volcom e, mesmo que o *timing* não seja perfeito, porque estamos embrenhados no lançamento do «The Dusk In Us», não tive como recusá-lo. Expor ao lado de artistas tão talentosos como o Arik Roper, o John Baizley e o Thomas Hooper é sempre uma honra... Estes tipos são os meus pares e grandes

"Sei que demos o nosso melhor e que ficámos todos muito satisfeitos com o que fizemos, sendo que essa é a única métrica que uso para medir o nosso sucesso enquanto artistas."

fontes de inspiração, por isso espero que as pessoas gostem desta experiência conjunta, a que decidimos chamar A State Of Matter.

Pelo que dá a parecer, gostas pouco de estar parado.
É um bocado isso, é. Neste momento, por exemplo, estou em Austin, no Texas – voei directo de Boston há uns dias e ainda não tive tempo para respirar. Hoje inauguramos a exposição e amanhã voo de volta para Boston... Se é cansativo? Claro que é, mas também é assim que gosto de fazer as coisas. Tenho tempo mais que suficiente para dormir quando morrer. [risos]

É fácil conciliar tudo? A arte, a música, a família, a editora...
Não, às vezes é muito complicado e esta é uma dessas fases. No entanto, nem sempre é assim. A confluência de diversos factores ditou que o meu andamento nestes últimos meses de 2017 seja um bocado mais frenético, mas sei que eventualmente vou ter um período mais calmo em que, de certeza, vou desejar que estivessem a acontecer mais coisas ao mesmo tempo. Não sei bem como explicar esta necessidade de estar sempre a criar. Basicamente, gosto de ser sempre tão produtivo quanto possível e, sobretudo em termos criativos, gosto de manter um movimento constante. Essa vontade de estar constantemente a criar permite-me ir experimentando coisas novas, permite-me ir levando a minha arte um pouco mais além e isso é algo que me satisfaz imenso.

Como lidas com essas fases mais complicadas em termos de actividade?
Tento baixar a cabeça e seguir em frente. [risos] Por um lado, nós temos plena consciência de que já não temos dezoito anos e sabemos que, nessa altura, era tudo muito mais fácil no que concerne a termos tempo para ir, por exemplo, para a sala de ensaio escrever música nova. Agora vemo-nos forçados a gerir quatro horários distintos de uma forma quase minuciosa, mas enquanto tivermos todos vontade de fazê-lo, não me parece que vá haver grandes problemas. Além disso, este não é um problema exclusivo dos Converge... Acho que qualquer banda que tenha uma carreira longa já passou por isto, mas talvez isso não seja assim tão óbvio para quem está de fora.

Às vezes há oportunidades que surgem e que nos obrigam a pôr tudo em pausa. Podemos querer muito focar-nos na escrita de um álbum em dado momento, mas depois recebemos uma proposta para ir em *tour* com um grupo que adoramos e não temos como recusá-la. Ao longo dos anos aprendi que há coisas que, por muito que queiramos, não conseguimos controlar, por isso nem sequer vale a pena estar a perder energia a tentar fazê-lo. Prefiro, sem dúvida, viver um dia de cada vez.

Talvez por isso, quando falam do «The Dusk In Us» as pessoas focam-se nestes cinco anos que passaram desde o «All We Love We Leave Behind». Sendo que este foi, de facto, o maior período de silêncio entre álbuns, não estiveram propriamente parados...
Pelo contrário, estes cinco anos foram, muito provavelmente, um dos períodos mais produtivos de sempre do percurso dos Converge. E não só como banda, mas também como indivíduos... Eu, só este ano, lancei dois discos e um livro de 300 páginas com os Wear Your Wounds. O Kurt fartou-se de produzir discos nos Godcity, o Ben gravou uma série de material com os Mutoid Man e com os All Pigs Must Die... Mesmo no que toca aos Converge, as pessoas não têm propriamente razão de queixa. É óbvio que toda a gente tem direito a ter as suas opiniões, mas elas só são válidas a nível pessoal e, claro, um óptimo motivo de conversa, mas não nos afectam.

As pessoas podem falar, mas não é isso que vos vai apressar a lançar música nova.
Não sei se vou alienar alguém ao dizer isto, mas sim... Nós temos o nosso calendário, os nossos planos e, até agora, temos cumprido sempre com o que está traçado. Demoramos o tempo que temos a demorar entre projectos, basicamente é isso. Fazemos o que temos de fazer para, depois, podermos sentir-nos seguros e satisfeitos em relação ao que estamos a colocar cá fora. Estou a dizer isto, mas acho que o nosso público nos respeita por isso. Por muito que tenham essa batalha interna, por muito que queiram que lancemos música nova mais rápido, percebem que precisamos de tempo para manter a fasquia ao nível a que os habituámos. Estes cinco anos foram muitíssimo produtivos... A todos os níveis. Fartámo-nos de tocar ao vivo pelo mundo, lançámos o «Thousands Of Miles Between Us», três 7"s, reeditámos o «You Fail Me» numa nova versão remasterizada e expandida, pusemos por fim de pé o projecto Blood Moon – que são os Converge, com a ajuda do Stephen Brodsky, do Ben Chisholm e da Chelsea Wolfe, numa espécie de versão *big band* – e fizémos uma *tour* nesse formato. Tocámos o «Jane Doe» na íntegra e lançámos o «Jane Live»... Aconteceu mesmo muita coisa. E isto só em termos de banda, porque fora dela, no que toca às nossas vidas pessoais, às famílias ou aos empregos, tudo isso, nem vale a pena falar.

Fora isso, estás satisfeito com as reacções que o álbum novo está a gerar?
Eu não passo muito tempo a reflectir sobre o que as outras pessoas dizem de nós, para ser muito sincero. Sei que demos o nosso melhor e que ficámos todos muito satisfeitos com o que fizemos, sendo que essa é a única métrica que uso para medir o nosso sucesso enquanto artistas. Acho que enlouquecia, se passasse muito tempo a pensar no que se diz e escreve a nosso respeito. O que não queremos mesmo, e isto é uma certeza, é começar a fazer música para as outras pessoas em vez de a fazermos para nós próprios.

Há quem prefira medir o sucesso em vendas de discos, *merchandising* ou até bilhetes para concertos, mas esse não é então o vosso caso. A atitude foi sempre essa?
Foi sempre assim. Começámos esta banda muito novos, mas já éramos hiper-fãs de música e de arte. Formulámos logo de início o que queríamos ser, baseados nos artistas que respeitávamos e na qualidade do que faziam. Essa ética que nos moldou na fase inicial não passava propriamente por vender muitos álbum ou por esgotar concertos... E esses foram os princípios que adoptámos para nós e a que nos temos mantido fiéis até hoje. Fazia sentido na altura e continua a fazer todo o sentido, talvez ainda mais, nesta fase da nossa carreira. Agora, que já somos uma banda – e eu odeio esta palavra – "estabelecida", é mais fácil fazermos as coisas como queremos, claro, mas as nossas intenções e inspirações mantêm-se exactamente na mesma. A única coisa que queremos é escrever música honesta, que tenha significado para nós próprios.

"À medida que os anos vão passando, a vida só se tornou ainda mais complexa, por isso não me falta inspiração."

Mesmo em termos criativos, no que te motiva para criar... Não mudou nada?
Não, nada mesmo.

Mas és, definitivamente, um Jake diferente.
Claro que sou. Em 1990 era um miúdo... Agora, nem por isso. Já fiz 41 anos e sou pai, vivi muito e sou, sem qualquer dúvida, uma pessoa e um artista bem diferente. Tenho outra bagagem, a vida é diferente, mas isso não alterou em nada a forma como encaro a criação. Tenho obviamente mais responsabilidades, cada dia acaba por ser o seu próprio desafio, mas esses sempre foram os principais estímulos para aquilo que faço. Por feliz e realizado que me sinta, tenho uma família fantástica, adoro a minha banda, sou respeitado no ramo em que me movo, mas isso não quer dizer que tenham deixado de haver contrariedades que só consigo exorcizar através do que faço com os Converge. Isso não mudou. Aliás, à medida que os anos vão passando, a vida só se tornou ainda mais complexa, por isso não me falta inspiração.

Falámos de vários projectos extra-Converge em que estiveste envolvido nestes últimos cinco anos. Qual deles teve mais impacto em ti?
Tudo acabou por ter um impacto profundo, porque o que fizemos é um reflexo do que passámos e acaba por ser um bom diário dessa época. Talvez por isso é complicado estar a escolher uma coisa que tenha tido mais impacto que todas as outras, percebes? É óbvio que os discos que fiz com os Wear Your Wounds são muito pessoais, as canções lidam com coisas que se passaram na minha vida e que me marcaram, mas, por exemplo, o projecto Blood Moon também acaba por ser muito especial. É difícil escolher um e dizer que esse foi o mais impactante.

Vamos colocar as coisas noutra perspectiva, então... Sentes que esses dois projectos acabaram por ter impacto no que fizeram no «The Dusk In Us»?
Lá está, não sei se tiveram efectivamente um impacto directo, mas tenho a certeza que sim, que acabaram por influenciar este álbum. Tudo o que fizemos no passado acaba por influenciar o que fazemos no presente, isso tem sido uma constante ao longo de todo o percurso dos Converge. A sonoridade dos Wear Your Wounds é, obviamente, diferente. São temas muito emocionais também, mas isso tem mais a ver com a forma como escrevo do que propriamente com a forma como abordamos a música, que é mais abstracta. Não quero com isto insinuar que o que fazemos com os Converge seja linear, porque sempre fomos muito dinâmicos na forma como abordamos a nossa música. Para nós sempre foi crucial adicionarmos diversidade ao que gravamos. Nunca fizemos um álbum com a mesma intensidade do início ao fim, nunca fizemos um álbum que não tenha canções diferentes entre si, que explorem diferentes texturas sonoras. É verdade que a nossa música agora está mais refinada, mas isso tem a ver com o facto de estarmos sempre a trabalhar e, ao mesmo tempo, a tentar aperfeiçoar a nossa técnica, a forma como fazemos as coisas. Além disso, esta coisa de estarmos envolvidos noutros projectos ajuda-nos a dar sempre 100% quando chega a altura de escrever nova música para os Converge.

Quando te fiz essa pergunta estava a pensar especificamente no tema-título do novo disco, que não soaria deslocado

no alinhamento de um espectáculo como Blood Moon.
A «The Dusk In Us» tem, de facto, uma aura épica forte, quase cinemática mas, bem vistas as coisas, não é assim tão diferente de outras canções do género que fizemos no passado. Talvez os espectáculos que fizemos como Blood Moon nos tenham dado uma dose extra de confiança para irmos ainda um pouco mais longe, mas as texturas sonoras que explorámos neste álbum não são propriamente novidade no contexto dos Converge. Se olharmos para o «The Poacher Diaries», que foi editado em 1999, percebemos que muitos temas são construídos em cima de meios-tempos e usam texturas que, na altura, não estávamos habituados a explorar. Há muita experimentação com electrónica nesse material, por exemplo... No «When Forever Comes Crashing», que foi feito um ano antes, já tínhamos começado a explorar instrumentação diferente, por isso tudo o que foi feito desde aí tem sido apenas parte do que vemos como sendo o nosso processo natural de evolução e crescimento. A paleta de referências foi crescendo, tornámo-nos músicos mais capazes e isso tudo acabou por influenciar-nos. Olhando para trás, para a «Jane Doe», ou a «In Her Shadow» do «You Fail Me», que é basicamente guiada por piano e guitarra acústica, a «Grim Heart/Black Rose» do «No Heroes» ou a «Cruel Bloom» do «Axe To Fall»... Essa vertente atmosférica e cinemática sempre esteve presente na nossa música.

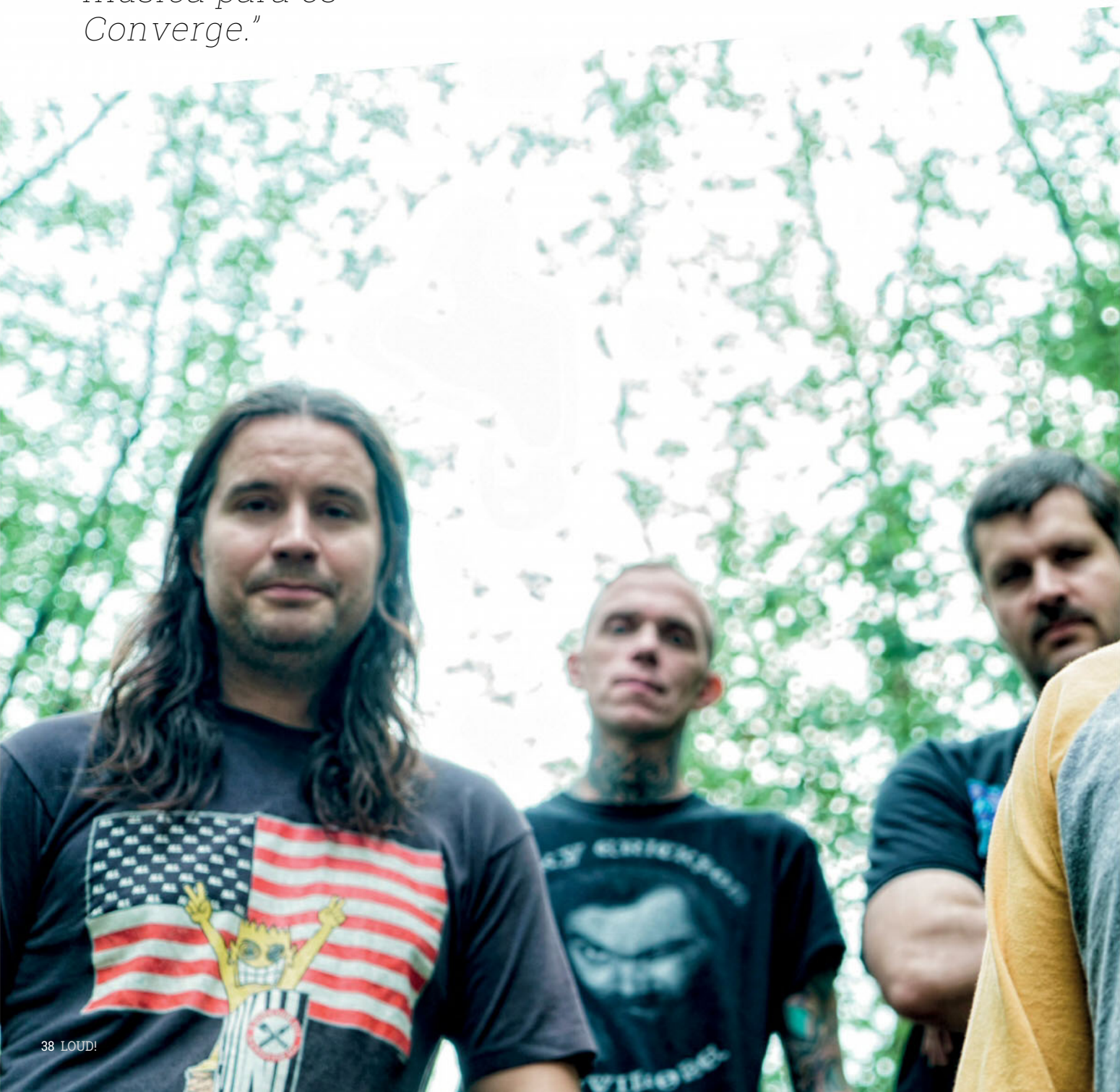
Na altura em que o «Axe To Fall» foi editado disseste que tudo o que fazem parte do estado de espírito em que estão em determinado momento. O que inspirou este disco?
Bem, à semelhança de tudo o resto, os tópicos que abordamos continuam a ser os mesmos. Neste caso em particular, tudo o que vivi nos últimos cinco anos. Eu nunca me senti muito confortável a divulgar os assuntos que abordo nas letras de uma forma

FOTO: PEDRO ROQUE

"Estarmos envolvidos noutros projectos ajuda-nos a dar sempre 100% quando chega a altura de escrever nova música para os Converge."

específica. Já ponho tanto de mim no que escrevo, que depois não sinto necessidade de estar a aprofundar ainda mais. Eu não sou, nem nunca fui, uma pessoa aberta a partilhar o que se passa na minha vida fora da música. Acreditem ou não, isto é algo em que penso com frequência, porque há artistas que aprecio imenso e, às vezes, ouço uma canção que me toca e fico a pensar sobre o que será. Depois acontece ler uma entrevista e percebo que não tem absolutamente nada a ver com o que imaginei... Isso vale o que vale, a canção não perde exactamente o significado que tem para mim. O *drive* emocional pode ter sido diferente para o artista, mas a minha ligação com o tema mantém-se igual. Pelo sim pelo não, prefiro manter um certo mistério em relação ao que escrevo. Não quero correr esse risco de aniquilar a magia que estas canções podem ter para as outras pessoas, basicamente é isso.

Sentes que, hoje em dia, sabemos demais acerca dos artistas que admiramos?
Cada um é como cada qual. Eu não pretendo estar aqui a pregar nada, nem tenho pretensões a afirmar que aquilo que faço está certo e o que as outras pessoas fazem está errado. A curiosidade por parte dos ouvintes é natural, é perfeitamente normal que as pessoas queiram saber um pouco mais acerca do que inspira os artistas com quem sentem uma ligação emocional forte. Por outro lado, não sei bem se as pessoas iriam gostar assim tanto de me ouvir falar acerca do que se passa na minha vida. As coisas acerca das quais



escrevo são profundamente pessoais e, para ser muito sincero, nem sequer as discuto com o meu grupo de amigos mais próximos... Por um lado, porque não sou a pessoa mais comunicativa do mundo. Não no que toca a conversar, pelo menos. Por outro, porque acho que seriam assuntos desconfortáveis até para eles, e ainda mais para alguém que não me conhece assim tão bem. Portanto, prefiro exprimir-me através da música e da arte – e deixá-la falar por si própria.

A inspiração a nível visual vem do mesmo sítio que as letras?
Até certo ponto, sim. No entanto, quando crio o *packaging* de um álbum, ou até a estética de uma banda, estou também a tentar criar uma imagem mais geral, por isso a inspiração não tem tanto a ver com o espaço temporal. Geralmente acaba por vir tudo do mesmo sítio, mas às vezes todo o processo pode revelar-se complicado. No caso do «The Dusk In Us», por exemplo, tive de refazer o *design* depois de já o ter dado por terminado. A primeira versão era muito mais vibrante, mais aproximada ao que é visto como *fine art*. No geral era uma visão bastante mais abstracta e, a dada altura, achei que se estava a afastar demasiado do conceito em termos musicais. Foi aí que decidi começar tudo do zero. Comecei a discutir ideias com o resto do pessoal e, apesar de adorarem a primeira versão, concordaram comigo quando lhes sugeri uma abordagem mais directa e coesa. Apesar de ter evoluído ao longo dos tempos, o nosso estilo sempre foi mais cru. Inspirei-me muito no estilo de colagem dos primeiros discos dos Napalm Death e dos Godflesh, que sempre foram referências enormes para mim no que concerne ao aspecto visual de uma banda.

Entre o teu trabalho como *designer*/ilustrador e o do Kurt Ballou como produtor, que são ambos muitíssimo distintos, vocês detêm 100% da identidade da banda.
Por esta altura, acho que já não seria possível fazê-lo de outra forma. Na verdade, não consigo sequer ponderar a existência de uma banda como os Converge num universo em que alguém nos quisesse controlar. Talvez porque sempre foi assim. No início ninguém queria saber de nós, não havia ninguém interessado. Isso fez-nos perceber que, se queríamos chegar a algum lado, não havia outro remédio senão fazermos as coisas por nós. Aprendemos a editar e a gravar os nossos discos, poupámos dinheiro para investir na banda... E não foi porque achássemos que tínhamos de ser 100% DIY, foi apenas por necessidade. Quando começámos a falar com a Epitaph, que tem sido a nossa editora ao longo destes últimos quinze anos, tínhamos lançado o «Jane Doe» no ano anterior, e eles sempre nos deram toda a liberdade do mundo para fazermos o que queríamos. A abordagem é tão descontraída que, para certas pessoas, deve parecer inacreditável... Basicamente comunicamos-lhes que temos um conjunto de temas prontos a gravar, eles perguntam-nos quando queremos que o álbum seja editado, elaboram um *schedule* e nós tratamos de cumpri-lo. De resto fica tudo a nosso cargo, sem qualquer interferência deles. Fazemos os álbuns e eles editam-nos, é assim tão simples.

"Não consigo sequer ponderar a existência de uma banda como os Converge num universo em que alguém nos quisesse controlar."

PREDADORES À SOLTA

Distam já cinco anos de «The Wild Hunt», mas o bombástico novo álbum dos WATAIN, «Trident Wolf Eclipse», promete... eclipsar, lá está, qualquer consideração sobre o excesso da espera. O sempre eloquente *frontman* Erik Danielsson guiou-nos pela actualidade sempre tumultuosa de uma banda essencial, que vai já cumprir vinte anos de rebeldia.

JOSÉ CARLOS SANTOS SARA GEWALT

É mais ou menos inevitável começar pelo tempo que passou entre álbuns – quebraram o vosso hábito de três anos, com estes cinco. Houve alguma intenção por trás disso, ou foi só a forma natural como as coisas se desenrolaram?

Ambas as hipóteses são verdade, vendo bem. Sempre estivemos interessados na quebra de padrões, e esse padrão de três anos entre álbuns acabou por se tornar relevante no nosso progresso dos últimos anos. Parecia-nos a forma perfeita de fazer as coisas. Mas desta vez demorámos mais tempo, e isso tem a ver com o facto de o «The Wild Hunt» ter sido um álbum decisivo, de muitas formas diferentes. Demorou muito tempo a gravar, explorou várias partes dos Watain que quase nunca tinham sido exploradas antes... acho que levou algum tempo para esse álbum em particular percorrer o seu caminho natural, digamos assim. Depois há outros constrangimentos óbvios – estivemos em *tour* durante boa parte do tempo nestes últimos anos, as nossas digressões foram bem mais abrangentes dessa vez, e como é natural tudo isso consome tempo e dedicação da nossa parte. Enquanto tudo isto estava a acontecer, estávamos – como estamos sem-

pre – a criar material novo, claro. Só tínhamos que sacudir tudo aquilo que ainda restava do passado para sentir que o álbum novo estava completo. A partir dessa altura, sinceramente, as coisas andaram rapidamente.

Uma das coisas que dá mais gozo neste álbum novo é a forma como, mais uma vez, vocês não aderiram ao "guião" que as pessoas escreveram. Quem achava que já tinha os Watain percebidos, espalhou-se ao comprido com o «The Wild Hunt». E quem achava que já sabia o que aí vinha, agora leva com outra bofetada no sentido contrário. Suponho que vos dê um certo gozo em não ir onde toda a gente espera que vocês vão?
Está tudo certo com a tua suposição. O que aconteceu com este álbum foi que... Sim, há claramente da nossa parte um elemento, muito presente, de gostar de foder as expectativas das pessoas. Há uma parte de mim que adora isso, e também foi essa parte que presidiu em grande parte ao que fizemos no próprio «The Wild Hunt». E até mais do que perturbar as pessoas, isso também tem a ver com sentirmos, nós próprios, que somos livres para fazer aquilo que quisermos. Que não temos obrigações nenhumas em relação aos Watain, os Watain são nossos. Esse *feeling* acaba por ser mais importante do que propriamente ir intencionalmente numa direcção diferente da esperada, apesar disso ser uma espécie de consequência possível de acontecer. Tem tudo a ver com a exploração da liberdade que vem com o fazer parte desta banda. As razões pelas quais o álbum novo soa mais "selvagem", mais cru do que o seu antecessor não foram intencionais, para ser sincero, foi algo espontâneo, foi algo onde chegámos depois de algum tempo de trabalho focado no material. Percebemos a certa altura que sim, foda-se, isto vai ser um álbum muito duro. Nessa altura é que pensámos no que isso implicava, e claro, percebemos que as pessoas iam ficar meio abananadas outra vez. [risos] Em relação a isso, eu penso da seguinte forma – se eu fosse "só" um fã da banda, ficaria satisfeito com este tipo de percurso, agradar-me-ia ver uma banda a operar assim. O que é importante – os Watain, até certo ponto, são uma interpretação nossa do que imaginamos ser a banda perfeita. Criámos uma banda que nós próprios estaríamos interessados em seguir se estivessemos do lado de fora.

O termo "esforço de grupo" já foi empregue para descrever a composição deste disco em algumas declarações, isso pressupõe que houve alguma diferença nesse aspecto desta vez?
Eu sempre escrevi a maior parte do material de base, excepto talvez no primeiro álbum, e desta vez não foi muito diferente. O que mudou mais foi a intenção que todos manifestámos de passar muito tempo na sala de ensaios a tocar os temas e a desenvolvê-los até que eles nos parecessem totalmente "feitos" e maduros. Talvez por essa intenção, desta vez praticamente não levei temas completos para a sala de ensaio, não levei uma "canção". Levei muitas ideias cruas, muitas partes soltas, e construímos a partir daí. Geralmente falando, portanto, é um esforço de grupo, sim, sem dúvida. E às vezes é melhor falar destas coisas de forma geral, também – isto pode parecer estranho a quem não tem uma banda, especialmente uma banda com determinadas características como os Watain, mas a verdade é que a resposta à pergunta "*como é que escreveram este tema?*" não é sempre clara. Damos por nós às vezes com temas completos e nem sabemos bem como lá chegámos, não sabemos explicar como é que aconteceu! [risos]

"Há claramente da nossa parte um elemento, muito presente, de gostar de foder as expectativas."

Uma das coisas que separa os Watain é a intensidade que imprimem a tudo o que fazem, particularmente nos vossos concertos, que mantêm ainda aquela aura de "perigo" e de imprevisibilidade. Replicar esse lado selvagem num ambiente mais técnico como é o do estúdio, é para vocês um esforço?
Sim, é. É por isso que usámos o mesmo estúdio de gravação para todos os nossos álbuns. No «The Wild Hunt» expandimos o processo um bocado, mas continuámos a usar o Necromorbus como o nosso *base camp*, chamemos-lhe assim. E vamos continuar a fazê-lo, no que depender de mim. É um sítio sossegado, um ambiente que já nos é familiar, e torna-se mais fácil para uma banda como a nossa.... entrar no som, se é que se percebe o que quero dizer. Entrar na menta-

lidade necessária, e combinar o trabalho de precisão que é necessário no estúdio com uma atmosfera que seja propícia ao que estamos a fazer. Sei que há muitas bandas que gostam de ir para um estúdio novo com cada álbum, e até começámos esta conversa a falar de quebrar padrões, mas neste caso não teríamos benefício nenhum numa mudança. Para nós, isso só iria significar perder mais tempo a habituarmo-nos ao ambiente, à *vibe* do sítio, a chegar ao estado mental adequado… Como estamos, o estúdio é quase como uma segunda sala de ensaio, e isso é extremamente positivo. Não há razão nenhuma para mudar. Finalmente, há também que referir que o Tore Stjerna [NR: dono do estúdio Necromorbus] é muito mais que um engenheiro de som para nós. Ele mantém a ordem e o controlo das situações, é o papel principal dele em todo o processo. Isso significa que nós podemos ser tão emocionais como quisermos, porque ele é a nossa rede de segurança.

"Contemplação e pensamento é algo que acho que um álbum de black metal deve promover."

Queres falar um pouco sobre o título do álbum? É claro e fortíssimo, daqueles que dá vontade de escrever em maiúsculas.
O título foi mesmo a última coisa que fizemos para o álbum. É uma forma de sumarizar, não só o próprio disco, mas também é uma boa representação dos Watain em si. São os três símbolos principais que usamos há muitos, muitos anos, especialmente na nossa roupagem e nos nossos *patches*, e tornaram-se símbolos sagrados para nós. Tal como a cruz é sagrada para um cristão, ou símbolos políticos para as pessoas que defendem esses ideais… Todas as convicções fortes, sejam elas de que natureza forem, têm um símbolo que as inspira e que lhes dá poder e representação. Portanto, o título tem muito a ver com isso. Por outro lado, acho que é um título muito aberto. Não é um título como… «Morbid Visions», por exemplo. [risos] Ou «Eternal Devastation». Acho que «Trident Wolf Eclipse» é mais vago, abre-se mais para contemplação e pensamento, que é algo de que eu gosto. E que é algo que acho que um álbum de black metal deve promover. Penso que é um título que soa fresco, e também é por isso que estou a evitar falar demais sobre ele nesta altura. Até porque eu próprio ainda não decidi totalmente o que achar do seu significado.

Acho que focaste boa parte da essência dos Watain nessa tua última resposta, quando falas de contemplação e pensamento no contexto de música tão agreste e tão violenta. Sempre vi os Watain dessa forma – violência, sim, mas com significado. Não é agressão só por ser, tem um processo de pensamento por trás. Achas que…
[interrompendo] Isso é uma ideia muito interessante. Penso exactamente da mesma forma.

Obrigado. [risos] E isso leva a uma outra pergunta: achas que corres o risco de esgotar isso? Particularmente olhando para a vossa agenda de concertos nos últimos anos, tocaram em basicamente todo o lado, do Japão à Austrália, da América do Sul à do Norte, e claro na Europa. Tocando tanto, tens medo de um dia dares por ti em piloto automático? A fazer agressão… só porque sim?
Compreendo a pergunta, mas na verdade, para nós, é exactamente ao contrário que funciona. Quanto mais tocamos ao vivo, durante um longo período de tempo, mais natural se torna fazê-lo. Claro que a sobreexposição tem que se lhe diga, uma banda que está sempre a tocar em todo o lado, que aparece em todos os festivais, vai acabar por se tornar comum e corriqueira aos olhos das pessoas, mesmo que a própria banda não se sinta assim. Essa gestão tem que ser feita, claro, e fazêmo-la. Mas isso tem mais a ver com o *business side* da banda, e a tua pergunta não é essa, eu sei. [risos] Mas é mesmo simples – quanto mais actuo ao vivo, mais gosto de o fazer, e mais envolvido estou na actuação, cada vez com mais intensidade. Quanto mais concertos damos, mais subtilezas e nuances notamos, mais aspectos profundos da actuação ao vivo conseguimos melhorar e dominar. Quando passamos muito tempo sem tocar, notamos que é mais difícil para nós, nos primeiros concertos depois desse período, de atingir o nível requerido de intensidade. Ao fazê-lo com regularidade, sentimo-nos sempre envolvidos no espírito da banda, das canções e de todo esse ambiente, é como se estivessemos a aprofundar a nossa percepção e os nossos sentidos com cada actuação.

É nítido, seja de que "lado" se esteja na discussão, que vivemos numa era em que tudo é politizado, por vezes até à exaustão,

e nem sempre fazendo sentido. Considerando que já foram cancelados concertos dos Watain por razões, no mínimo, dúbias, e dada a tua natureza de oposição, como é que vês o clima de hoje em dia, e o envolvimento em que a banda está enquadrada?
O meu sentimento é hostil, e é de oposição completa (lá está) àquilo que se passa. E esses sentimentos são muito refrescantes, fazem-nos sentir vivos. Pessoalmente, sinto-me mais… predatório, por assim dizer. Acho que, a partir da altura em que nos sentirmos muito confortáveis com o que se passa à nossa volta – isto falando da perspectiva dos Watain, claro – teremos perdido algo. Algo importante, algo que os Watain precisam para continuar, esse *feeling* de oposição. Não me queixo, por isso, de não ser um grande fã do mundo em geral, e do que as pessoas fazem e dizem. Acho que isso é inspirador, e motiva-me a deixar gradualmente "este" mundo, entrando noutro mundo que nós criamos para nós próprios. Tomar controlo das nossas vidas. Essa é a verdadeira inspiração, aliás. Quanto menos respeito tiveres pelo mundo em geral, mais hipóteses terás de criar algo que é válido e que é relevante por si próprio. A paixão e o amor pelo teu próprio trabalho é o factor-chave, e esses sentimentos têm que ser mais fortes do que qualquer obstáculo que o resto do mundo queira pôr no teu caminho. E quando o resto do mundo te interessa muito pouco, esses obstáculos não são grandes. Nós somos assim. A paixão com que criamos a nossa arte é o que a faz brilhar, a oposição a tudo o resto é um subproduto disso. O amor vem sempre primeiro.

Neste 2018 que se avizinha, cumprir-se-ão vinte anos sobre a formação dos Watain. Isso tem algum significado especial para ti? Tencionas assinalá-lo de alguma forma?
Até certo ponto, é um orgulho, claro. Não há como negá-lo. Mas uma forma humilde de orgulho. Não é aquele orgulho do tipo trepar a uma montanha e bater no peito, "*olha para mim e para o que eu fiz!*", não é isso. É mais algo que partilhamos entre nós, na banda, na forma como nos tratamos, o sentimento de termos conseguido algo em comum, juntos. Olhamos para o nosso trajecto com gratidão, por termos tido a oportunidade de ter feito parte dele. Ao mesmo tempo, também reajo com alguma incredulidade. Quando penso em 1998, foi noutro dia. Não parece que tenha passado tanto tempo. Não percepciono essa passagem de vinte anos. Uma banda que se formou em 1998, para mim, é ainda uma banda nova. As bandas antigas são os Destruction e os Celtic Frost, não são os Watain e as outras que se formaram nessa altura. Mas claro que é algo que queremos assinalar de alguma forma, e também a editora nos fez esse pedido, por isso nos últimos tempos andamos a vasculhar os nossos arquivos, a reunir todos os *posters*, todas as *t-shirts*, esse monte de objectos "de museu" que fomos acumulando ao longo dos anos, e vamos fazer algo com isso tudo. É curioso, quando se faz isso, e imagino que seja a mesma coisa quando se faz uma autobiografia ou algo do género, há uma sensação estranha. Não é todos os dias que se tem oportunidade de fazer uma retrospectiva exaustiva das últimas décadas da nossa vida, eu pelo menos nunca penso nesses termos, os Watain sempre foram sobre o aqui e agora e nunca parei desta forma para fazer uma auto-reflexão.

"A paixão com que criamos a nossa arte é o que a faz brilhar, a oposição a tudo o resto é um subproduto disso. O amor vem sempre primeiro."

Identificamo-nos perfeitamente com esse sentimento nesta revista, que celebrou no mês passado 200 edições que correspondem também a quase vinte anos de actividade. Parece um acto comum, a auto-reflexão nestas efemérides, e é sempre estranho de fazer.
Sim, a actividade em si acaba por nem ser o mais importante. Qualquer pessoa que faça seja o que for há vinte anos, seja trabalhar num escritório ou estar casado ou seja o que for, se ao fim de vinte anos ainda conseguir ter orgulho naquilo que faz, então isso quer dizer alguma coisa. Não sei bem o que é, mas só pode ser bom.

GODFLESH

«Post Self»

[Avalanche]

«A World Lit Only By Fire», o disco de regresso dos Godflesh em 2014, foi um *statement* colossal. Não só configurou um modelo de como regressar com uma banda de nome inactiva há muito tempo, como provou (como se fossem precisos mais elementos para essa argumentação) que Justin K. Broadrick é um dos músicos mais consistentemente brilhantes da sua geração, seja qual for o género em que o consideremos, ele que habita simultaneamente uma quantidade substancial deles. Foi um trabalho que elevou de tal maneira o nível já quase inatingível dos Godflesh que, nas mãos de alguém com outras prioridades, teria sido uma porta aberta para *tours* mundiais, álbuns de dois em dois anos, e possivelmente o alcançar da fama global que sempre mereceu. Só que o JKB é diferente. Está-se marimbando para essas coisas, e por isso é que cada álbum que faz com cada um dos muitos projectos que vai gerindo é uma entidade única, existe naquele momento num universo muito próprio, e não se deixa afectar por mais nada. E cada álbum existe, só se fizer sentido existir. Especulemos com algum conhecimento de causa que, se «A World...» terá tido algum efeito na dupla JKB/G.C. Green, terá sido o de se começarem a questionar se ainda haveria algo para dizer enquanto Godflesh depois dele. E tem portanto alguma piada que «Post Self» seja o que é, conceptualmente é um disco que, pelo seu título e pelo que "diz" ao longo da sua duração, é quase um anexo. Um *afterthought*. Algo já exterior à própria identidade. Mesmo em termos de lançamento, é quase o oposto do que foi «A World...» anunciado em cima da data, pouquíssimas cópias promocionais para a imprensa e zero "circo" mediático, ao ponto de JKB não querer sequer dar entrevistas para falar dele, como que a querer retirar-lhe qualquer ligação humana ou qualquer explicação elucidativa. É o que é, lidem com isso. E o que é, musicalmente, alinha por essa ideia também, extraindo bocados de toda a multifacetada carreira da banda como se fosse um observador neutro a olhar de fora – os três primeiros temas cativam instantaneamente qualquer um, remetem para a maior contundência industrial dos Godflesh, estariam bem tanto num «Streetcleaner» como num «Hymns» ou no próprio «A World...». A partir daí, a diversidade aumenta, e mantendo-se a pulsação de baixo providenciada pelo incansável Green, é essencialmente da guitarra de JKB que começam a vir os devaneios de génio. Com a voz praticamente fundida com a instrumentação, sem nunca tomar o papel principal, os temas ainda assim constroem mundos totalmente distintos uns dos outros. Referenciando ocasionalmente um dos menos celebrados mas mais ricos discos da sua carreira, o «Us And Them», são criadas texturas, ambientes e linhas rítmicas que evocam tanto Killing Joke («Mortality Sorrow»), como os seus Jesu («The Cyclic End»), ou uma espécie de Joy Division monolíticos se fossem interpretados pelos Laibach («The Infinite End»), isto só para dar alguns dos exemplos mais claros. Oito álbuns e quase 30 anos depois, os Godflesh não só continuam a ser essenciais, como se encontram actualmente num patamar artístico próximo daquela que sempre foi a sua influência primordial, os Swans (e elogio maior que este não há), eles que, por coincidência, dão agora um passo para trás da cortina para se reinventarem nos próximos anos. Para já, ficamos bem entregues. **[9] J.C.S.**

PEDRO SILVA

ACID WITCH

«Evil Sound Screamers»

[Hells Headbangers]

Não é propriamente coincidência que este «Evil Sound Screamers» tenha sido editado rentinho ao Halloween. Mesmo que esse carnaval das bruxas importado do outro lado do Atlântico seja hoje pouco mais que um apelo ao consumismo, a verdade é que o fenómeno continua a reter algum do seu charme *kitsch,* sendo difícil encontrar uma banda mais em sintonia com o espírito da época que os Acid Witch. Tudo neste álbum, como nos anteriores «Witchtanic Hallucinations» e «Stoned», anda ali à volta de drogas psicadélicas, demónios, gatos pretos, abóboras com fogo no bucho, caldeirões fumegantes, cemitérios e bruxas com enormes verrugas no nariz. Basta, de resto, olhar para os títulos de alguns dos temas que compõem o álbum – «Cheap Gore», «Mutilation Mansion» ou «Hardrock Halloween» – para percebermos logo ao que vamos. Dispensando a doçaria do *trick or treat*, este trio de Detroit apoia o seu terror com um pico a azeite em riffs corpulentos – que, num tema como «I Hate Halloween» (estão a ver o paradoxo?), remete para o OSDM –, teclados tenebrosos, ambientes pantanosos, *samples* de filmes, vocalizações teatrais (é impossível ouvir a «Mr. Beistle» sem notar o fascínio que têm pelo King Diamond) e numa sessão rítmica pujante. No global, não é nada de surpreendente, mas pelo menos entretém. **[6]** J.M.R.

THE ADICTS

«And It Was So!»

[Nuclear Blast]

Punk rock genuíno. Tão genuíno, que começou no Suffolk proletário da Inglaterra do início dos anos 80. Bandas como os The Adicts só cá andarão, nesta altura, por uma de duas razões: a) porque gostam muito do que fazem e a coisa corre-lhes no sangue; b) pelo dinheiro. Como não são tão famosos como outros do seu tempo – apesar da sua quota de influência – é de crer na primeira hipótese. Aliás, ao escutar a novidade «And It Was So!» isso fica bem claro. Temas que parecem ter sido arrancados da era gloriosa do punk, uma produção *lo-fi* mas claríssima, melodias grudantes e uma mensagem que talvez até faça mais sentido nesta idade (dos *media* lavadores de cérebros) do que quando os The Adicts começaram. Dez canções, meia hora e um constante bater de pé é o que estes cinquentões conseguem em 2017. Nada mau. Trouxeram luz ao punk duro e quase tudo isto é cantarolável mas, quando querem, também encaixam um riff meio Motörhead no inclemente «Fucked Up World». **[7.5]** N.S.

ADIMIRON

«Et Liber Eris»

[Indie]

Desculpem a franqueza – Adimiron incluídos se, por ventura, chegarem a saber disto – mas quando leio este nome, o que me surge logo é "aquela banda chata que anda sempre em *tour* com grupos de maior porte". Das duas vezes que tive a paciência de os ver, retive a suspeição – é este tipo de bandas que pagam para entrar em certas digressões?... Apesar de «Et Liber Eris» ser já o quinto álbum dos Adimiron, a originalidade é practicamente nula e, a relevância para o actual metal extremo, insignificante. Opeth a rodos, Gojira aqui e ali, Textures (para quem também abriram) denotável num tema como «Joshua Tree 37»; esta amálgama de descaradas influências não tem ponta de identidade por onde se lhe pegue. A voz limpa/agressiva do novo vocalista Sami El Kadi faz dele um projecto de Åkerfeldt romano, sobre uma construção musical complexa, é certo, mas já muito vista e ouvida. Salva-se a versatilidade da baixista Cecilia Nappo que, de facto, sobressai por entre riffs sincopados e outras "avarias" que hoje são mais que banais. **[3]** N.S.

ALMANAC

«Kingslayer»

[Nuclear Blast]

No que a popularidade diz respeito, o power metal sinfónico conheceu o seu apogeu algures entre o final dos anos 90 e os meados da década anterior, período durante o qual projectos como estes Almanac despontavam a cada esquina e se atropelavam entre si. O guitarrista e compositor Victor Smolski foi um dos protagonistas desse período de maior projecção do género, estando o seu nome intimamente ligado aos germânicos Rage e Mind Odyssey, entre outros de menor monta, conferindo-lhe um currículo notável e, sobretudo, muitos e talentosos amigos. Os Almanac resultam da reunião de alguns deles e, com apenas dois anos de actividade, sacam dois álbuns de originais de enorme qualidade e esperada maturidade. Andy Franck [Brainstorm, Symphorce, entre outros] e David Readman [Pink Cream 69 ou Adagio] são os vocalistas de serviço que abrilhantam composições onde melodia, peso e um apurado sentido épico convivem em proporções equilibradas e propensas a tornar canções em verdadeiros hinos a serem gritados a plenos pulmões de punho em riste. Tendências à parte, quem sabe nunca esquece e, com intervenientes deste calibre, «Kingslayer» só poderia resultar em mais um excelente disco de power metal com aquele sangue na guelra que separa o trigo do joio. **[7.5]** R.A.

ALMYRKVI

«Umbra»

[Ván]

Ainda menos conhecidos que alguns dos seus compatriotas mais badalados, os Almyrkvi fazem parte também do profícuo círculo de iluminados islandeses que muito falatório têm gerado nestes últimos anos. A acumular actualmente funções também nos Sinmara e Slidhr, o talentoso Garðar S. Jónsson (que toma conta da voz, guitarra, baixo e teclados) faz-se aqui acompanhar pelo muito requisitado baterista Bjarni Einarsson e, juntos, não precisam sequer de ajudas extra para criarem aquilo que, para todos os efeitos, é um autêntico monumento de black metal gutural e atmosférico de qualidade superior. «Umbra», a estreia no formato de longa-duração da dupla, sucede ao EP «Pupil Of The Searing Maelstrom» e, essencialmente, o que podemos apreciar ao longo destes três quartos de hora é o aperfeiçoar da fórmula contida nos cinco temas que surpreenderam muito boa gente no ano passado. «Forlorn Astral Ruins», «Stellar Wind Of The Dying Star» ou «Fading Hearts Of Umbral Nebulas» desenvolvem-se a partir de "riffagem" contundente e ambientes com tanto de celeste como de sufocante, que mostram o projecto a limar arestas e, sobretudo,

Piranha
Loja de Música
c.c. Parque Itália, Loja 73 (à Boavista) - R. Júlio Diniz, 752 - 1º - 4050 012 PORTO
Metro: Casa da Música Telef: 22 6091004 email: piranhacd@gmail.com
MORBID ANGEL - KINGDOMS DISDAINED (ED. LDA / BOX)
MOONSPELL - 1755 (ED. DIGIPACK / LP)
BLUT AUS NORD - DEUS SALUTIS MEÆ (ED. LDA)
DIABLO SWING ORCHESTRA - PACIFISTICUFFS
HALLATAR - NO STARS UPON THE BRIDGE
ENSLAVED - E (ED. LDA DELUXE / VINIL)
CLOAK - TO VENOMOUS DEPTHS
VUUR (ANNEKE VAN GIERSBERGEN) - IN THIS MOMENT WE ARE FREE
GODFLESH - POST SELF + STREETCLEANER LIVE 2011
VIRVUM - ILLUMINANCE
CANNIBAL CORPSE - RED BEFORE BLACK (ED. LDA 2CD)
WITCHERY - I AM LEGION (ED. LDA DIGIPACK)
BEAST IN BLACK - BERSERKER (ED. LDA)
IRON MAIDEN - THE BOOK OF SOULS: LIVE CHAPTER [LIVE]
ANNIHILATOR - FOR THE DEMENTED
JEFF SCOTT SOTO - RETRIBUTION
IRON SAVIOR - REFORGED - RIDING ON FIRE
OPERATION: MINDCRIME - THE NEW REALITY
SONS OF APOLLO (MIKE PORTNOY) - PSYCHOTIC SYMPHONY
ELECTRIC WIZARD - WIZARD BLOODY WIZARD
DESTRUCTION - THRASH ANTHEMS II
SAVAGE MESSIAH - HANDS OF FATE
CONVERGE - THE DUSK IN US (ED. DELUXE COVER ART)
CAVALERA CONSPIRACY - PSYCHOSIS (ED. LDA)
BLACK DAHLIA MURDER - NIGHTBRINGERS
PROCESS OF GUILT - BLACK EARTH (ED. LDA)
BIZARRA LOCOMOTIVA - ALBUM NEGRO + LIVRO NEGRO
MYRKUR - MARERIDT
KATLA - MÖÐURÁSTIN (ED. LDA)
AUDN - FARVEGIR FYRNDAR
KAUAN - KAIHO (ED. LDA DELUXE)
SHINING - FIENDE [EP] VINIL
AMENRA - MASS VI
www.piranhacd.com
TAAKE - KONG VINTER
KAUAN - KAIHO (ED. LDA DELUXE)
FLEURETY - WHITE DEATH (ED. LDA)
DESIRE - INFINITY... A TIMELESS JOURNEY
HOWLING VOID - THE DARKNESS AT THE EDGE OF DAWN
CHELSEA WOLFE - HISS SPUN
NE OBLIVISCARIS - URN (ED. LDA)
THRONE - PLUS UNE MAIN A MORDRE
FORGOTTEN TOMB - WE OWE YOU NOTHING (CD/BOX)
SEPTIC FLESH - CODEX OMEGA (ED. LDA 2CD)
CRADLE OF FILTH - CRYPTORIANA: THE SEDUCTIVENESS
CORONATUS - SECRETS OF NATURE
DELAIN-A DECADE OF DELAIN-LIVE AT PARADISO 2CD/BLURAY/DVD
AMBERIAN DAWN - DARKNESS OF ETERNITY
ALMANAC - KINGSLAYER
SATYRICON - DEEP CALLETH UPON DEEP (ED. DELUXE)
SAMAEL - HEGEMONY (ED. LDA DIGIPACK)
ATROCITY - MASTERS OF DARKNESS - MCD
FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM-INMUNDITIA ODII PLENA
LUNATIC SOUL - FRACTURED (ED. LDA MEDIABOOK)
DANIEL CAVANAGH (ANATHEMA) - MONOCHROME
ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS
Todos os titulos que estão na Loud, estão disponiveis na Piranha
Abertos todos os dias, ininterruptamente das 11 às 21h
Domingos e Feriados das 15 às 19h

a expandir a sua sonoridade. O resultado é um conjunto de composições mais longas (nenhum destes temas tem menos de seis minutos de duração), mais detalhadas e ainda mais acutilantes, assentes na visão pessoal do que pode ser hoje o black metal de inspiração astral que grupos como os Blut Aus Nord e Darkspace ajudaram a popularizar. **[8]** J.M.R.

AND SO I WATCH YOU FROM AFAR

«The Endless Shimmering»
[Sargent House]
Passaram há um par de semanas pelo nosso país, já na promoção deste quinto trabalho, onde revelam um rock instrumental que se desenvolve entre o math e o prog, piscando o olho a algum jazz, através de nove temas que não diferem muito entre si, mesmo que cada um tenha uma pegada significativa de virtuosismo e pequenos truques musicais, como futebol "brinca na areia", que tornam cada tema diferente dos outros. O quarteto liderado por Rory Friers tem neste disco, à imagem dos anteriores, uma obra capaz de deslumbrar qualquer pretendente a virtuoso da guitarra, ou de outro qualquer instrumento. Em «I'll Share a Life» sente-se a origem irlandesa a impregnar alguns acordes, como que mostrando existir vida para lá do virtuosismo. Todo o álbum é instrumentalmente audaz, mas no entanto fica a sensação de um *overplaying* desprovido de alma, em que técnica esmaga a canção, o que será eventualmente uma mais valia para muitos, e para outros motivo para ignorar o trabalho. **[7]** E.F.

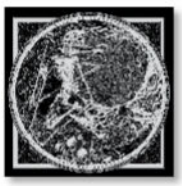
AOSOTH

«V: The Inside Scriptures»
[Agonia]
O novo capítulo na já longa história artística de MkM será, ao que tudo indica, o último com os Aosoth. Se porventura esperássemos um final de acordo com as linhas mais bombásticas e atmosféricas de «IV: An Arrow In Heart», tal não se verifica. O que faz sentido, pois seria conducente a um sentimento de resolução e finalidade e consequentemente antiético à visão subjacente tanto aos Aosoth como aos Antaeus. A continuação é, no entanto, lógica; «A Heart To Judge» é essencialmente uma ponte entre o disco anterior e o recuperado ênfase do lado death metal da banda e associadas dissonâncias, algo que os riffs de BST (dos VI) fazem logo por demonstrar a partir da segunda malha. O impacto de «V: The Inside Scriptures» seria porventura maior se os Blut Aus Nord não tivessem enviesado por direcção semelhante na mesma altura. Ainda assim, quem procurar algo mais acessível, mais focado numa avalanche de riffs, e desprovido de toques industriais ou apontamentos litúrgicos, tem aqui uma belíssima oferta. **[7]** L.P.

AS THEY COME

«To The Road»
[Edição de Autor]
Novo nome da cena stoner nacional, já com um EP homónimo editado em 2015, que agora reaparece com disco de estreia. Trata-se de um rock pesado, orelhudo, com pequenos pormenores, e atravessado por um humor corrosivo, que passa não só pelas letras, como por curtos *voice overs*. Este quarteto de São João da Madeira, formado por um misto de veteranos da cena e *newcomers*, tem acompanhado a edição do álbum com uma intensa actividade em termos de concertos. Aqui e ali o som lembra Miss Lava, ou, se calhar, ambos os grupos bebem das mesmas influências. «Down With A Bottle» ou a muito interessante «As They Come» estão entre as principais canções, num trabalho que não pretende reinventar a roda, apresentando-se variado e conseguindo ter temas suficientemente apelativos para merecer uma audição ou uma visita a uma das muitas datas que estão a ser anunciadas. **[7]** E.F.

BLAZE OF PERDITION



«Conscious Darkness»
[Agonia]
Desde o final dos 80s que o movimento underground polaco se afirmou como terreno fértil no que à produção de música extrema de qualidade e, após um período menos profícuo nos primeiros anos deste milénio, ganhou nova força recentemente. Quiçá inspirado pelo génio dos Mgła, o país transformou-se recentemente em viveiro para artistas de black metal desafiante, como evidenciado e consolidado neste caso pelos Blaze Of Perdition e por este lançamento. «Conscious Darkness» é já o quarto longa-duração da banda de Lublin e mostra-nos um projecto formado, senhor do seu nariz. Entre os apreciadores da vertente melódica (mas ainda assim obscura como breu) do género, o projecto liderado por Sonneillon já não precisa de grandes apresentações e estes quatro temas longos, que no total perfazem três quartos de hora de música, mostram porquê. Aperfeiçoando e expandindo a fórmula em que se apoiam desde a estreia com «Towards The Blaze Of Perdition», de 2010, o trio foi tornando ainda mais acutilante e sólida a sua explosiva mescla de rffs cortantes, *blastbeats* devastadores («A Glimpse Of God»), meios-tempos musculados («Weight Of The Shadows»), excelsas

DIMEBAG DARRELL

«Dimevision Vol.2: Roll With It Or Get Rolled Over»

[Metal Blade]

«*Antes do Jackass, havia os vídeos caseiros dos Pantera!*", diz-nos Dimebag Darrell, ainda no início deste segundo volume da sua *Dimevision*. Pura verdade. Os vídeos da própria banda já nos haviam mostrado a desbunda que para lá ia no Texas – e por onde quer que os Pantera andassem – e este DVD é mais uma celebração desse espírito; da alma festiva, da ébria satisfação em pessoa que era este fantástico guitarrista, desaparecido, passam este mês, treze anos. Esta nova compilação de registos da vida de Darrell Lance Abbott, tal como ela foi, é mais descontraída que a «Dimevision Vol.1: That's The Fun I Have», que fora mais sentimental e memorial. Aqui, não há pudores de quaisquer espécies, seja nas partidas que Dime prega aos outros durante viagens nocturnas no *tourbus*, seja na rara aparição de Phil Anselmo a berrar um belo «Ace Of Spades» com Dave Grohl e Roberto Trujillo, tudo movido a doses industriais de álcool, claro. Esta é a visão do músico, do folião, do amigo, sobre o mundo que o rodeava. Quando não é ele por trás da câmara, é o "videógrafo" Bobby Tongs ou a ex-namorada Rita Haney, a que lhe ofereceu um gravador de quatro pistas em 1984 e com o qual registou cinco temas áudio que acompanham este vídeo. São 43 segmentos e dezenas de fotografias, do tempo em que se vivia a valer e não se forjavam alegrias para o Facebook. A cumplicidade com Zakk Wylde, a destreza com que homenageava Randy Rhoads no palco em 1988, a reverência dos fãs em incontáveis *tattoos* com aquela farta cabeleira a segurar Deans pontiagudas… Ninguém assim devia morrer. Muito menos, como morreu. **[8]** N.S.

progressões melódicas, dissonância a rodos e um vozeirão digno de Beelzebub. Nada que não se tenha já ouvido noutros discos no género, é certo, até porque as semelhanças aos autores do «Exercises In Futility» são óbvias, mas não há como negar a competência de um grupo que consegue escrever temas com quase quinze minutos (a «Ashes Remain») e manter o ouvinte atento do início do fim. Os indefectíveis do género têm aqui razões suficientes para regozijar. **[7.5]** J.M.R.

BLOOD

«Inferno»

[Edição de Autor]

Estão activos desde 1986, têm um histórico consistente, uma influência evidente e uma música resistente aos sinais dos tempos modernos. Lançar um disco novo após catorze anos de ausência, e sendo este o oitavo longa-duração deste colectivo, entre muitos outros registos, é sinal de vitalidade, de certezas, mas também de aventura criativa e de algum risco face às tendências musicais actuais. Se dúvidas houvesse quanto à capacidade destes alemães para destilar grindcore, este trabalho responde-nos com um fulgor de fazer tremer os céus, ou melhor, neste caso, os infernos. Sem receio de conceder um milímetro à sua sonoridade, «Inferno» ressuscita os Blood para a primeira linha do género mais extremo da música extrema. Não que eles alguma vez tenham saído de lá, mas convém reforçar a importância para a manutenção das origens que definem todo este movimento musical. Felizmente, após audição desta descarga sónica, com uma imagem e produção muito cuidada, conclui-se que a tradição ainda é o que era. **[8.5]** P.P.

BUTCHER BABIES

«Lilith»

[Century Media]

Em tempos de politicamente correcto, muitas das observações à volta dos Butcher Babies ficam na gaveta, limitando-se a crítica ao essencial, o terceiro trabalho do quinteto liderado pelas vocalistas Heidi Shepherd e Carla Harvey, com o guitarrista Henry Flury, ex-Amen, omnipresente. Com o nome retirado de um tema dos Plasmatics, o grupo revela-se um seguidor de Wendy O Williams, sendo mais discutível se esta seria alguma vez seguidora das Butcher Babies. Especulações à parte, há que centrar a atenção nos onze temas que compõem este «Lilith», curiosamente também título de um disco nacional de recente edição. E o que aqui temos é um registo dentro da linha dos anteriores, eventualmente mais melódico e *radio friendly*, mas até nisso previsível, pois já não sendo uma estreia e com os atributos associados ao colectivo, esperar uma aproximação ao som mais melódico, afastando-se do nicho inicial onde dificilmente o grupo poderá granjear mais fãs, é o mais natural e aquilo que qualquer agente certamente aconselhará. **[7]** E.F.

COMMUNIC

«Where Echoes Gather»

[AFM]

Seis anos após o seu último álbum, o maior hiato desde o primeiro lançamento em 2005, os Communic estão de volta com «Where Echoes Gather», um disco onde o trio norueguês se mantém apegado ao heavy/power de tendências progressivas. As duas partes de «The Pulse Of The Earth» abrem o álbum, notando-se desde logo a produção mais caseira e o aproximar à sonoridade dos primeiros lançamentos. A guitarra de Oddleif Stensland mantém-se dominante, com o seu registo vocal a nunca comprometer, embora também nunca realmente brilhe. A base rítmica, com as suas mudanças bruscas de tempo, dá aquele toque progressivo a um trabalho que se evidencia por temas como «Black Flag Of Hate», «Where Echoes Gatter» ou por «The Claws Of The Sea», estes últimos divididos em duas faixas distintas, tal como a malha de abertura. Um daqueles álbuns que não desiludirá os fãs do grupo mas que também não apela a outros públicos para além dos indefectíveis do género. **[7]** C.G.

DESOLATE SHRINE

«Deliverance From The Godless Void»

[Dark Descent]

«Deliverance From The Godless Void» é, dentro do imaginário black/death (mais arrastado desta vez) em que os Desolate Shrine se movem, como um filme de terror de baixo orçamento que existe mais para entreter do que outra coisa. Uma peça cuja natureza *gimmicky* é assumida tacitamente tanto pela audiência como (esperemos) pelos autores. Não há nada particularmente mau, mas também não se vislumbram riffs acima do mediano, uma ideia vagamente surpreendente ou uma capacidade de execução digna de registo. O problema é que ao olharmos para o disco desta forma, não estamos muito longe de justificar as transições forçadas e os apogeus imerecidos da mesma forma que justificamos diálogos miseráveis na pornografia: interessa é o sumo da coisa, não como se chega lá. No fundo, no primeiro exemplo rimo-nos um bocado, bebemos umas com os amigos e fica tudo bem; no segundo há aquela sensação de vergonha reminiscente após o acto. Algures no meio, conforme o contexto da escuta, estão hoje os Desolate Shrine. **[5]** L.P.

DIABLO SWING ORCHESTRA

«Pacifisticuffs»

[Candlelight/Spinefarm]

Na aparentemente divertida, mas inquestionavelmente complicada, arte de saltitar entre géneros musicais díspares e de fazer soar tudo minimamente coeso no final, o Devin Tonwsend é genial e dificilmente superável. E é precisamente o músico, compositor e melómano canadiano que nos assalta a memória aos primeiros momentos de «Knucklehugs (Arm Yourself With Love)», a faixa que abre «Pacifisticuffs», o quarto longa-duração da carreira dos suecos Diablo Swing Orchestra. É certo e sabido que estamos perante uma banda invulgar, que encaixa naquilo a que podemos chamar de avant-garde, mas há uma linha que separa o experimental do ridículo e essa é demasiadas vezes ultrapassada ao longo dos 44 minutos que dura este regresso. Há por aqui pop do mais plástico que possamos imaginar, country music saloia, cornetas mariachi a rodos, laivos de música clássica e de tentativas de tornar a coisa mais erudita e, como se o desastre não fosse já uma certeza, temos um eurodisco capaz de nos fazer revoltar o estômago. Ah, sim, também por aqui há rock, uma ou outra pincelada de metal e demasiadas experimentações e cruzamentos manhosos que resultam em autênticas aberrações. Tire-se o chapéu pela ousadia e pela multifacetada sonoridade, mas o resultado é demasiado esquizofrénico e confuso para ser levado a sério. O citado Tonwsend já dizia "*music is just entertainment*", no sentido de não levarmos tudo tão a sério, mas o reverso da medalha também não nos parece servir o propósito que a música deverá servir. **[5]** R.A.

(DOLCH)

«III – Songs Of Happiness, Words Of Praise»

[Ván]

37 minutos depois, ficamos baralhados, ficamos desorientados e com sentimentos díspares em relação ao que acabou de nos entrar pelos ouvidos e alojar-se na mente. Voltemos a pressionar o *play* e iniciemos nova viagem. É suposto levarmos a primeira faixa a sério? É suposto ser uma piada? É que fica longe de resultar em qualquer circunstância. Mais grave, incentiva-nos a ouvir a sexta faixa, originalmente intitulada «Track Six», de trás para a frente, mas só na edição em vinil. São quinze segundos e seja de trás para a frente ou mesmo a fazer o pino, são quinze segundos sem qualquer sentido. Ok, vamos ao que importa que com devaneios sem nexo já se foi um minuto de «III – Songs Of Happiness, Words Of Praise», o regresso dos enigmáticos (DOLCH). E o que importa é um tema fantasmagórico como «The River», no qual a atmosfera densa, lúgubre e hipnotizante que estes

O lançamento já tem uns meses, o livro está quase esgotado, mas não podíamos deixar passar em claro no Ninho De Rattus. O próprio formato do livro é punk até ao tutano, pois trata-se de um *split*. É isso mesmo, um dois-em-um efeito *shampoo*, não muito comum em livros mas sim em discos. De um lado temos **«CORTA-E-COLA: DISCOS E HISTÓRIAS DO PUNK EM PORTUGAL (1978-1998)»** de Afonso Cortez, do outro encontramos **«PUNK COMIX: BANDA DESENHADA E PUNK EM PORTUGAL»** de Marcos Farrajota. Este é um daqueles casos em que os títulos não enganam e deixam bem claro o que vamos encontrar ao longo das páginas. Corta-e-Cola/Punk Comix é sem margem para dúvida o registo mais completo sobre o punk em Portugal, e mais importante ainda, o mais genuíno e escrito por pessoas que abraçaram a própria cultura e os seus valores. Não se trata de uma enfadonha tese de faculdade baseada em gráficos e estatísticas, nem de visões académicas que tentam explicar algo que não fazem a mínima ideia do que é. Encontramos a história de uma contracultura baseada no DIY, com uma forte componente musical mas muito mais que isso. Um arquivo bastante completo de vinis, cassetes, *flyers*, fanzines, manifestos, catálogos, fotografias e depoimentos na primeira pessoa ajudam a contar o percurso das bandas e outros intervenientes do punk luso. O livro, editado pela Chili Com Carne em parceria com a Thisco, traz ainda um CD compilado pela Zerowork Records com alguns nomes do punk "tuga" e outros projectos mais experimentais mas descendentes da ética do faz-tu-mesmo. Se o punk não fosse ateu diria que estava aqui uma bíblia do punk, assim é só um livro relevante para quem quer conhecer as primeiras duas décadas de moicanos e botas da tropa neste canto à beira-mar plantado. Indispensável.

Antecedendo o novo LP que se avizinha e celebrando a primeira década de vida, os **MR MIYAGI** lançam através da Infected Records o 7" *single* «V». Quem já conhece o thrash punk, rápido e raivoso, da banda de Viana do Castelo, não se irá defraudar com estes dois temas que nos fazem sacar do skate e ir ripar para o poço da morte na extinta Feira Popular. Fica apenas uma sensação de água na boca pelo facto de os temas passarem tão depressa. Um excelente pronúncio do que aí vem!

Também com selo Infected, mas compartido com a Disconnect, Trilob Records e a Bearded Punk, vê a luz do dia o álbum «All About Perspectives» dos **FOR I AM**. Doze temas de punk melódico, nem sempre entusiasmante, mas indicado para fãs de bandas como Jane´s Detd ou Samiam. Produção limpa, melodias sem fim e um imaginário demasiado juvenil e carregado de acne.

germânicos tão bem sabem explorar surge em todo o seu negro esplendor. Numa abordagem mais ritualista, «Siren» dá seguimento ao verdadeiro miolo de um disco que, se não inventasse, seria genial. Mas «Hydroxytryptamin Baby I» leva o hipnotismo longe de mais e faz decair o estado de quase transe no qual as duas faixas anteriores nos convidavam a entrar. Multipliquemos então esta faixa por quatro e chegamos aos dezoito minutos de «10000 Days», uma amálgama de ruído e atmosfera dissonante e paralisante. Passaram novamente 37 minutos e os *mixed feelings* continuam em relação ao que aqui se ouviu e sentiu. O ritual repete-se, pressionemos o *play* e dê-se nova oportunidade. Há algo aqui que nos agarra e nos impele a sujeitarmo-nos a algo que não percebemos. E isso só pode ser bom! **[7.5]** R.A.

DR. LIVING DEAD!

«Cosmic Conqueror»
[Century Media]
Quem estiver familiarizado com este quarteto saberá que soa mais a algo das cenas crossover thrash da Califórnia ou Nova Iorque na segunda metade dos anos 80, do que da actual Suécia, de onde são oriundos. Suicidal Tendencies, Slayer, D.R.I., Nuclear Assault e Cro-Mags (mais ou menos, por esta ordem) é o que nos evoca mais um álbum dos Dr. Living Dead!, já o quarto e na senda dos anteriores. O que ganhamos em «Cosmic Conqueror» é uma produção mais dinâmica e, por conseguinte, um som ainda mais cru e próximo dos ídolos de há vinte anos destes mascarados de Estocolmo. Devidamente equipados com bandanas à Mike Muir, Dr. Mania, Dr. Toxic, Dr. Rad e Dr. Slam oferecem-nos uma bela *thrashada* à antiga, com uma secção rítmica forte, riffs rasgadinhos e uma voz a lembrar recorrentemente Kurt Brecht com o *plus* de "Suicidal emocional" nas partes mais melódicas. A juntar a isto, como é próprio do thrash com substracto, temos um conceito que remete para os perigos da inteligência artificial e do "crime espacial". **[7.5]** N.S.

EUROPE

«Walk The Earth»
[Hell & Back]
Com «Walk The Earth», os Europe conseguem ter mais álbuns editados após a reunião encetada em 2014 do que os cinco álbuns que marcaram a sua carreira na década de 80 (e início da de 90, pois «Prisoners In Paradise» saiu em 1991). O tema-título é uma escolha estranha para abrir o disco, logo compensada com um ondulante «The Siege», onde a guitarra de John Norum e as teclas de Mic Michaeli esgrimem fortes argumentos entre si. A voz de John Tempest está cada vez mais madura e segura, brilhando em malhas como «Election Day», «Haze» ou «Turn To Dust». A balada «Pictures», as curtas e imediatas «Kingdom United» e «Whenever Are You Ready», e a dinâmica «GTO» destacam-se num registo que nos traz o ambiente de uns Deep Purple dos anos 70, tornando-o num disco de hard rock com cheirinho a blues mais do que competente. **[7.5]** C.G.

FORGOTTEN TOMB

«We Owe You Nothing»
[Agonia]
O odioso black metal dos primeiros discos já ficou lá atrás, abrindo espaço para que a sonoridade dos italianos Forgotten Tomb evolua e se expanda a cada novo disco. «We Owe You Nothing» é já o nono de uma carreira bastante activa e prolífera e reafirma sem condescendências aquilo que há muito já sabemos, ou seja, a atitude e a afirmação de personalidade de uma banda que evolui e que experimenta dentro do seu próprio universo onde o peso, a negritude e o niilismo são pontos de honra. Cada vez mais melódicos (blasfémia) e envolventes (dupla blasfémia!), os Forgotten Tomb revelam-se igualmente cada vez mais interessantes e desafiadores, encaixando naquele caldeirão onde tudo o que é negro e sorumbático nos vários espectros do metal conflui, o mesmo que tem nuns Triptykon ou nuns Shining os exemplos mais sonantes. «Abandon Everything» é o exemplo máximo daquilo que os Forgotten Tomb são em 2017, um eficaz e enleante veículo de negatividade sob a forma de música pesada e acutilante. **[8]** R.A.

FOZZY

«Judas»
[Century Media]
Para um fã de *wrestling* e de metal, os Fozzy são como um champô dois-em-um. Por um lado temos Chris Jericho da WWE, e por outro Rich Ward, guitarrista dos Stuck Mojo. Os dois têm formado desde 1999 uma parceria de peso nos Fozzy. O novo (e já sétimo) álbum traz-nos um metal moderno e americanizado, com os riffs de Ward a servirem de base a composições simples e com muitas ligações ao nu-metal. Pelo seu lado, Jericho mostra que não está ali só pelos músculos, pois para além da sua competência vocal, revela a capacidade para criar boas linhas melódicas, como no tema-título de abertura ou no refrão de «Painless», por exemplo. Se temas como «Weight Of The World» parecem ter saído da sala de ensaios de uns One Direction mais animados e vários outros soem a colagens a Linkin Park ou até Limp Bizkit, temos lá perdido no meio um «Wordsworth Way» para compensar. Só que isso não chega... **[6.5]** C.G.

GHOLD

«Stoic»
[Crypt Of The Wizard]
Se «Pyr» dera sinais de que os Ghold tinham andado a beber avidamente do caldeirão dos Melvins, «Stoic» é um marco de convergência com parte da banda de King Buzzo, ou, para ser mais preciso, com parte de uma das suas formações: os Big Business. Nele, alternam-se pequenas explorações ambientais (e um final monumental) com três canções que, nas vozes como nalguns dos riffs e cadências, podiam ser o resultado do Coady e do Jared terem resolvido desacelerar um bocado, aporcalhar a produção com texturas mais próprias de noise rock ou sludge e, por razões que jamais fariam sentido, resolvido que o Coady não podia tocar para além do básico. Se isto sugerir que «Stoic» é meramente derivativo, esclareçamos que faltam bandas a tocar rock à Melvins, que noutros campeonatos passaria por inovador ter um décimo desta originalidade, que é um disco do caraças de rock bruto e que aqueles doze minutos de noise rock tresloucado da «Skhul VI» constituem um dos melhores finais de disco que vão ouvir este ano. **[7.5]** L.P.

HÄLLAS

«Excerpts From A Future Past»
[The Sign]
Depois do aperitivo que foi o seu EP de estreia, estes suecos regressam com um disco que tenta reviver o espírito dos anos 70, com nomes como Uriah Heep, Yes ou Hawkwind a servirem de referência e com alguns andamentos de guitarra a remeter-nos brevemente para a NWOBHM. Suavemente somos levados ao longo dos sete temas que compõem este «Excerpts From A Future Past», embalados pelas linhas de guitarra, despertados pela estranha voz de Tommy Alexandersson e ao mesmo tempo hipnotizados pelas teclas de Nicklas Malmqvist. Com temas como «Repentance», «Star Rider» ou «Shadow Of The Templar» a destacarem-se, este é um álbum que pode levar-vos facilmente a rejeitá-lo à primeira audição, ou pelo contrário, a deixarem-se enfeitiçar imediatamente pela sua estranheza. **[7.5]** C.G.

HOODED MENACE

«Ossuarium Silhouettes Unhallowed»
[Season Of Mist]
Com mais de metade da formação em estreia, inclusivamente um novo vocalista, os Hooded Menace surgem neste quinto longa-duração com uma energia renovada e uma abordagem ligeiramente diferente. A produção está mais polida, com um som definido e não tão grave, alinhado com a voz, também ela ligeiramente menos gutural. Há uma certa desenvoltura no death/doom dos finlandeses, e a repetição exaustiva dá lugar a um maior número de mudanças de ritmo e de ambiências, do que no anterior «Darkness Drips Forth». Não se assustem os mais puristas, os Hooded Menace continuam tão soturnos como sempre foram, só parecem beber mais influências de bandas clássicas do género. Para se ter uma ideia, há por aqui harmonias e solos que não soariam deslocadas num disco dos Pallbearer, embora com uma roupagem bem mais obscura. «In Eeerie Deliverance» é um desses casos, com partes de guitarra limpa a lembrar os primórdios de Paradise Lost e voz feminina em *spoken word*. Já a emotiva «Charnel Reflections», possivelmente a melhor canção do disco, evoca My Dying Bride, sem nunca colocar em causa a personalidade do colectivo finlandês, que continua a ser dos melhores na difícil arte de pintar histórias de desespero com riffs a carvão. **[8]** J.A.R.

IMPERA

«Weightless»
[Edição de Autor]
Este quinteto lisboeta, com músicos jovens, lança agora o seu primeiro trabalho, depois de em 2016 já ter editado uma faixa, em formato digital, intitulada «Wings Of A King», também contida nesta edição. Apostando num metal pesado e ao mesmo tempo *mainstream*, podem perceber-se as referências a Pantera, não tanto pelo *groove* e guturais, mas pelo cuidado nas guitarras que revelam já começar a perceber outros caminhos para lá das referências clássicas. Pode por isso perceber-se que Meshuggah já terá algo a ver com a composição, como se escuta na *bridge* de guitarras, feita na segunda metade de «Five To Nine», uma das faixas mais interessantes do trabalho. Pelo som aqui revelado, certamente que estes Impera serão mais interessantes ao vivo que em disco, mas um próximo registo trará mais maturidade, principalmente na produção. É bom ver sangue novo a chegar a um meio em que a média de idades se revela assustadoramente alta. **[6.5]** E.F.

JESS AND THE ANCIENT ONES

«The Horse And Other Weird Tales»
[Svart]
Regresso para Jess, vocalista do quinteto finlandês, formado a partir de elementos dos Deathchain e que agora lança o terceiro longa-duração. À excelente voz, junta-se o psych de um som de orgão e uma bateria endiabrada que mantém um ritmo elevado em temas como «(Here Comes) The Rainbow Mouth» ou «Your Exploding Heads», tema que possui um toque de banda-sonora à Tarantino. «The Horse And Other Weird Tales» revela-se, aqui e ali, como um disco bastante mais ritmado do que seria de esperar, por vezes quase dançável, mesmo que em «You And Eyes» haja um tom soturno de início, mas nos seus sete minutos há espaço para chegar ao *groove*, com um *feeling* de 70s, algo que é transversal a todo o disco – um lado ***retro*** que afasta o grupo do rótulo de occult rock de início de carreira. Entre temas curtos, a hipnótica e bem conseguida «Anyway The Minds Flow» é quase excepção nos seus oito minutos, funcionando bem no balanço e variações de ritmo, bem como no registo sonoro de J.D. Salinger, autor de «The Catcher In The Rye», tema da música. **[7]** E.F.

JOSEF VAN WISSEM

«Nobody Living Can Ever Make Me Turn Back»
[Consouling]
Continua a cruzada a que o compositor neerlandês Josef Van Wissem se auto-propôs, de trazer o alaúde a um público mais abrangente. Em «Nobody Living Can Ever Make Me Turn Back», pegou no *vanitas* da pintora belga Cindy Wright que decora a capa como fonte de inspiração e desenvolveu a partir daí os seus cíclicos arranjos característicos. Tal como o estilo de quadro em que se inspira, «Nobody Living Can Ever Make Me Turn Back» destaca-se sobretudo por duas características bem definidas: a beleza e suavidade da composição e dos arranjos, e a fragilidade sugerida pelos seus elementos, sejam os elícitos cantares de «Your Days Gone Like A Shadow», a lugubridade de «The Empty Cup Of Suffering» ou a arrepiantes totalidade de «Our Bones Lie Scattered Before The Pit». Uma obra contemporânea tocada com um instrumento antigo, inspirada numa interpretação moderna de um conceito do séc. XVI – mais do que um aparente paradoxo, é um documentar da intemporalidade da capacidade evocativa do ser humano. **[8.5]** L.P.

LOW ESTATE

«Covert Cult Of Death»
[The Flenser]
Segundo o comunicado de imprensa que acompanha «Covert Cult Of Death», o que vamos ouvir é "*música séria tocada por homens com tendência para se rirem até a morte*". Digeridos os 40 minutos que compõem o disco, não é difícil perceber tal afirmação. Baseados em «The Insanity Of Normali-

A LOUD! E A Glam-O-Rama
TÊM O PRAZER DE TE OFERECER
UM DESCONTO DE 5 EUR NUMA
COMPRA DE VALOR SUPERIOR
OU IGUAL A 25€.

BASTA VISITAR A LOJA COM A REVISTA
OU COMPRAR LÁ A MESMA.
A REVISTA SERÁ CARIMBADA NO ESPAÇO
INDICADO PARA O EFEITO.

OFERTA VÁLIDA ATÉ AO FINAL DO ANO DE 2017.
UMA OFERTA POR REVISTA. EXCLUÍ BILHETES PARA CONCERTOS.
NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS OFERTAS OU PROMOÇÕES.

CARIMBO

GLAM-O-RAMA ROCK SHOP - RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL • + 351 211 320 835

Os **EXTREMITY** são um colectivo de veteranos que não deixam os seus créditos por mãos alheias. A dupla que partilha as vocalizações deste disco contribui para a invocação funesta das criaturas deste submundo em «Extremely Fucking Dead», onde são abertas as campas do death metal mais bestial, exorcizando-se os pesadelos e perpetuando a maldita fé da vida no purgatório. Já os **DEATH TOLL 80K** aceleram o ritmo musical neste último «Step Down». Estamos na presença de um dos discos mais ferozes dos últimos tempos. Tudo aqui passa muito rápido, os temas, a duração e a música. Directo, violento e ensurcedor é o registo deste álbum de grindcore que não deve passar despercebido aos amantes do género.

Falando de *old school*, «The Guillotine» marca a estreia dos **VULTURE** no capítulo da longa-duração. O espírito, a produção, a imagem e o heavy/speed metal, em simultâneo, conduzem-nos ao passado de forma fiel e indelével. Num extremo oposto, trago-vos os **ENDON** com «Through The Mirror». Para esta audição aconselho-vos estarem de mente aberta pois o vórtice de caos anda lado a lado com a desolação industrial, levando-nos para níveis de intensidade de muito ruidosos e (aparentemente) improvisados. Contudo é aqui que reside a atracção maior desta banda pois as dimensões aqui criadas nunca deixam de ser hipnotizantes e viciantes.

Um dos nomes que poderão ouvir num futuro breve são os **OBNOXIOUS YOUTH**. Irreverentes e musicalmente rebeldes trazem-nos a sua segunda proposta intitulada de «Disturbing the Graves». Neste trabalho a aura speed/punk/crossover dos temas está ainda mais acentuada e contagiante. Não tenham dúvidas, isto é música para ser regada com toda a cerveja do mundo e festejar em pleno *moshpit*. Os **PLOUGHSHARE** escurecem as próximas linhas com a sua edição de autor apelidada «Literature Of Piss». Variando entre passagens rápidas e lentas, o que sobressai deste lançamento é o equilíbrio entre as suas linhas dissonantes, sejam elas tocadas em ambientes mais ríspidos ou não, este turbilhão de negritude e raiva é cuspido com o propósito de nos conduzir à própria alienação.

«Total Destruction» é o mais recente título para os **MARGINAL** que continuam com a sua toada destruidora entre o crust, o d-beat, o grindcore e o death metal. A esperada abordagem anti-social dos refrães consolida a fusão de todos estes estilos provando que a construção de temas simples e orelhudos não precisa necessariamente da muleta da velocidade supersónica para vencer e convencer. *Horns up for metal*!

ty», o livro em que o psicólogo helvético-alemão Arno Gruen defende a ideia de que o mal é resultado do auto-ódio e da auto-traição, estes nove temas assentam num conceito sério. Em termos musicais, no entanto, o quarteto não parece levar-se demasiado à letra, preterindo convenções de género em favor de uma abordagem eclética, que reflecte na perfeição o *pedigree* muito diverso dos músicos envolvidos – a saber, Brendan Tobin (dos Red Sparowes) no baixo, Christopher Todd (dos Sannhet) na bateria, Geoff Garlock (dos Orchid) na guitarra e Jimmy Hubbard (dos The Year Is One) na voz. Divididos entre Austin e Nova Iorque, os quatro conseguem estabelecer uma ponte entre metal, hardcore e noise rock, com convidados ilustres como Dwid Hellion (dos Integrity) em «Masked Illusion», Zachary Lipez (dos Publicist UK) em «Day Of Days» ou David Castillo (dos Primitive Weapons) em «Shame» a darem colorido extra a composições angulares e contundentes, que refutam logo à partida quaisquer *clichés*. Tentem imaginar os Deadguy a fazer umas versões de temas do «Kronet Til Konge» na sala de ensaios dos The Jesus Lizard e podem ficar com uma boa ideia do que se ouve num disco pouco aconselhável a mentes mais fechadas. **[7]** J.M.R.

LUSTRE

«Still Innocence»

[Nordvis]

Vasculhando distraidamente o Bandcamp e plataformas afins, rapidamente se conclui que o black metal atmosférico é um dos subgéneros mais praticados por bandas relativamente recentes, e se por um lado percebemos o fascínio – é difícil ouvir os Wolves In The Throne Room e não nos sentirmos inspirados a fazer qualquer coisa, nem que seja copiar –, por outro lado, dado o grau de sucesso artístico baixíssimo deste tipo de coisa, já era altura de se parar para pensar um bocadinho. *Bottom line*: já desde os tempos iniciais de Burzum, de certa forma o "culpado" disto tudo (que a criatura seja culpada de alguma coisa boa, para variar), as poucas bandas que caem debaixo desta etiqueta que valem a pena são as que arranjaram a sua própria forma de expressão, as que têm uma personalidade vincada. Tanto vale isto para os Agalloch, como para os Wolves In The Throne Room, como para os Drudkh ou até os Summoning, por exemplo. O Lustre, que sai todo da cabecita de um tipo sueco "chamado" Nachtzeit (Henrik Sunding no bilhete de identidade), decidiu praticamente abandonar a aspereza e o próprio black metal, e guinar neste «Still Innocence» para o lado dos interlúdios. É isso, é um disco que parece uma compilação de *intros* de outros discos. Produção horrível, ambiente quase em exclusivo de *synth*, é como se o homem tivesse passado quase 40 minutos a tentar recriar a «Tomhet» sem grande sucesso. Ou ter ouvido o «Great God Pan» dos Endvra e ter pensado "*como é que consigo fazer isto, mas em mau?*" Ou querer ser o Mortiis sem orelhas pontiagudas, e sem grande talento também. Dá para perceber, não é? **[3]** J.C.S.

MIDNIGHT

«Sweet Death And Ecstasy»

[Hells Headbangers]

É um caso de estudo interessante, a popularidade improvável dos Midnight. Há muitas outras propostas dentro deste estilo de metal/punk, especialmente onde a parte "metal" vem do lado mais black'n'roll da coisa (um cruzamento específico onde o «The Cult Is Alive» dos Darkthrone é obra-prima intocável, convenhamos), e seria discutível que algumas até são melhores, mas pronto, foi o projecto do Athenor que caiu no goto da malta, e a verdade é que o cabecilha desta *one man band* (em estúdio, actualmente) tem todo o mérito nisso. Não se esgotando em discos atrás de discos – tem inúmeros lançamentos no seu catálogo, mas tudo coisas pequenas, *splits* e *demos* essencialmente –, tem sabido manter relativamente fresca uma aproximação que tem muito de limitada. «Sweet Death And Ecstasy» é apenas o terceiro longa-duração a sério, e há diferenças notórias em relação a «Satanic Royalty» de 2011, por exemplo. Os temas já não são todos "a abrir", há muito mais rock'n'roll (logo na «Crushed By Demons» de abertura, cheia de solos, isso é bem patente) e a produção é muito mais limpa do que anteriormente. E apesar dessa postura mais "musical", a verdade é que há menos malhas inesquecíveis, podendo-se apontar um ou outro *filler* no alinhamento. É algo que custa um bocado a interiorizar para quem gostava do ambiente mais negro, e daquela podridão a rasgar que se encontra, por exemplo, ao longo da fantástica compilação «Complete And Total Hell» (só malhões!), mas mesmo um bocadinho mais polido e de mais fácil acesso ao tipo de público que agora também já os segue, continua a ser Midnight, e isso é de valor. **[7.5]** J.C.S.

NEKRASOV

«The Mirror Void»

[Prosthetic]

Se em 2016 o australiano Bob Nekrasov já nos havia brindado, assumindo a designação Rebel Wizard, com um monumento à bizarria sob a forma de música com tanto de extremo e feio como de cativante, em 2017 a dissonância é elevada a patamares pouco recomendáveis, mesmo para os ouvidos mais calejados, através do regresso pela sua entidade mais estabelecida e primária. «The Mirror Void» tanto é black metal primitivo e selvagem, como abraça a densidade negra e maquinal do industrial mais bizarro ou embarca pelo ruído aparentemente sem nexo do drone mais inquietante. Extremismo em todo o seu negro e acutilante esplendor é aquilo que o enigmático músico e compositor australiano nos serve, assemelhando-se a algo horrendo e desconcertante cuspido de um qualquer buraco negro que a criatura habita e para o qual nos suga lentamente à medida que «The Mirror Void» se entranha no nosso circuito neuronal. E não digam que foi por falta de aviso! **[8]** R.A.

NORUNDA

«Irruption»

[Suspiria]

Um raro caso de grupo ibérico, isto porque este novo trio inclui dois músicos portugueses, Pedro Mendes, conhecido pelo trabalho como produtor e passagem por projectos como W.A.K.O., Thee Orakle ou Demon Dagger, e Marcelo Aires, conhecido baterista, actualmente envolvido em inúmeros projectos como The Ominous Circle, Axia ou Pinturas Negras. Os dois aparecem ao lado de Rubén Cuerdo, nome conhecido

do outro lado da fronteira, onde o trio já se estreou ao vivo, abrindo para a mais recente digressão dos Moonspell. O disco de estreia foi antecedido por dois videos, relativos aos temas «Pushing To The Limit» e «Face To Face», bons exemplos do som praticado neste trabalho, um heavy metal que faz a ponte para o thrash, com subtis influências de Metallica, como no já mencionado «Face To Face» ou em «Infoxication» onde as guitarras lembram uns Destruction. Há ainda que referir a balada *by the book* «Violent Street» e o seu solo. Sem ser inovadora, esta é uma estreía que vale a audição, restando esperar por 2018 para ver a estreia do grupo em terrenos nacionais. **[7]** E.F.

OPIUM WARLORDS

«Droner»

[Svart]

É uma daquelas reuniões eternamente ansiadas, uma das poucas que valeria a pena, mas que dificilmente irá acontecer. Falamos dos Reverend Bizarre, de quem imaginamos que qualquer fã de doom terá saudades terríveis, que ainda são tornadas piores pelo facto de os seus membros andarem todos por aí a tocar em vários projectos de qualidade variável. O mais sólido tem sido Kimi Kärki, com os seus Lord Vicar e a sua maravilhosa carreira a solo em territórios folk, enquanto que o sempre amalucado Albert Witchfinder, de seu nome Sami Albert Hynninen, se tem espalhado por várias investidas meio *hit and miss* de teor experimental. A mais consistente tem sido precisamente estes Opium Warlords, onde faz tudo e já vai, com «Droner», no seu quarto álbum. O nome diz quase tudo

é um disco de drone relativamente simples, com um ou outro apontamento de doom mais concreto, algumas secções de guitarra "limpa" para quebrar a monotonia e vozes solenemente declamadas. Há todo um conceito apocalíptico por trás disto, mas interessa pouco – "monotonia" é mesmo a palavra chave, e seria de prever que ao fim de tanto tempo de dedicação ao projecto, o bom do Sami já tivesse encontrado uma forma de dar uma expressão mais interessante a estes devaneios, mas não. Facilmente descrito, é Sunn O))) *light*, no pior sentido: a ideia base é parecida, mas não tem nenhum do peso, do poder evocativo ou da capacidade de prender o ouvinte que os norte-americanos (ou qualquer outra entidade de qualidade dentro do drone) têm. **[5]** J.C.S.

PRURIENT

«Rainbow Mirrow»

[Hospital Productions / Profound Lore]

Subtileza não é o primeiro adjectivo que associamos a Prurient. A visceralidade avassaladora em palco e em discos como aqueles dos alcaloides no título assim o ditam. No entanto, no alto das suas três horas e meia, «Rainbow Mirror» é isso mesmo; um registo subtil, minimalista e quase desprovido das vocalizações abrasivas a que Fernow nos tem habituado. Em formato trio e com o mínimo possível de elementos, Fernow alicerça na repetição e lenta mutação uma peça que se insinua e eventualmente conquista a vítima insuspeita com a qualidade dos adornos que vão surgindo. O destaque maior desta monumental obra surge ao fim de duas horas e meia, com as fantásticas duas partes de «Buddha Strangled In Vines», em que às características já mencionadas se juntam fortes componentes melódicas e electrónicas, resultando numa aura cinemática de forte pendor distópico. Ao fim de vinte anos de criatividade e imprevisibilidade na criação da mais extrema das sonoridades, fica a impressão de que a fonte de inspiração está longe de secar. **[9]** L.P.

THE RANSACK

«Decadence»

[Raising Legends]

Oriundos da prolífera cidade de Barcelos, os The Ransack, apesar de «Decadence» já ser o seu quarto álbum, nunca obtiveram o reconhecimento nacional devido. Os seis anos de ausência de edições discográficas ajudaram a cimentar esse facto, contando o quarteto com este disco reactivar a carreira iniciada no princípio deste século. As onze malhas deste disco mostram um grupo mais maduro e ciente da sua orientação musical, alicerçada num death metal melódico com alguns prazenteiros laivos de thrash metal moderno. «Return Of The King» é um excelente cartão de visita, complementado por temas como «Jigsaw», «Caligínous», «Rebels Manifesto» ou «Solitary», que mais do que compensam e justificam a longa paragem. se com este disco o público nacional não começar, pelo menos, a prestar mais atenção aos The Ransack, algo de muito estranho se passa. **[7.5]** C.G.

CAVALERA CONSPIRACY
Psychosis
BRUTAL & BACK TO THE ROOTS!
Bow your heads down to the Cavalera brothers!
OUT NOW ! CAVALERA CONSPIRACY - Psychosis Available as LTD Digipak, LTD Vinyl and Download / Stream!
NAPALM STORE EXCLUSIVE DELUXE BOX-SET AVAILABLE AT WWW.NAPALMRECORDS.COM
VISIT OUR ONLINE STORE WITH OVER 20.000 ITEMS – SPECIAL EDITIONS, CDS, VINYL, DVDS, MERCHANDISE: WWW.NAPALMRECORDS.COM!
FACEBOOK.COM/ NAPALMRECORDS
DOWNLOAD THE FREE NAPALM APP FOR BOTH IPHONE AND ANDROID!

REDEMPTUS
«Every Red Heart Fades To Black»
[Ragingplanet]
Comparado com a estreia «We All Die The Same», «Every Red Heart Fades To Black» traduz-se em muito maior musicalidade e fluidez, com um acréscimo de melodia e dinâmica entre temas. O trio abriu horizontes, e ao sludge, que é a fundação da sua sonoridade, juntam cada vez mais elementos de post metal/rock, que ajudam a que cada tema se distinga do anterior. «In A Deep Hole» é sintomática dessa maior exploração, subindo a um patamar superior assim que as belas harmonias se sobrepõem à parede de distorção. Alguns temas têm uma abordagem mais crua e simplista, desbravando territórios próximos do noise rock e do hardcore: «Pile Of Papers», por exemplo, conta com um daqueles *grooves* gigantescos com baixo pujante, a lembrar os Unsane ou os KEN mode, enquanto a excelente «A Grim Reminder» põe a nu uma melancolia transversal a grande parte deste material e que lembra os Kowloon Walled City, também pelas vocalizações em *spoken word*. A forma como Paulo Rui interpreta, a expressividade que coloca em cada palavra, berro ou sussurro, elevam a música a um patamar superior. A isso acrescem os excelentes *samples*, com "testemunhos" que acentuam a carga dramática de cada composição. «Every Red Heart Fades To Black» está cheio de surpresas e pormenores e, ainda assim, mantém-se extremamente focado nas canções. Talvez por isso se explique que um tema com tantas nuances como «Unraveling The Garden Of All Forking Paths» agarre logo à primeira audição ou que os dez minutos de viagem proporcionados por «May This Chamber Of Secrets Enclosure My Heaviest Burden» passem num abrir e fechar de olhos. Sem dúvida, um dos melhores lançamentos nacionais do ano. **[8.5]** J.A.R.

SARKE
«Viige Urh»
[Indie]
Claro como água. Como neve. O som deste quinto álbum de Sarke é cristalino, embora incisivo, frio, dilacerante. Após «Bogefod», o único disco com tons mais escuros na capa, Thomas "Sarke" Berglie e restante elite que o acompanha voltam ao branco como tom principal da imagética de mais um registo que é um perfeito mergulho no obscuro gelo nórdico. Obscuro, mas claro nos propósitos. Talvez nunca tenhamos escutado um Nocturno Culto tão perceptível; toda e qualquer sílaba do ícone norueguês é audível em bom e nefasto inglês, apesar de alguns títulos terem idiomas mais "misteriosos". O que também é claríssima é toda a base instrumental destes 35 minutos, em secas e eficazes pancadas de bateria e guitarras que parecem querer levar este (outrora) projecto para outro nível. Tudo aqui é preciso. Steiner Gundersen, fiel guitarrista de apoio aos Satyricon, é peça chave para que «Viige Urh» soe tão efectivo, seja ao nível dos riffs de afiar o dente, seja em solos e melodias que quase nos remetem para um qualquer David Gilmour do black metal. A ideia do passado, "o tempo que passou" como possível tradução literal do título, é um conceito que sublinha a melancolia inerente aos trabalhos de Sarke, cujo odor transpirante destes oito temas também nos remete para as sensações do que é velho, puro, cru e quase épico, numa peça como «Punishment To Confessions», por exemplo. Maioritariamente lento, o álbum chega a ganhar ritmos mais céleres no excelente tema-título e em «Knifehall», obtendo uma especial e diferente dimensão em «Jutul», num dueto (!) do Darkthrone com a cantora Lena Fløitmoen. Pese embora todas as descrições, este é material duro, feio e pesado. **[8]** N.S.

GNAW
«Cutting Pieces»
[Translation Loss]

Epronto, lá vamos nós, pela terceira vez, embarcar na tarefa inglória de tentar convencer toda a gente de que uma das principais luzes do avant-garde extremo actual está já aqui, chama-se Gnaw, e conta com a presença daquele cavalheiro que causava pesadelos a toda a gente com os Khanate. Ele mesmo, o próprio Alan Dubin, em entrevista recente, afirmou que ainda há muita gente que lhe pergunta porque é que ele não fez nada depois dessa mítica banda que contava com a presença do Stephen O'Malley na guitarra, e lá tem o homem que explicar às pessoas que tem uma banda que já leva, a contar com este, três longa-duração editados. Seria de esperar que, especialmente para quem conhecia e gostava das lições de minimalismo grotesco dos Khanate, já acompanhasse a *next best thing*, não é? Mas pronto, se calhar não interessa muito a origem deste estranho desconhecimento geral, e se calhar até é bom que assim seja – desta forma continua a parecer que somos de um clubezinho meio privado quando ouvimos as explorações sonoras dos Gnaw, e esse sentimento de saber um segredo que pouca gente mais sabe é, deixemo-nos de merdas, bestial quando acontece. Bestial é também o «Cutting Pieces», nos vários sentidos possíveis da palavra. É também uma evolução tremenda. Apesar das referências aos Khanate ali do princípio do texto, por esta altura estas já servem mais para situar os principiantes do que outra coisa, porque os Gnaw têm uma personalidade muito bem construída. O Dubin é claramente a estrela da equipa, mas numa formação (enriquecida agora pela super-talentosa Dana Schechter dos Insect Ark, que nos visitou recentemente na companhia dos Wrekmeister Harmonies também) onde há arquitectos de som e pessoal muito ligado ao cinema, mais do que propriamente "músicos" convencionais, as expectativas criadas são amplamente cumpridas, mais do que nunca. Apesar de se tratar de música altamente textural e construída por elementos sonoros a que não estamos habituados, em «Cutting Pieces» a banda nova-iorquina consegue de facto criar "malhas", com partes memoráveis, e uma inédita dinâmica que confere a essas malhas partes mais calmas, espaço para respirar. É um filme de terror em que a cena da perseguição desenfreada não é necessariamente o foco principal, e isto inclui a voz habitualmente animalesca do Alan Dubin, que ao fim destes anos todos ainda nos consegue surpreender com novos registos, alguns dos quais ficam perigosamente perto de... cantar normalmente, como uma pessoa. Só ouvindo. Ah, e se havia uma horrível frase emblemática em cada um dos álbuns anteriores que nos ficava presa na cabeça pela forma hedionda e pelo contexto em que é proferida ("*everybody's fucking... but you*" no «This Face», "*you left your window open*" no «Horrible Chamber»), aqui essa tradição mantém-se: "*I smell a rat*". Vão lá ver se não é verdade. **[9]** J.C.S.

SAVAGE MESSIAH
«Hands Of Fate»
[Century Media]
Dos Savage Messiah muito se esperava no início da sua carreira, com o EP «Spitting Venom» (2007) e o álbum de estreia «Insurrection Rising» (2009) a mostrarem na altura uma banda com potencial e alguma capacidade em combinar o thrash com o power metal ao estilo norte-americano. Ao quarto álbum de estúdio, os britânicos parecem andar à procura de uma saída para o labirinto onde se enfiaram. Os dois temas iniciais do disco são, para ser simpático, ensossos, e quando, na inicialmente prometedora terceira «Blood Red Road» ouvimos um refrão à Skid Row ficamos literalmente a coçar a cabeça. À medida que vamos avançando, mais confusos vamos ficando, pois torna-se difícil perceber o que realmente os Savage Messiah pretendem com este disco. Perceber, até se percebe, só que infelizmente tudo soa de forma fria e sem ponta de inspiração. **[4]** C.G.

SECT

«No Cure For Death»

[Southern Lord]

Autêntico elenco internacional de veteranos da cena punk/hardcore da América do Norte, os SECT unem o vocalista Chris Colohan (dos Cursed, Burning Love, Left For Dead) aos guitarristas James Chang (Catharsis, Undying) e Scott Crouse (Earth Crisis, The Path Of Resistance), ao baixista Steve Hart (Day Of Suffering) e ao baterista Andy Hurley (Racetraitor, Fall Out Boy, The Damned Things). O resultado desta improvável união de esforços é, como comprovam as dez micro-descargas deste «No Cure For Death», um petardo impiedoso de fusão metal e hardcore – que, em «Stripes», nos coloca o mais perto que alguma vez vamos estar dos Cursed em 2017. Como se isso não bastasse, o resto do disco revela-se, muito à semelhança da estreia homónima do ano passado, uma sova de música zangada, cáustica, desenfreada e beligerante, alimentada por um poço, aparentemente sem fundo, da raiva sócio-política que se espera de gente que cresceu a ouvir os *staples* do estilo. Entre *blastbeats* frenéticos, *d-beats* pujantes e *breakdowns* demolidores, riffs filtrados por um HM-2 cortante e vocalizações vitriólicas, o quinteto não precisa de muito mais de apenas um quarto de hora para fazer passar a mensagem de inconformismo contida em temas como «Open Grave», ou «Reality's Wake». Curto e grosso, mas bruto que dói. **[8]** J.M.R.

SHINING

«X – Varg Utan Flock»

[Season Of Mist]

Lobo sem alcateia. Assim se traduz para a língua portuguesa o título do décimo longa-duração dos suecos Shining e assim se resume o que tem sido a jornada musical do colectivo sueco liderado pelo errático Niklas Kvarforth. A música contida neste «X – Varg Utan Flock» lembra aquele que será, até à data, o melhor disco de uma carreira com quase vinte anos: «V – Halmstad», embora não atinja o mesmo nível de brilhantismo. A melancolia transversal a todos os temas, o equilíbrio entre aspereza e melodia, a dicotomia agressividade e contemplação. Seja no black metal depressivo, no dark metal a meio-tempo, no rock soturno, nas passagens acústicas ou nos solos plenos de alma e melodia, tudo nos Shining transpira niilismo e decadência. Não há dois temas iguais, mas sobressai uma identidade muito bem vincada pela carismática voz de Kvarforth – sempre variado na abordagem – e pela mistura muito própria que fazem dos subgéneros em questão. No entanto, e como tem acontecido em quase todos os discos da banda desde o referido «V – Halmstad» há uma disparidade qualitativa entre partes, que prejudica o todo: se todos os temas fossem como o incrível «Gyllene Portranas Bro» este disco roçaria a perfeição, mas a verdade é que não são. «X – Varg Utan Flock» é ainda assim, um bom álbum de uma banda que tem a vantagem de não soar a mais ninguém que não a si mesma. E só por isso vale a pena (re) visitá-la com frequência. **[7.5]** J.A.R.

SKYPHO

«Karma-Sutra»

[Edição de Autor]

A um dos títulos menos imaginativos, junta-se uma das capas mais interessantes das edições nacionais do ano. Esta dicotomia descreve assim um disco tão orelhudo quanto ambicioso, verdadeiro caldo de influências, desde o rock de festival, passando algum prog, até hard rock. Para acentuar a fusão, as letras oscilam entre inglês, português, ou bilingue, como em «Veneno», uma *power ballad* que segue toda a cartilha. O sexteto de Albergaria-a-Velha estreia-se neste formato, após o EP «Nowhere Neverland». Com boa produção, o trabalho peca mais pela composição que pelas ideias ou referências, tentando "ir a todas", inserindo em cada tema um pouco de cada grupo de que gostam. O resultado são temas por vezes demasiado óbvios e/ou ambiciosos, como na pesadona «True Or Lie», que aos dois minutos consegue ter um solo de sax tão pretensioso como desnecessário. A supérflua «Come As You Are», traz um solo de guitarra mastodónico que é a negação daquilo que os Nirvana trouxeram ao rock. No fundo, um disco feito por músicos capazes, com energia e vontade de mostrar todas as suas capacidades, mas por vezes, no rock, *less is more*. **[5]** E.F.

SPECTRAL VOICE

«Eroded Corridors of Unbeing»

[Dark Descent]

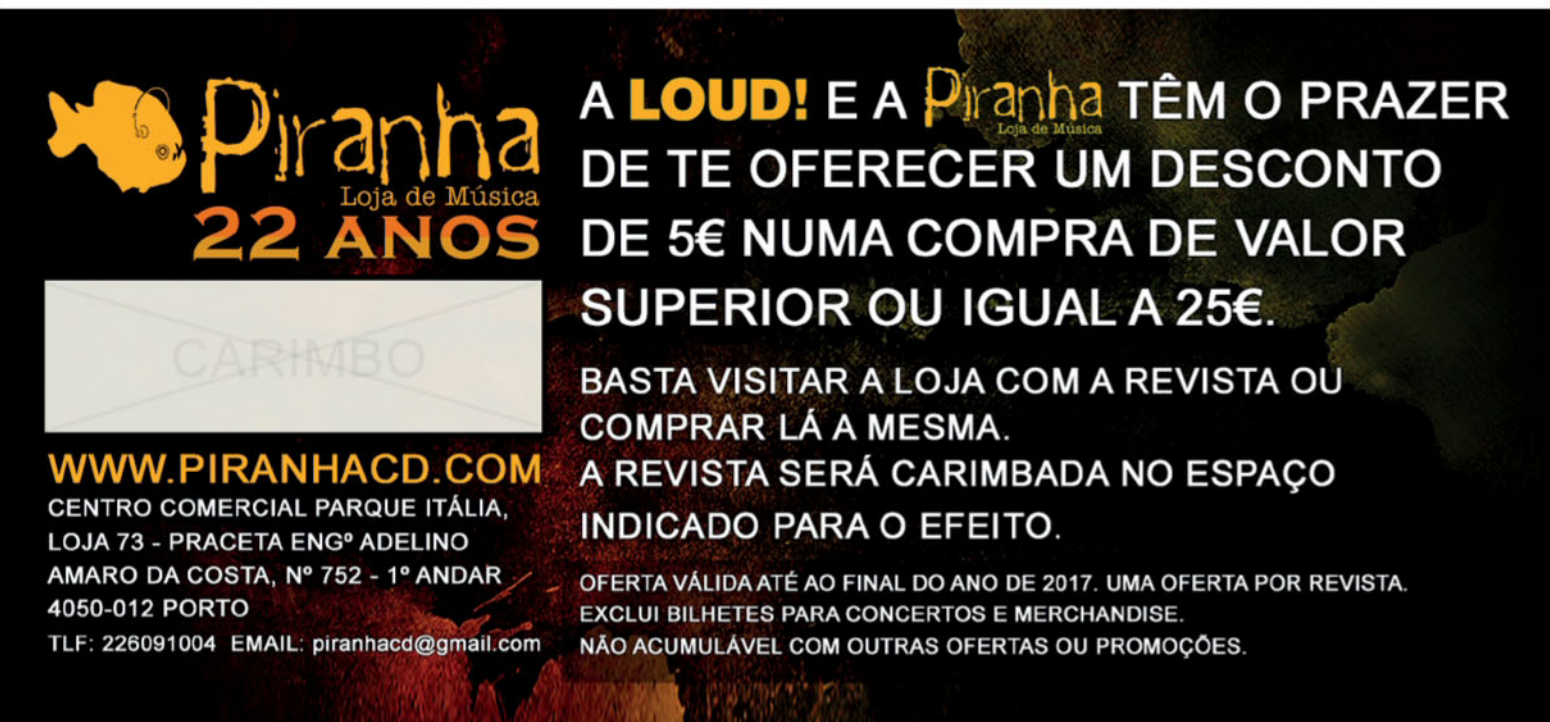
Três dos quatro elementos que compõem os Spectral Voice pertencem aos Blood Incantation, e torna-se difícil evitar comparações, porque a banda objecto de crítica neste texto é, na maior parte do tempo, uma versão mais lenta e menos psicadélica da "irmã" mais velha. Death/doom do fundo da gruta, sem luz, sem vida, sem esperança e com uma abordagem à antiga, que mistura a podridão dos Autopsy – aquele riff a meio tempo logo na abertura «Thresholds Beyond» lembra tanto a «Ridden With Disease» – a obscuridade dos Incantation e o peso esmagador e arrastado de uns diSEMBOWELMENT. No entanto, os Spectral Voice não são clones de ninguém e destacam-se sobretudo pelo dom da composição. Os temas estão em constante transformação, sem nunca parecerem um aglomerado de ideias coladas com cuspo, e cada riff é repetido tempo suficiente para se afirmar sem entediar, dando lugar ao seguinte, no momento certo. Cada secção tem espaço suficiente para respirar até desembocar normalmente tão distinta como pertinente. Apesar de sinistra e desprovida de esperança, a música dos Spectral Voice tem enterradas nas paredes de distorção e ***low end***, viciosas melodias que prendem a atenção e um ***groove*** que embala. Talvez por isso, um tema de quase quinze minutos como «Visions Of Psychic Dismemberment» pareça ter um terço do tempo e resuma na perfeição a forma como conseguem juntar momentos de puro horror (as vocalizações vão do gutural profundo à berraria demoníaca numa questão de segundos) à atmosfera opressiva de beleza mórbida. Mais longo seria demasiado penoso. Mais curto saberia a pouco. Em «Eroded Corridors Of Unbeing» cada nota conta e é assim que se escreve um dos melhores discos de death metal lançados em 2017. **[8.5]** J.A.R.

TAAKE

«Kong Vinter»

[Dark Essence]

O excelente concerto dos Taake numa das últimas edições do SWR Barroselas foi uma daquelas actuações


Piranha
Loja de Música
22 ANOS
CARIMBO
WWW.PIRANHACD.COM
CENTRO COMERCIAL PARQUE ITÁLIA,
LOJA 73 - PRACETA ENGº ADELINO
AMARO DA COSTA, Nº 752 - 1º ANDAR
4050-012 PORTO
TLF: 226091004 EMAIL: piranhacd@gmail.com
A LOUD! E A Piranha Loja de Música TÊM O PRAZER
DE TE OFERECER UM DESCONTO
DE 5€ NUMA COMPRA DE VALOR
SUPERIOR OU IGUAL A 25€.
BASTA VISITAR A LOJA COM A REVISTA OU
COMPRAR LÁ A MESMA.
A REVISTA SERÁ CARIMBADA NO ESPAÇO
INDICADO PARA O EFEITO.
OFERTA VÁLIDA ATÉ AO FINAL DO ANO DE 2017. UMA OFERTA POR REVISTA.
EXCLUI BILHETES PARA CONCERTOS E MERCHANDISE.
NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS OFERTAS OU PROMOÇÕES.

que serviu para confirmar o interesse ao vivo do black metal, já que este não se esgota nos registos áudio. Em palco, muitos dos temas deste estilo ganham outra dimensão e valor, e a música dos Taake revelou-se um desses casos. Não se espere daqui um trabalho pesado, existindo mesmo muita musicalidade num disco, todo ele tocado e cantado por Hoest. Mais que um conjunto de temas, «Kong Vinter», ou "Rei Inverno", reúne várias peças sonoras com ocasionais vozes, por vezes mesmo apenas instrumentais, mas que estão longe de ser depressivas como alguns poderão pensar. Os sete títulos aqui contidos, quase sempre longos, possuem um carácter catártico que liberta o espírito. Não fosse o som de guitarra que caracteriza o black metal desta latitude, quase se poderia usar os termos prog ou post black na descrição, por exemplo, dos minutos finais de «Maanebrent», ou de algumas partes da excelente «Fra Bjoergegrend Mot Glemselen», mais longa e mais interessante faixa do disco. **[8]** E.F.

TERROR EMPIRE
«Obscurity Rising»
[Mosher]
São daqueles grupos que chegaram à popularidade pela simpatia, mas que merecem reconhecimento pelo entusiasmo, com um thrash tão fresco quanto é possível em 2017. Melhores nas guitarras que nas vozes, com tanto de interessante como de óbvio (e humildes ao reconhê-lo), os conimbricenses Terror Empire chegam agora ao seu segundo disco, e ainda estão presos aos modelos seguidos no início de carreira, quando podiam já construir o seu próprio som. Tome-se o solo de «Lust», um dos melhores temas, onde no entanto se escutam uns acordes de «Jump In The Fire», parecendo que se está perante uma banda de thrash nacional de há vinte anos atrás. Mas é com esse calcanhar de Aquiles que os Terror Empire calçam os ténis e correm os palcos nacionais ganhando fãs que procuram um som clássico e a energia de um *moshpit* como só eles sabem alimentar... É neste balanço que se podem escutar temas como o brilhante «Death Wish», e assim só resta saber se se prefere a garrafa meia cheia ou meia vazia. **[7]** E.F.

THUGNOR
«The End Of Time»
[Edição de Autor]
Quatro letras: Doom. Um aviso: um disco que não se destina aos recém-chegados ao estilo, via lado stoner. Em «The End Of Time», segundo longa-duração dos lisboetas Thugnor, pratica-se um doom metal obscuro, mais adequado aos fãs de «Epicus Doomicus Metallicus» dos Candlemass ou de qualquer trabalho das fases iniciais de Trouble ou Cirith Ungol. Não há espaço para modas, produções polidas, ou tentativas de reescrever o que foi feito há décadas atrás. Aqui mistura-se uma voz poderosa, a cargo do recém-chegado Nélson, com os solos de DVoid, e o som dos restantes elementos, J.A., de Decayed, na guitarra ritmo e bateria, e Ângelo no baixo. Produção crua, voz à frente dos restantes instrumentos, uma bateria a marcar ritmo e um registo próximo do black metal cru, que só não o é mesmo pela melodia incutida na voz e pelos ocasionais solos. Treze temas de um bom registo, que não se destina a agradar às massas, estando mesmo afastado dos padrões doom da actualidade, apesar de «Watch-Tower» poder contrariar essa ideia. Um disco para ouvir numa cave escura! **[7.5]** E.F.

YELLOW EYES
«Immersion Trench Reverie»
[Gilead Media]
Os norte-americanos Yellow Eyes são uma prova – e não é de agora, desde que apareceram em 2012 que se percebeu rapidamente isso – de que a excelência é um óptimo factor de diferenciação. Objectivamente, não há aqui nada que outras bandas de black metal mais underground não façam também. Os *blastbeats*, a atmosfera espessa, a raiva angustiada das vozes, as progressões melódicas em *tremolo picking*, tecnicamente é tudo *by the book*. Só que os Yellow Eyes fazem-no melhor, é "só" isso. Até pode ser preciso recorrer às tripas e ao efeito que nelas têm estes seis temas do quarto disco da banda, mas seja qual for a imagem utilizada, o que fica é que o impacto desta banda é maior do que o da maior parte das outras que tocam coisas parecidas. Tal é a força desse impacto, que chegamos ao fim do disco com a sensação de ter passado por algo belo, o que não é muito normal num conjunto de temas tão escuros, tão depressivos até. Tem a ver com a profundidade das melodias (o ponto médio com «Shrillness In The Heated Grass» é um exemplo estrondoso), com a forma como se entranham no nosso subconsciente. Com a honestidade orgânica dos gritos, com a dinâmica imprimida aos temas, com o contexto onde a banda os sabe inserir – ao longo destes 45 minutos, somos frequentemente brindados com vários *field recordings* que os irmãos Sam e Will Skarstad (guitarristas, e o último também vocalista) fizeram aquando de uma viagem à Sibéria. O que poderia ser apenas um apontamento curioso nas mãos de músicos menos capazes acaba por dar enorme textura ao ambiente geral, com sons de sinos, pássaros, cães selvagens e vozes eclesiásticas a conferirem enorme poder evocativo à música. Com os Fell Voices, Ustalost ou Vanum, há uma cena muito interessante a formar-se à volta destes músicos nova-iorquinos, mas para já os Yellow Eyes são claramente a bolacha mais saborosa do pacote. **[8.5]** J.C.S.

TRIVIUM
«The Sin And The Sentence»
[Roadrunner]

Provavelmente um dos poucos nomes de grande projecção que insiste em criar um som que se aproxima dos padrões tradicionais do heavy metal e que, ao mesmo tempo, consegue manter um ar de inovação e modernidade. Pelo meio o quarteto de Matt Heafy consegue manter-se actualizado e saber o que se ouve em outros campos do metal, evitando-se a cápsula do tempo em que muitos insistem cristalizar. «The Sin And The Sentence» é um exemplo disso, boas guitarras, melodia, refrães *catchy* e uma bateria poderosa a cargo do recém-chegado Alex Bent, ex-Battlecross e ainda dos Dragonlord. Este oitavo disco de estúdio, ao contrário do habitual neste campo do heavy metal, tem onze temas de qualidade idêntica, sem *fillers*. Provavelmente, pela conjugação de melodia e peso, o tema «Other Worlds» resultará como o mais interessante, mas logo vem «The Heart From Your Hate», segundo single do disco, em jeito de *power ballad* com testosterona e um refrão que certamente será um *must* para cantar em festivais de Verão. Da mesma maneira, «Sever The Hand», entre as *twin guitars* e a serração à Metallica, certamente agradará aos apreciadores de thrash, da mesma forma que «Thrown Into The Fire», que encerra o disco. Longe de serem o tipo de grupo que arrisca ou opera nas fronteiras do metal, os quatro músicos de Orlando jogam em terrenos seguros, ousando apenas no *crossover* por áreas já exploradas e com resultados assegurados, algo que se reflecte neste disco, onde nada se arrisca e se pratica um som consensual, capaz de agradar àquele tipo de *headbanger* que usa a t-shirt das bandas como se de um clube de futebol se tratasse e escolhe os eventos mais mediáticos, em detrimento dos pequenos clubes. É para eles que os Trivium tocam, e fazem-no de forma exemplar, com uma carreira editorial regular e profícua. Apesar da popularidade, os Trivium não terão, por cá, o reconhecimento de outros nomes, como Machine Head, por exemplo, mas a presença recente num festival de Verão poderá significar uma maior exposição que este quarteto necessita para estes lados, e é bem merecida! **[8.5]** E.F.

Tesourinho PERTINENTE

JOSÉ CARLOS SANTOS STEBBA ÓSK

KEELHAUL

«Triumphant Return To Obscurity»

[2009 – Hydra Head]

A escolha do Tesourinho às vezes é de uma espontaneidade parva – não que nos faltem discos *underrated* para sugerir (às vezes dá a sensação que podíamos encher as 68 páginas com Tesourinhos de cada membro da redacção), mas tem piada falar sobre um deles na altura em que andamos efectivamente entusiasmados a redescobri-lo porque houve um *click* qualquer que nos fez lá regressar. No caso deste mês, bastou um amigo numa rede social pôr uma curta mensagem a perguntar ao mundo "o que é feito dos Keelhaul?!" para se acender a luz.

Antes de mais, não fazemos ideia o que é feito desta gente. Não temos nenhuma inside information, infelizmente. Imaginamos que estão todos bem de saúde, por ausência de informação em contrário, mas o último disco editado é mesmo este aqui focado, de 2009 (ano em que nos visitaram pelas únicas vezes, em dois concertos magníficos na companhia dos finlandeses Circle e dos *headliners* Isis), e a última informação que temos de concertos esporádicos é de 2015, data também das últimas comunicações públicas da banda, cujo site oficial já não existe, ainda por cima. Não que isto seja estranho, já que o quarteto nunca foi propriamente estável na sua actividade. Atente-se no título «Triumphant Return To Obscurity», que no seu sarcasmo, já indica ter sido um regresso. A banda entrou num hiato prolongado logo a seguir a uma *tour* em 2004, e demorou esse tempo todo para voltar a dar à costa. O bem-disposto 7" que editaram logo a seguir a este disco chama-se «You Waited Five Years For This?» e tem dois malhões sem título. Percebe-se o bom humor dos Keelhaul só por estes pormenores, e essa falta de seriedade excessiva sempre foi patente na postura do quarteto desde a sua auto-intitulada estreia de 1998. Que não se confunda isso, no entanto, com leveza musical, badalhoquice técnica, ou qualquer outra característica das *joke bands*. Ao não se levarem extremamente a sério, os Keelhaul eram (ou são, esperemos) uma máquina de precisão estrondosa, e de efeito demolidor para o ouvinte e para o seu respectivo pescoço. Podem mandar umas bocas giras às vezes, mas por outro lado, o nome da banda deriva de um método de tortura terrível utilizado maioritariamente por piratas nos sécs. XV a XVII.

A recomendação deste disco, e de toda a discografia prévia também, é feita com cautela para não afastar ninguém só pelas "etiquetas". Não gostam do chamado math metal (até o nome que arranjaram para este subgénero difuso é horrível)? É normal. Acham que assim que se mete "prog" antes de qualquer género, mesmo que seja do sludge – ou espécie de sludge, vá – como é aqui o caso, está o caldo entornado? Compreende-se também. Mas mesmo assim, dêem aqui uma hipótese a esta malta, e vão ver que vão acabar a rever alguns conceitos e alguns ódios de estimação. O *pedigree* da banda até pode ajudar a aceitá-los mais rapidamente. Oriundos de Cleveland, os Keelhaul contam na sua formação, que nunca se alterou, com pessoal de muita importância no underground norte-americano – o baixista/vocalista Aaron Dallison foi dos Ringworm, tal como o guitarrista/vocalista Chris Smith, que também conta com uma passagem pelos míticos Integrity. O guitarrista Dana Embrose é guitarrista de La Gritona e Suicide King, e o baterista Will Scharf tocou nos temíveis Craw. Tudo junto, deu numa barulheira única, que se refinou de forma titânica neste último álbum.

Imaginando uma mistura amalucada de Burnt By The Sun com KEN mode e com Harvey Milk (outra daquelas bandas-de-Tesourinho que tinham "desaparecido", e que voltaram recentemente ao activo), pode-se ficar mais ou menos perto da mistura de agressividade lancinante à noise rock e de riffs gigantes com estruturas imprevisíveis e cadências surpreendentes. Temas inesquecíveis como «Waiting For The Moon To Speak» ou «El Matador» fluem de forma tão natural que só quando ouvimos repetidamente com intuito de analisar é que nos apercebemos da complexidade inerente à sua estrutura, e dos temas, e das inúmeras mudanças de *vibe* que vão ocorrendo. Levamos muita porrada, mas sempre de forma musical e entusiasmante. Só damos pelas nódoas negras muito depois de o disco acabar. Agora era arranjarem mais um título fixe a gozar com o tempo que demorou e resolverem editar mais um disco. Please?

BRUNO FERNANDES

Começa a existir, no exterior, uma marca nacional na cena da música pesada, para já diminuta, mas digna de reconhecimento. Poucos saberão que alguns dos técnicos que acompanham as bandas favoritas de muitos são afinal portugueses. Já foi assim com o saudoso Manú da Silva que acompanhou sempre os Iron Maiden, e é assim também com o actual *road manager* dos Sabaton – Bruno Fernandes, reconhecido vocalista de um grupo nacional e que hoje come milhas ao serviço de um nome sueco de expressão global.

EMANUEL FERREIRA

Como passaste de *stage manager* nos festivais nacionais a *road manager* internacional?
Para resumir, foi estar no lugar certo à hora certa. Comecei por voluntarismo e amor à camisola, nos mesmos festivais em que tocava com a minha banda, The Firstborn. A primeira tournée começou num festival, o Caos Emergente, uma das bandas que lá actuou, os Benediction, trocou uns contactos comigo, algo que acontecia com regularidade nessas ocasiões, mas nunca esperava que daí viesse alguma coisa. Um tempo depois recebo um e-mail do baixista deles, o Frank Healy, a convidar-me para *road manager* da tournée deles, que iria começar um mês depois. Nunca tinha ambicionado seguir esse rumo, estava mais tentado a seguir o de *stage manager*, responsável por toda a logística de palco e por fazer cumprir horários. Disse-lhe claramente que estava interessado, mas que nunca tinha feito isso. "*Não te preocupes, vai ser canja, fácil, divertido*," foi a resposta, e essa tournée foi exactamente

"É tudo muito aliciante, mas se acontece alguma coisa, se ficar impossibilitado de trabalhar, não há segurança social que me valha."

o oposto do que ele me disse. Quando terminou jurei que nunca mais faria aquilo na vida... e cá estamos. Essa jura não valeu de muito. Depois disso comecei a trabalhar com os Moonspell em Portugal, depois também no estrangeiro, o que me abriu muitas portas e permitiu adquirir experiência e mostrar serviço. Isso levou a que outros artistas me contactassem e foi a tal bola de neve que me levou a que hoje faça disso não só a carreira, mas também a principal prioridade.

Vamos voltar atrás e focar nesse trabalho de *stage manager*, em que fizeste festivais como o VOA, no arranque, e várias edições de Barroselas, certo?
Sim, com pena minha hoje já não é possível fazê-lo, sobretudo em Barroselas. No ano passado fiz todos os possíveis para lá estar, até porque era a 20ª edição, mas calha naquela altura em que obrigatoriamente estou na estrada. Quando comecei a fazer o SWR, os irmãos Veiga decidiram apostar em mim, sem nenhuma prova dada, e ainda hoje lhes estou grato por isso. Resultou que tive jeito para a coisa e na altura imaginei-me a furar para os festivais mais *mainstream* de Portugal, mas esse meio é muito fechado, é um *boys club* no qual é difícil entrar. Nunca tive essa possibilidade. Esses festivais onde colaborava sempre foram um misto de paixão e profissionalismo no qual também me senti sempre muito em casa.

O circuito de que falamos tem muito poucos portugueses, sendo mais preenchido pelo pessoal da Europa central.
Há alguns, quase todos, se não todos, da escola dos Moonspell, que de facto têm feito muito por muita gente, e vice-versa, falando por mim. Há, contando pelos dedos, o técnico de guitarra dos In Flames, o Jorge Pina que trabalha com Moonspell e faz Dark Tranquillity, por exemplo, o Nuno Torres, técnico de guitarra, também deles e que faz não sei quantas bandas hoje em dia, o Adriano... não há muitos, quase todos técnicos de guitarra, não sei porquê, se calhar por causa da guitarra portuguesa e do fado. Fazemos sempre uma festa quando nos cruzamos nos festivais, lá estamos a falar muito alto, naquela língua que ninguém percebe nada, e a malta deduz que somos portugueses.

A certa altura, apanhaste os Sabaton, e em plena ascensão, não foi?
Das experiências mais aterradoras da minha vida, foi a primeira tournée que fiz com os Sabaton. E hoje em dia, olhando para trás, até foi das coisas mais pequenas que eles fizeram... De repente, vi-me numa produção que envolvia camiões e toda uma logística com que nunca tinha trabalhado. Com Moonspell em Portugal, já era um nível que se equiparava, mas mais visual, não em termos de tournée. Na altura estava a sentir a minha carreira a estagnar um bocadinho, não no mau sentido, mas tinha atingido um determinado patamar e já quase que sabia o que tinha de saber e de repente tive de aprender imensas coisas novas, em termos de logística e de estrutura. Adaptar-me a uma organização já com a sua experiência e os seus métodos. Tem sido uma experiência muito enriquecedora, tenho crescido com a banda e eles não aparentam estar a parar de crescer, o que é óptimo. De Setembro de 2016 até agora tive cerca de cinco ou seis semanas fora da estrada, o que torna complicado manter uma vida paralela a nível pessoal. Por outro lado, não só me permitiu crescer como profissional, como adquirir uma independência financeira importante, o que neste meio é complicado, pois nunca sabemos muito bem o que vai acontecer no futuro. Agora posso dar-me ao luxo de estar dois ou três meses em casa, sem ter de me preocupar com isso. É tudo muito aliciante, mas se acontece alguma coisa, um acidente de trabalho, ou o que for, se ficar impossibilitado de trabalhar, não há segurança social que me valha, não há subsídios, a não ser o dinheiro que for amealhando enquanto estou a trabalhar. Além disso, podem acontecer imprevistos – recordo-me de há um par de anos, uma tournée que estava pronta para arrancar, toda confirmada e nem um mês antes de acontecer foi cancelada, porque houve um problema familiar com um dos artistas e ele decidiu que não ia mais para a estrada. São coisas que podem acontecer. Mesmo a meio de uma tournée pode acontecer uma situação que faça com que fique tudo cancelado e adiado.

Quem te conhece pessoalmente sabe da tua semelhança física com o vocalista de Sabaton, Joakim Brodén, o que já deve ter dado origem a boas histórias. Confundem-te mesmo muitas vezes com ele?
Muitas vezes. Ainda hoje acontece. Ainda agora estive no Japão e aconteceu, perguntavam se não era ele, se era irmão, se não era irmão, se me tinham contratado por ser parecido com ele. Já me tinha cruzado com eles num festival, na Alemanha, em que estava a trabalhar e eles foram lá actuar, e na altura ficámos a olhar um para o outro, assim tipo "*what the fuck?*" Na primeira tournée que fiz com ele, caí na parvoíce de deixar crescer a barba tal como ele a tinha, e ao fim de três semanas, chegamos à Península Ibérica e toda a gente vinha ter comigo. Tinha de mostrar o passaporte a provar que não era ele, mesmo assim havia pessoas muito indignadas a dizer "*se não queres, não dês o autógrafo, escusas de mentir.*" Nessa tournée, lembro-me de que no penúltimo espectáculo, em Lausanne, na Suíça, depois do concerto saí para fumar um cigarro e estavam uns miúdos à espera da banda, o normal. Suíça, em Dezembro, a chover, nada agradável... Vieram ter comigo para pedir as fotos, lá expliquei que não era o Joakim e alguns minutos depois, quase a voltar para dentro, um dos miúdos vem ter comigo e "*olha desculpa, sei que não és ele, mas podes tirar a foto comigo na mesma? Está frio e já é muito tarde, com a luz assim, até passas por ele.*" No dia seguinte, última data, vesti-me como ele e no *encore* subi ao palco e ele ficou a cantar nos bastidores, andei a correr a fazer *playback*, e depois ele entrou em palco. Ficou tudo sem perceber como aquilo tinha acontecido. Depois dessa tournée, decidimos que isso nunca mais ia acontecer, principalmente para não acharem que era ele com desculpas para não dar autógrafos. Pouco tempo depois conheci os pais do Joakim, e o pai dele, uma pessoa muito engraçada, tinha viajado muito nos anos 70/80, e a conversa foi logo "*Espera aí, em que ano nasceste? Onde?*" [risos]

LE GUESS WHO?

17.11.09-12 – Utrecht, Holanda

DARK BUDDHA RISING
FOTOS: ESTEFÂNIA SILVA

Lá mergulhámos nós em mais um Le Guess Who?, um dos maiores festivais de música alternativa da Europa espalhado por mais de uma dezena de *venues* (metade delas dentro do gigantesco Tivoli) por toda a pitoresca cidade de Utrecht, incluindo igrejas, teatros e galerias, e englobando artistas de todas as áreas onde existe música de qualidade, é um evento de uma dimensão que até faz confusão imaginar. Esta 11ª edição foi a mais vasta de todas até agora, com nada menos que seis curadores e uma centena de actuações (algumas das quais anunciadas só com um "?", surpresas guardadas a sete chaves e só reveladas mesmo no princípio do concerto!), pelo que o nosso relato não é mais do que um trajecto individual, ainda por cima restringido aos artistas mais ou menos LOUD!áveis abandonando 100 pessoas diferentes à porta do Tivoli com um passe de quatro dias, certamente teríamos 100 festivais diferentes para contar no final de tudo. É essa a beleza, e o desafio, do Le Guess Who?.

DIA 1

Refasteladamente sentados na imponente e ainda assim de *feeling* intimista Grote Zaal, a sala principal do Tivoli, demos o tiro de partida na aventura com os **Sun Kil Moon**, do lendário Mark Kozelek (Red House Painters), que nos começou logo a desfazer a cabeça com a sua habitual imprevisibilidade performativa. A folk experimental que praticam não é nada fácil de assimilar, as tiradas bizarras do Kozelek ainda menos, mas esta espécie de postura confrontacional fazem parte do charme, e deixando-nos levar, a profundidade e alcance conceptual são evidentes. Ainda tivemos tempo de apanhar parte das duas actuações consecutivas do incrível baterista **Han Bennink**. Se considerarmos que os respectivos acompanhantes foram, na primeira, o **Keiji Haino**, e na segunda, um tal de **Thurston Moore**, só o facto de destacarmos o holandês de 75 anos (!!!) explica tudo sobre a grandiosidade do que o senhor demonstrou em palco com dois monstros sagrados ao seu lado. Só vimos parte, porque esperava por nós, no agradável ambiente da EKKO (uma sala mais pequena a dez minutos do Tivoli) um autêntico ritual proporcionado pelos **Dark Buddha Rising**. Escuridão, estranheza, laivos distantes de black metal "oculto" e uma das mais belas vozes femininas cantadas por um homem que já ouvimos fazem do conjunto finlandês uma experiência fascinante. Muitos louros recolhem os Oranssi Pazuzu, mas pode-se discutir que nessa mesma cena há quem nos atire ainda mais fundo para o *rabbit hole*... Depois de um concerto desta magnitude, os **Big|Brave** não conseguiram corresponder ao ambiente criado, primando mais pelo enfado do que outra coisa qualquer.

MOOR MOTHER

DIA 2

Os **Protomartyr** estão para o Le Guess Who? quase como os Shellac estão para o Primavera – já é difícil imaginar uma edição do festival sem uma actuação da uma das suas banda fetiche. Acabados de editar o novo «Relatives In Descent», foram no entanto iguais a si mesmos, com o inimitável Joe Casey, eternamente munido de uma lata de cerveja na mão, a disparar letras de um impacto lancinante sobre o tremendo noise rock que os seus jovens companheiros de banda exalam. Que continuem a aparecer. Sem ser propriamente LOUD!ável, não há como não mencionar **Weyes Blood**, cuja vocalista Natalie Mering tem uma das vozes mais evocativas dos 60s que alguma vez ouvimos. Para quem tem gostos abrangentes o suficientes para ir até ao pop psicadélico, isto é obrigatório. Obrigatório foi também o "?" do dia. Com alguns

THE BUG
VS DYLAN CARLSON OF EARTH

THE RESIDENTS

palpites mirabolantes sobre o que poderia ser, fomo-nos sentar na invulgar sala Ronda à espera do que aí vinha, e assim que vimos um olho gigante a ser montado no palco, arrebitámos logo os sentidos. Suspeitas confirmadas, e os lendários **The Residents** subiram ao palco à hora marcada. É quase cruel que uma banda destas tenha tocado sem ser previamente anunciada, mas para quem lá estava, a sensação é única e irrepetível, como ter percebido uma grande piada cósmica que só mais meia dúzia de iluminados também percebeu. O colectivo norte-americano, com 48 anos de actividade (!) e mais de 60 discos editados (!!) é talvez o maior e mais influente nome do avant-garde a nível mundial, com o bónus de terem mantido as suas identidades em segredo durante todo este tempo – só em Outubro deste ano, finalmente Hardy Fox se identificou como o compositor principal do conjunto. A prestação, acredite-se ou não, já que se trata de um grupo de septuagenários (um vestido de vaca e os restantes de *plague doctors* – a sério!), foi de uma intensidade temível, passando mesmo por momentos de uma quase desconfortável extremidade musical («The Black Behind» é mais black metal do que a maior parte do que passa por tal!), com ocasionais interlúdios de um psicadelismo marado a descrever sonhos, e atravessando géneros musicais com a naturalidade de uma faca quente a esventrar um bloco de manteiga. De longe o melhor concerto do festival, e um dos melhores que vimos este ano, ao ponto de que já pouca paciência havia para ouvir a barulheira desconcertante que Dominick Fernow, *aka* **Prurient**, estava a fazer na sala ao lado, logo a seguir. Por excelente que tenha sido (que foi), já só víamos aquele estranho homem vestido de vaca no nosso subconsciente. A finalizar o dia, uma **Moor Mother** altamente decepcionante, com uma postura de desagrado e aparentemente desconcentrada, perante um público que, faça-se justiça, também não a soube receber da melhor maneira, incluindo alguns insultos execráveis gritados por uma besta qualquer que devia ter sido retirada imediatamente do edifício. Quebrada essa relação sagrada entre audiência e *performer*, qualquer impacto que o concerto pudesse ter tido desapareceu. Fica para outra vez, noutro sítio.

DIA 3

Mesmo à custa de algumas perdas de concertos noutro sítio, o terceiro dia (e último, em termos de interesse LOUD!ável) foi todo passado no De Helling (a sala mais longínqua em relação ao epicentro do Tivoli), com **The Bug vs Dylan Carlson of Earth** a ser o *highlight* maior. Ainda mais entrosados do que quando os vimos no Roadburn em Abril, os dois homens construíram uma parede de som impressionante, com a relação entre as batidas e o noise do primeiro e os voos em direcção ao firmamento da guitarra do segundo a parecer completamente simbiótica. Logo de seguida, os sul-coreanos **Jambinai** a provarem que merecem ser melhor conhecidos – misturando um forte post rock com instrumentação tradicional do seu país, constroem caminhos musicais de peso e negritude surpreendente, mas também de uma beleza absolutamente invulgar. A sequência magnífica continuou com um dos nomes mais emergentes da actualidade, **Zeal & Ardor**, se bem que com menos magia do que no Roadburn uns meses antes. Um *setlist* mais orientado para os temas mais extremos fez paradoxalmente com que o concerto se tornasse mais monótono, e alguns pregos comprometedores (do baterista especialmente) que deixaram Manuel Gagneux a olhar de lado para alguns dos seus companheiros baixaram a nota de forma aborrecida. Ainda assim, «Blood In The River» e a inevitável «Devil Is Fine» são malhões imbatíveis em qualquer parte do mundo e em qualquer contexto. Os nossos já bem conhecidos **METZ** fecharam a festa deste dia, descarregando aquele peso incomportável com a descontracção do costume, e mantendo bem alta a energia até próximo das 3 da manhã. [J.C.S.]

JAMBINAI

UNHOLY GRAVE
FOTOS: DANIEL SAMPAIO

INFEST

HELLRAD

BLOODSHED FESTIVAL

17.10.27/28 – Dynamo, Eindhoven, Holanda

Por mais que pratiquemos uma língua estrangeira, dificilmente chegamos a soar como um falante nativo. O alinhamento do Bloodshed divide-se dessa forma, entre os nativos na sua forma de expressão musical, como os Jucifer, Noothgrush, Unholy Grave e Infest, e aqueles cuja expressão artística soa emprestada, à falta de melhor termo. Num *flyer* promocional do novo disco dos **Teething**, há uma citação atribuída ao Shane Embury que diz qualquer coisa como "não há nada de novo, mas tem uma energia incrível". É uma ideia que se aplica ao concerto dos espanhóis no palco da cave no segundo dia, tal como à aparição dos **Rotten Sound** um dia antes na mesma sala. O espaço funcionou como catalisador para furiosas descargas entre banda e público, ainda que no caso dos finlandeses a intensidade acrescida não chegue para disfarçar a placidez do material novo. Outra barreira linguística em efeito diz respeito à forma como diferentes expressões são absorvidas pelos ouvintes. Ali, a fluência auditiva máxima aplicou-se ao powerviolence, com os lendários **Infest** à cabeça. "*É 'o' concerto!*", exclamava um rapaz entusiasmado uns minutos antes de Joe Denunzio e companhia subirem ao palco. Os norte-americanos não surpreendem, no sentido em que aquele público estava ciente de que iria receber aquela força da natureza. Denunzio continua a alternar o palco com o *pit* como se não fosse nada, os discursos surgem como e quando se espera e a reacção do público é apoteótica; é o ponto de exclamação depois de três dezenas de bandas em dois longos dias. Umas horas antes, a vertente do género mais entranhada de hardcore musculado viu-se representada pelos **Sex Prisoner** e **Harm Done**, sendo também recebida com entusiasmo. Se os primeiros foram prejudicados pelo som transversalmente mau da sala principal, os segundos viram a sua sonoridade mais *tough guy* hardcore do que powerviolence fielmente reproduzida. Outra forma de polinização cruzada de powerviolence foi a apresentada pelos **Witches Brew** na *pre-party* do festival no dia 26. Os holandeses, formados quase 30 anos depois da primeira *demo* dos Infest, começaram por fundir powerviolence com sludge e, pelo que mostraram de temas inéditos, o próximo passo incluirá black/punk porco à Bone Awl na equação. Bons augúrios. Bons augúrios também da dupla **Tannhäuser Krieg** e **Hellrad**, que no segundo dia de festividades, terminaram uma digressão conjunta na cave do Dynamo. Os primeiros, interrompidos por uma avaria na guitarra, deram uma bela amostra de doom clássico com rock'n'roll *old school*, ao passo que os segundos desaceleraram ainda mais os procedimentos e trouxeram um salutar incremento de sludge à Crowbar. A desaceleração de todas as desacelerações ocorrera no entanto um dia antes às mãos dos **Noothgrush**. Concerto algum nestes dias nos encharcou de tal forma a cabeça de miséria como o do quarteto de Oakland. Pode não ser o campeonato da maioria do público, mas malhões como «Oil Removed», «Useless» e «Hatred For Species» são absolutamente intemporais. Que não era para a miséria que aquela malta ali estava, ficaria pouco depois patente na fervorosa recepção de que foram alvo os **Disfear**. Do d-beat intransigente de «A Brutal Sight Of War» não resta rigorosamente nada, até porque já se sabe que com Tomas Lindberg à mistura leva-se (excessivamente) com som de Gotemburgo. O problema ali, para além da questão óbvia dos 50 *gang-shouts* em meia hora, é que o som da sala principal se mostrava mais propício a coisas mais porcas. Ou seja, nem levámos com a música boa nem com uma versão boa da mais fraca. *Gang-shouts*, uma interminável sequência de *gang-shouts*. Já os **Jucifer**, adaptaram-se perfeitamente à sala e deram um inferno de concerto. Como é costume, o reportório bonitinho foi posto de parte e, sortudos que somos, levámos com a imundice do «District Of Dystopia» numa versão de tal forma conspurcada que só nos ocorreu a expressão "bestial death doom" para descrever o que ali se passava. No segundo dia, o exímio concerto dos **Unholy Grave** foi mais um a confirmar que aquele era um enquadramento propício à sujidade, que é coisa que não falta no grind dos japoneses, que se revelaram em grande forma, comandados por um Takaho que, tal como Dino, exala um carisma incrível em cima do palco. Referência ainda ao mais abjecto extremismo praticado no festival, quando **Svartvit** nos arrastou para uma sessão de noise bruto que terminou com um microfone colado à garganta por fita adesiva e outro dentro da boca, berreiro desenfreado e desagradável manipulação de frequências. **[L.P.]**

SACRED SIN
FOTOS: SÓNIA FERREIRA

OESTE UNDERGROUND FEST II

17.11.04 – Pavilhão Multiusos, Malveira

Nunca fez tanto sentido um evento como este. Depois de um Verão terrível e de um inesperado Outubro infernal, mais que nunca urge reconhecer e apoiar os bombeiros voluntários pelo seu trabalho humanitário. E o Oeste Underground é um dos raros exemplos em que esse apoio surge não como reacção a qualquer evento específico. Apoio esse que é partilhado por um bom número de bandas de qualidade, pelas entidades comerciais que compareceram, e pelo público, claro. Foi uma verdadeira maratona de doze horas onde a boa disposição e o bom som foram constantes. Começando com os **Yar**, banda ucraniana que toca uma espécie de folk metal que só não teve o impacto desejado pelo som demasiado elevado, principalmente no que à voz diz respeito. A variedade foi uma característica deste cartaz, onde nos foi possível passar dos Yar para os **Konad** e depois para os **Trepid Elucidation** sem pestanejar. O crossover ribatejano dos primeiros agitou as águas e puxou pelo público ainda algo adormecido, mas foi o death metal ultra técnico dos segundos que nos bateu forte – esta banda vai longe, como evidencia o seu excelente álbum de estreia. Também se teve direito ao heavy metal tradicional dos **Ravensire**, sempre em boa forma (apesar da voz demasiado alta) e ao hardcore melódico dos **F.P.M.**, que lutaram para que o público se aproximasse do palco. A ter que definir um género mais presente, esse género seria o death metal, onde tivemos os **Enzephalitis**, vindos da Suíça (e surpreendentemente a falar português, na pessoa do vocalista residente nesse país, Ricardo Proença) com um som bem potente, os **Bleeding Display**, que são sempre sinónimo de brutalidade acutilante (com toque do machado empunhado por Sérgio Afonso banhado em sangue) e os mestres **Sacred Sin**. Não foi preciso o seu regresso para verificarmos a falta que fazem ao nosso underground, mas a cada vez que vemos e ouvimos «Darkside» a ser tocado, não ficam margens para dúvidas. **Dead Meat** também é sinónimo de death metal bruto de qualidade e foi isso que tivemos, provocando belos bailaricos. Bailarico também não faltou causado pelos alemães **Acranius** com o seu death metal slam. Pelo meio ainda tivemos a estreia dos espanhóis **Heid**, praticantes de um black metal algo festivo tingido a folk e com um violino bem inspirado, e os **Humanart**, com o seu black metal pujante, que mantiveram as hostes em movimento. Na recta final, duas bandas nacionais para fechar com chave de ouro. Primeiro os **Revolution Within**, com aquela dose de thrash metal irresistível que é sempre um ponto alto em qualquer cartaz, e a finalizar, uma actuação verdadeiramente épica dos **Raw Decimating Brutality**, recheada de humor desconcertante e grindcore acutilante. Animação e festa com *encore* inesperado para todos (até para a própria banda). Um grande evento, com uma causa pura, que tem um impacto real naqueles que estão sempre prontos para ajudar o próximo e que muitas vezes não só têm de lutar para salvar a vida dos outros, mas também para ter condições para o fazer. Esperemos por mais para o ano. [Fernando Ferreira]

R.D.B.

ACRANIUS

HUMANART
FOTO: PEDRO MADEIRA

CRO-MAGS
FOTO: PEDRO ALMEIDA

CRO-MAGS
+ DIMENSION + GROUND & POUND
17.11.10 – RCA Club, Lisboa

Não restam grandes dúvidas em relação ao impacto que uma banda como os Cro-Mags tem tido no espectro do hardcore e crossover ao longo das últimas três décadas. Um dos mais importantes porta-estandartes do NYHC, são uma referência transversal a diversas gerações, como provaram as duas bandas de abertura neste muito aguardado regresso a Portugal. Sem terem necessariamente semelhanças directas com os autores de «The Age Of Quarrel», provavelmente estes dois grupos não estariam a pisar o palco do RCA sem eles, e à semelhança de muitos outros músicos, percebe-se que é no encarnar do espírito que está a magia verdadeira deste tipo de "cena". A estrear-se na capital, os portuenses Ground & Pound deram um concerto "curto e grosso" e que deu boa conta de como anda hoje pelas ruas da Invicta o hardcore mais fiel às regras básicas. Os Dimension, por seu lado, agora o principal veículo de Poli Correia para a sua veia mais pesada após a separação dos Devil In Me, remetem-nos directamente para os 90s. Com piscadelas de olho constantes aos malabarismos das seis cordas que são a marca registada de Tom Morello, apoiado ora num balanço com *groove* ou em tempos rápidos, o quarteto algarvio soa fresco e enérgico, evitando as ratoeiras óbvias. Depois de uma actuação em crescendo, com a recta final a provocar as primeiras movimentações dignas de menção na plateia, os ânimos já estavam mais que aptos a receber os Cro-Mags depois de onze anos de ausência dos palcos nacionais. Verdade seja dita, parece que nada mudou desde então. É sabido que o charme dos Cro-Mags resultava da química verdadeiramente explosiva entre John Joseph e Harley Flanagan, mas foi essa fricção que fez com que a banda acabasse por fazer uma verdadeira travessia de deserto durante grande parte dos anos 90. Depois de muitas turras, Joseph tomou as rédeas do grupo e tratou de fazer justiça ao seu nome. O vocalista carrega hoje o peso da instituição, mas – apoiado em três instrumentistas de excepção, entre os quais se conta o veterano Mackie Jayson na bateria – até parece que não é nada com ele. Daí que, perante uma sala rendida à força antémica de temas como «World Peace» (logo na abertura, depois de um excerto da banda-sonora do «Laranja Mecânica» a servir de introdução), «Seekers Of The Truth», «Malfunction», «Street Justice», «We Gotta Know» e «Hard Times», o quarteto não tenha deixado créditos por mãos alheias, assinando uma actuação cheia de P.M.A. e a atitude aguerrida suficiente para nos fazer esquecer que o John Joseph já conta 55 anos. As duas versões de originais dos Bad Brains, «Right Brigade» e «Attitude», colocadas a meio da *setlist*, foram a cereja no topo de um bolo feito de consistência e muita energia. **[J.M.R.]**

DISCHARGE
+ TRINTA & UM
+ MISANTROPIA
17.11.11 – Hard Club, Porto

Rainy, Bones e Tezz são sobreviventes, vieram dos finais dos anos 70 e tiveram a resiliência necessária para aproveitarem a exposição do séc. XXI. Para isso souberam munir-se de um vocalista que sabe estar em palco, J.J., que se moveu bem e fez perceber que havia alguém vivo para lá dos *crowdsurfers*; e de uma mão cheia de malhas que permitiu uma hora e meia em registo locomotiva que só parava para o vocalista respirar. O evento começou com um misto de punk e grind a cargo dos Misantropia, colectivo do Porto que actuou em formato quarteto, tendo perdido recentemente o segundo guitarrista. Tiveram apontamentos interessantes, falta a rodagem e perceber se permanecem com uma guitarra. Depois vieram os Trinta & Um, em formação renovada, que começaram por ter um público mais frio que os anteriores, quase todo arrumado ao fundo da sala. A força do hardcore de Linda-a-Velha rapidamente puxou todos para o palco, e goste-se ou não, há mais para lá de «O Cavalo Mata!». Finalmente, o regresso de Discharge ao nosso país, num concerto de malhas em que apenas o vocalista efectivamente interagiu com o público e em que o baixista Rainy esteve quase eclipsado. Bonita a referência aos Motörhead logo na primeira parte do concerto. No resto, temas como «Ain't No Feeble Bastard» falaram por si, numa noite de casa quase cheia que muitos irão recordar. **[E.F.]**

DISHARGE
FOTO: EMANUEL FERREIRA

JARBOE
& FATHER MURPHY

17.11.02 – Galeria Zé dos Bois, Lisboa

JARBOE
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

Diz quase tudo sobre o tipo de génio que é a grande cantora Jarboe que, de cada vez que se apresenta para um concerto em Portugal, todo o formato, conceito e âmbito do evento é completamente diferente. Com banda completa e registo mais "metal" na *tour* de «Mahakali», quase-solitária na companhia do guitarrista P. Emerson Williams, e agora ao lado do duo italiano Father Murphy, uma existência artística totalmente camaleónica que reflecte bem o percurso intensamente colaborativo que tem tido após deixar os Swans, onde se tornou conhecida. Neurosis, Justin K. Broadrick, Byla ou Helen Money são só alguns dos nomes com quem já partilhou criatividade, e muitos mais virão. No caso desta parceria actual, a relação entre as duas entidades é o que molda efectivamente a estrutura do concerto em si. Começam os Father Murphy, sozinhos, a construir o ambiente, com a sua versão do drone que, diga-se, constituiu a parte menos interessante do concerto. Mais impacto causou então a entrada em palco da diva da escuridão, que imediatamente interpretou os dois temas do EP que gravou com os italianos. Daí para a frente, no entanto, surgiu então o verdadeiro motivo de fascínio desta noite da ZDB: com os Father Murphy ainda a acompanhar, mas mais em *background*, Jarboe soltou-se para versões estarrecedoras e minimalistas de alguns dos temas mais emblemáticos da sua carreira – começando por «Blood On Your Hands», ainda do tempo dos Swans, acabou depois de nos arrasar por completo com «Indemnity», «Overthrown» e «Alchemic V». Pêlos arrepiados na nuca, ovação em pé, e zero *encores* depois de um "*thank you*" quase imperceptível já a caminho da saída. *Always leave them wanting more*. [J.C.S.]

SOEN
+ MADDER MORTEM
+ HEAVENWOOD

2017.10.20 – Hard Club, Porto

SOEN
FOTO: EMANUEL FERREIRA

Começa a ser raro ver um nome português adicionado a uma digressão internacional da dimensão desta, mas os Heavenwood, com óbvias limitações de palco, sete temas e a boa prestação de Miguel Inglês, no lugar de Ernesto Guerra, mostraram como faz falta este antigo hábito de ter nacionais na abertura. O público foi entrando ao som de temas como «The Empress» ou «The High Priestess», nunca chegando no entanto a metade da lotação. Após o excelente aquecimento, foi a vez dos Madder Mortem, passados catorze anos sobre a anterior visita. A verdade é que estes noruegueses evoluíram e possuem na Agnete Kirkevaag uma força da natureza, com vocalizações incríveis e uma presença excelente. Rodeada de um excelente quarteto de músicos, a vocalista desculpou-se de uma constipação e percebeu-se que foi aos limites em temas como «Hangman», um dos melhores, ou «Fallow Season». Muito boa interpretação ainda, em «Resolution» e no tema final, «Underdogs». Um daqueles concertos que dá vontade de ir rever a discografia e perceber o que se andou a perder. A noite encerrou com os Soen, que trouxeram o recente «Lykaia», do qual tocaram temas como «Sectarian», «Opal» ou «Syster», mas sem esquecerem os anteriores trabalhos, desde logo na abertura com «Canvas», no fecho com «Fractions», e no *encore* com «Tabula» e «Lucidity». Apesar de toda a musicalidade e virtuosismo, escuta-se Soen e sente-se a falta de algo, seja pela presença do vocalista Joel Ekelöf, ou por uma sensação de tudo estar formatado. Bem podiam ter tomado o exemplo dos Madder Mortem. [E.F.]

DYING FETUS
FOTO: JORGE BOTAS

DYING FETUS + PSYCROPTIC + BEYOND CREATION + DISENTOMBED

17.11.12 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

Domingo na capital e uma sala muito bem composta para presenciar uma noite de death metal extremo. Coube aos Disentombed animar os mais pontuais e o quarteto de Brisbane não defraudou. Provavelmente a banda mais violenta e directa da noite, deram uma autêntica sova sonora e apanharam desprevenidos os mais incautos. Numa abordagem muito diferente, os Beyond Creation são daquelas bandas que impressionam até quem não gosta da música que fazem. E se em disco a banda canadiana acaba por soar estéril e algo monótona, já ao vivo, e perante tamanha proficiência técnica, é impossível não ficar de queixo caído. Riffs intrincados, solos de um virtuosismo monstro tocados como quem está a comer um pacote de batatas fritas e uma lição de metal técnico e progressivo, que deixa pouco na memória no que toca à música, mas é difícil de esquecer pela execução. Os Psycroptic também começaram a carreira numa onda mais progressiva e técnica, mas ao longo dos anos têm vindo a injectar mais *groove* às suas composições. E ainda bem, porque na altura em que entraram em palco já faziam falta riffs gingões. O aumento do balanço entusiasmou a plateia e a movimentação em frente ao palco passou para outro nível de intensidade. Conseguindo estabelecer uma conexão com o público, assinaram o concerto ideal para receber os reis da noite. Os Dying Fetus estão a passar por um momento fantástico. Sempre foram uma banda de death metal brutal de respeito, mas o álbum que lançaram este ano e a monstruosidade de desempenho ao vivo que nos deram, colocam-nos no pódio dos mais capazes. «Wrong One To Fuck With» é um portento de disco e os quatro temas que expeliram são a prova viva de que não bastam mais do que três pessoas para criar um pequeno sismo na zona costeira de Lisboa. De «From Womb To Waste» a «Kill Your Mother, Rape Your Dog», o *mosh* nunca parou e teve piada quando John Gallhager pediu – "*Stage diving!... Stevie Wonder style.*" Público participativo, som em condições, um baixo, uma guitarra, a bateria impressionante de Trey Williams e os urros grotescos de Gallhager e Sean Beasley. Menos é mais; um trio que vale por multidões. Uma hora, toda ela em alta, mas algo como «Praise The Lord (Opium Of The Masses)» sobressai sempre. **[J.A.R./N.S.]**

MASTER
FOTO: EMANUEL FERREIRA

PORTO DEATHFEST III

MASTER + DEHUMAN + PESTIFER + VOYANCE

17.11.12 – Metalpoint, Porto

Mais uma edição do Deathfest, no pouco comum formato de matinée, que arrancou com os Voyance de S. João da Madeira, em formato de quarteto, embora oficialmente tenham ainda outro guitarrista. Entre o death e o grind, o grupo mostrou ter os ensaios em dia. De resto, dão ainda os primeiros passos e necessitam de ter a natural evolução e comprar umas *t-shirts*. Os nervos, certamente perdê-los-ão com a estrada. Seguiram-se os Pestifer, a jogar em casa, com mais um excelente concerto de black/death, sólido e eficaz, na continuação da apresentação do trabalho de estreia. E foi exactamente na faixa-título que um pequeno problema roubou uma guitarra ao intenso som produzido pelo grupo, mas tudo foi resolvido rapidamente. Há registo de um outro grupo de nome Pestifer, na Bélgica, mas na tarde de domingo, belgas só mesmo os Dehuman que trouxeram dez excelentes malhas, num registo brutal que muito agradou a uma sala esgotada. Com temas dos dois únicos trabalhos de estúdio, houve ainda espaço para os três títulos incluídos no *split* com os *headliners* Master, «Decay Into Inferior Conditions», a editar ainda este ano. Curiosamente, para lá do baterista muito técnico, ainda partilharam algo com os Pestifer: sofrerem de problemas na guitarra, que obrigou à substituição da mesma. Mas todos estavam na sala para ver Paul Speckmann e os seus Master, que não desiludiram, visitando os temas mais clássicos, e não hesitando mesmo em ir tocar quatro temas do seu disco de estreia. Já o solo de bateria revelou-se descartável, mas quando no fim os dois temas do *encore* foram suprimidos e Alex "93" apontou para o veterano Paul, percebeu-se claramente que este já estava perto da exaustão. «Pay To Die» foi assim o final de um concerto bom que soube a pouco. **[E.F.]**

MOONSPELL

17.10.30 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

MOONSPELL
FOTO: JORGE BOTAS

Foi a primeira de duas noites para celebrar o lançamento de «1755». A história que está por trás do disco já era conhecida de todos nós, mas nunca tinha sido cantada desta maneira. O palco estava adornado com cruzes na parte lateral, com as Crystal Mountain Singers – Carmen Simões e Silvia Guerreiro – divididas uma em cada ponta, por detrás de um púlpito. E foi ao som da versão orquestral de «Em Nome Do Medo» que o abanão começou. Fernando Ribeiro entra em cena vestido com uma máscara típica dos médicos da peste da altura. E não era só o vocalista, na parte superior do palco, também havia mais alguns "médicos" vestidos a rigor. Com «In Tremor Dei» somos brindados com a presença de Paulo Bragança, que juntamente com a voz dos Moonspell, criam um dos melhores momentos não só do disco, como de toda esta actuação. O novo trabalho é tocado de principio ao fim, de forma exímia, e termina com uma excelente versão de «Lanterna Dos Afogados», dos brasileiros Os Paralamas Do Sucesso. Para a segunda metade do concerto, uma espécie de *best of*, que começou com «Everything Invaded», passou pelo mais recente «Extinct» e terminou com os obrigatórios «Alma Mater» e «Full Moon Madness». A banda atravessa um momento de forma único, que é reflectido em disco e ao vivo, onde também o trabalho que é feito ao nível do som e das luzes ajuda a elevar o patamar onde os Moonspell se encontram actualmente. **[J.B.]**

SOUTHERN LORD PRESENTS

17.10.29 – Melkweg, Amesterdão, Holanda

SUNN O)))
FOTOS: ADEL SHOCHAT

CIRCLE

Um ano antes do 20º aniversário da editora de Greg Anderson, a sua filial europeia liderada por Guy Pinhas organizou o seu primeiro festival. Do pontapé de saída dado pelos **Vitamin X** e **Big|Brave** concluiu-se respectivamente que o palco secundário estava mais que preparado para reproduzir cacetada e que o principal permitia as extensões sónicas necessárias para receber os Sunn O))) mais tarde. Num ambiente próprio para drone glaciar, os **Wolfbrigade** foram peixe fora de água e, pese a clareza de som e ferocidade dos suecos, deixaram mais e melhores memórias há uns meses no SMSF em Beja. Sob um desagradável jogo de luzes, os **Okkultokrati** tiveram uma bela prestação. Nela, «Raspberry Dawn» soou mais contundente e, aquando das passagens de ênfase repartido entre voz, sintetizadores e *leads* de guitarra, bem reminiscente da banda de Luxúria Canibal. A segunda sala teve a sua maior enchente para receber os **Circle** e a sua fascinante e divertida festa psicadélica. Uma actuação para mais tarde recordar, com «Terminal» em destaque, devaneios de guitarra a rodos e uma intensa componente performativa, sobretudo entre Jussi Lehtisalo e Mika Rättö. O belíssimo concerto dos **Magma** quase não acontecia, com os instrumentos presos num aeroporto. A lendária banda francesa puxou dos galões e, com material emprestado (vale a pena ler a história contada sobre o baixo usado por Philippe Bussonnet na página da Southern Lord Europe), encantou os presentes com uma execução soberba do seu intrincado rock progressivo. Os **Unsane**, recentemente regressados com «Sterilize», deram uma autêntica lição de como dar um concerto de noise rock bruto, directo e suado, campeonato no qual são de resto intocáveis. Prefácio perfeito para enfim assistir aos sempre colossais **Sunn O)))**. A actuação iniciou-se com drones vocais do Attila Csihar e, durante a primeira hora, desenvolveu-se num volume surpreendente baixo que teve o condão de evidenciar os vários pormenores da instrumentação adicional. Antes do apoteótico final com os cinco músicos em palco, incluindo o Attila com o manto de espelhos e lasers, tivemos uma sessão de Sunn O))) em estado puro. Anderson e O'Malley, duas guitarras, mais de uma dezena de amplificadores, frequências respiráveis e um volume gigantesco. Ser a primeira edição e durar um só dia pode ter-lhe tirado ambiente de festival, mas entre a curadoria imaculada, cuidado com som e horários, e os concertos em si, temos motivos mais que suficientes para querer mais para o ano. **[L.P.]**

AGENDA

POWERED BY
WONDERWORKER
DENIM LABORATORY
— RESEARCH & DEVELOPMENT —

12.10-11 – NAPALM DEATH

DEZEMBRO

01 – Lacuna Coil [Ita] / Liv Kristine [Nor] / Green Carnation [Nor] / The Foreshadowing [Ita] / Cellar Darling [Sui] / Inhuman – Lisboa Ao Vivo, Lisboa ***Under The Doom V***
01 – Grunt / Vizir / ChaosxA.D. – Associação A062, Silos, Caldas da Rainha ***Caldas Late Grind***
01 – Gold [Hol] – Cave 45, Porto
01 – Bad! / Systemik Viølence – Cave Avenida, Viana do Castelo
02 – In The Woods... [Nor] / Novembers Doom [E.U.A.]/ Ahab [Ale] / Process Of Guilt / Gold [Hol] / Funeralium [Fra] – RCA Club, Lisboa ***Under The Doom V***
02 – Marthyrium [Esp] / Irae / Infernus / Mons Veneris / Ordem Satânica / Degredo / Trono Além Morte – Metalpoint, Porto ***Invicta Requiem Mass III***
02 – Destroyers Of All / Enblood / Animalesco, O Método / Suspeitos Do Costume / Liber Mortis – Brunheiras, V.N. Milfontes ***Vendaval Metal Fest***
02 – Dokuga / Cruelist / Bad! / Systemik Viølence – Cave 45, Porto
02 – Grunt / (...) – Stairway Club, Cascais
07 – Moonspell – Cine-Teatro Louletano, Loulé
07 – VNV Nation [Ale] / (...) – Hard Club, Porto
09 – Bizarra Locomotiva / She Pleasures Herself – RCA Club, Lisboa ***Álbum Negro***
09 – Mão Morta – Cineteatro António Lamoso, Santa Maria da Feira ***25 Anos Mutantes S21***
09 – Sacred Sin / Secret Chord – DRAC, Figueira da Foz
10 – Napalm Death [Ing] / Deathrite / Besta – Hard Club, Porto
11 – Napalm Death [Ing] / Deathrite / Besta – RCA Club, Lisboa
16 – Desire / Dark Oath – RCA Club, Lisboa
16 – Undergang [Din] / Phrenelith [Din] / Derrame / Happy Farm – Metalpoint, Porto
16 – Simbiose / No Hope – A9, Santarém
16 – Systemik Viølence / Scum Liquor / Roädscüm – Disgraça, Lisboa
16 – SpeeDemon / 15 Freaks / Toxikull / Negra – A-dos-Loucos, V.F. Xira
16 – Besta / Pigball – Bar "Os Penicheiros", Barreiro
22 – Ravensire / Cape Torment / Mindtaker / Tument – Stairway Club, Cascais ***Carnatal XVII***
23 – Holocausto Canibal / Web / M.O.R.G. / (...) – Cave 45, Porto ***Not A XXXmas Fest***
29 – Heavenwood / Equaleft / (...) – Hard Club, Porto ***25 Anos***
30 – Heavenwood / Attick Demons / Inner Blast / Toxikull / Venice Cathouse / Leatherplain / Zurrapa – Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul ***Milagre Metaleiro***

JANEIRO 2018

06 – Acid Reign [Ing] / Tokyo Blade [Ing] / Picture [Hol] / God Macabre [Sue] / Solstice [Ing] / Panychida [R.C.] / Holocausto Canibal / Revolution Within / Bleeding Display / Mr. Miyagi / AntiVoid / Rotten Rights – Centro Cultural Santo André, Mangualde ***24.º Mangualde Hard Metal Fest***
13 – Bizarra Locomotiva – Hard Club, Porto, Lisboa ***Álbum Negro***
14 – While She Sleeps [Ing] – Hard Club, Porto
15 – While She Sleeps [Ing] – RCA Club, Lisboa
16 – While She Sleeps [Ing] – Bar Bafo de Baco, Loulé
19/20 – Katalepsy [Rus] / Extermination Dismembrement [Bie] / Gutalax [R.C.] / Grog / Analepsy / Korpse [Hol] / Omnipotent Hysteria [Ing] / Serrabulho / Bleeding Display / Guineapig [Ita] / Ho-Chi Minh / Kalyuga [Fra/Tun] / Besta / Dead Meat / Embrace Your Punishment [Fra] / The Voynich Code / Shoryuken / Burned Blood – RCA Club, Lisboa ***XXXapada na Tromba – Freak N' Grind Fest 2018***

FEVEREIRO

01 – Metallica [E.U.A.] / Kvelertak [Nor] – MEO Arena, Lisboa
03 – Comeback Kid [Can] / Nasty [Bel] / Backflip – Hard Club, Porto
04 – Comeback Kid [Can] / Nasty [Bel] / Backflip – RCA Club, Lisboa
09 – Rotting Christ [Gre] / Carach Angren [Hol] / Svart Crown [Fra] – Hard Club, Porto
10 – Rotting Christ [Gre] / Carach Angren [Hol] / Svart Crown [Fra] – RCA Club, Lisboa
18 – The Haunted [Sue] / Norunda / The Descent [Esp] – RCA Club, Lisboa
18 – Venenum [Ale] / Slaegt [Din] – Metalpoint, Porto
21 – Therion [Sue] / Imperial Age [Rus] / Null Positiv [Ale] – Hard Club, Porto
22 – Therion [Sue] / Imperial Age [Rus] / Null Positiv [Ale] – Lisboa Ao Vivo

MARÇO

03 – Pestilence [Hol] / Sacred Sin / Pestifer – RCA Club, Lisboa
29 – Angra [Bra] / Geoff Tate's Peration: Mindcrime [E.U.A.] / Halcyon Way [E.U.A.] – Hard Club, Porto

01.06 – HARD METAL FEST

02.01 – METALLICA

30 – Angra [Bra] / Geoff Tate's Peration: Mindcrime [E.U.A.] / Halcyon Way [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
30 – Machine Head [E.U.A.] / (...) – Coliseu dos Recreios, Lisboa
31 – Machine Head [E.U.A.] / (...) – Coliseu Porto, Porto

ABRIL

03 – August Burns Red [E.U.A.] / The Voynich Code / Borderlands – Hard Club, Porto
04 – August Burns Red [E.U.A.] / The Voynich Code / Borderlands – RCA Club, Lisboa
06/07 – The Exploited [Ing] / Vader [Pol] / Benighted [Fra] / Suicidal Angels [Gre] / Bizarra Locomotiva / Filii Nigrantium Infernalium / Iberia / Switchtense / For The Glory / Sacred Sin / Malevolence [Ing] / Viralata / Terror Empire / Equaleft / Dead Meat / Low Torque / Wells Valley / Toxikull / Dark Oath – Largo Pavilhão Municipal, Moita ***Moita Fest 2018***
09 – Insomnium [Fin] / Tribulation [Sue] – Hard Club, Porto
10 – Insomnium [Fin] / Tribulation [Sue] – RCA Club, Lisboa
27-29 – Suffocation [E.U.A.] / Carpathian Forest [Nor] / Nifelheim [Sue] / Cock And Ball Torture [Ale] / Filii Nigrantium Infernalium / Evil Invaders [Bel] / Interment [Sue] / Sourvein [E.U.A.] / Process Of Guilt / Dyscarnate [Ing] / Hexis [Din] / Nekromantheon [Nor] / Teethgrinder [Hol] / Andralls [Bra] / Départe [Aus] / (...) – Barroselas ***SWR Fest XXI***

MAIO

13 – Graham Bonnet Band [Ing] – RCA Club, Lisboa
19 – Tank [Ing] / Killer [Bel] / Witchtower [Esp] / Attick Demons / Alkateya / Wanderer – Another Place, Almada ***Metal Keeper Fest II***

JUNHO

27 – Marilyn Manson [E.U.A.] – Campo Pequeno, Lisboa

JULHO

02 – Ozzy Osbourne [Ing] / Judas Priest [Ing] – Altice Arena, Lisboa
13 – Iron Maiden [Ing] – Altice Arena, Lisboa
13 – Queens Of The Stone Age [E.U.A.] / (...) – Passeio Marítimo, Algés NOS Alive 2018
26-29 – Septicflesh [Gre] / Tarantula / Crisix [Esp] / Mata-Ratos / Hills Have Eyes / (...) – Famalicão ***Laurus Nobilis Music 2018***

AGOSTO

09-12 – Cradle Of Filth [Ing] / Converge [E.U.A.] / Dragonforce [Ing] / Ensiferum [Fin] / Sinister [Hol] / Bölzer [Sui] / Attic [Ale] / Serrabulho / Gwydion / Blame Zeus / Invoke / In Vein / (...) – Quinta do Ega, Vagos ***Vagos Metal Fest 2018***

PRÓXIMA LOUD! **#202**

MACHINE HEAD HAMMERFALL TRIBULATION
CORROSION OF CONFORMITY CAVALERA CONSPIRACY
AUTOPSY EARTH DRIVE SYSTEMIK VIØLENCE

CHAOSPHERE RECORDINGS

PROUDLY PRESENTS

FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM
"INMUNDITIA ODII PLENA"

KULTLP005

150 COPIES (DIE HARD EDITION)
12" SPLATTER VINYL GATEFOLD DELUXE w/ A4 BOOKLET + POSTER + LIVE TAPE
350 COPIES (REGULAR EDITION)
12" BLACK VINYL GATEFOLD DELUXE w/ A4 BOOKLET + POSTER

The return to The Kult Series with the long-awaited release of "Os Métodos Do Pentagrama" demo-tape from 1993, remastered for vinyl, with the Bactherion (pre-FNI) "The Miracle Of Death" demo-tape from 1991 as bonus!!!

DECAYED
"LIVE MMXVII"

CHAOSCP028

LIMITED EDITION CD - 333 NUMBERED COPIES

Celebrating the new line-up as a power trio, this unholy trinity delivers it's massive old school black metal with the intensity of the end of the world!!!

Glam-O-Rama ROCK SHOP
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

BEFORE IT WAS AUTUMN AND FALL,

IT WAS HARVEST!

SYSTEMIK VIOLENCE
"SATANARKIST ATTACK"

CHAOSV028

LTD. EDT. 12" VINYL
200 BLACK VINYL + 100 YELLOW VINYL

The first full-length from these bastards: noisy raw d-beat metallic punk! F.O.A.D.!!!

MIDNIGHT PRIEST
"RAINHA DA MAGIA NEGRA"

CHAOSV022

LTD. EDT. 12" VINYL
500 COPIES

Heavy Metal in all it's greatness! Their first EP with their first Demo "The Priest Is Back" as bonus!!!

DISAFFECTED
"THE TRINITY THRESHOLD"

CHAOSCP027

LTD. EDT. CD
500 COPIES

The third effort from the Portuguese Progressive Death Metal masters! Another step into astral projection!!!

A TREE OF SIGNS
"INITIATION OF LIGHT"

CHAOSCP026

LTD. EDT. CD
500 COPIES

The newest release for this Psych Stoner Doom combo! Another ritual, another initiation!!!

Glam-O-Rama ROCK SHOP
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

MACHINE HEAD

NEW ALBUM
WATCH OUT!

Catharsis

LIVE 2018!
30.03. Lisbon - Coliseu
31.03. Porto - Coliseu

CD+DVD-DIGIPAK | LIMITED BOX SET | 2LP IN GATEFOLD
2LP PICTURE VINYL IN GATEFOLD | CD | DOWNLOAD

IN STORES 26.01.2018

20 YEAR ANNIVERSARY EDITION OF THE HEAVY METAL MILESTONE

LIMITED DELUXE EDITION BOX - IN STORES 15.12.
incl. the remastered album with 2 BONUS TRACKS, a BONUS live CD and a BONUS DVD (over 2 h running time) incl. the Dynamo concert (1998), new live material (2016), interviews & 60-page booklet!

2LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD - IN STORES 01.12.

The legendary line-up with the brand new song "PUMPKINS UNITED"

Available as 10" BLACK VINYL LP | DOWNLOAD - IN STORES 08.12.

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-92 80 26 - Fax +49 (0) 7162-24554 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!